

Miriam Toews

A voz das mulheres

Tradução de Ana Maria Pereirinha



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Miriam Toews

A voz das mulheres

Tradução de Ana Maria Pereirinha



Miriam Toews

A voz das mulheres

Tradução de Ana Maria Pereirinha

ALFAGUARA





Edição em formato digital: setembro de 2023

A VOZ DAS MULHERES

Título original: *Women Talking*

© 2018, Miriam Toews

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Proibida a venda no Brasil

Alfaguara é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do
copyright.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Ana Maria Pereirinha

Revisão: Maria de Fátima Carmo

Capa: Filipa Pinto

ISBN: 978-989-787-392-8

Composição digital: M.I. Maquetación, S. L.

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

Índice

A voz das mulheres

Créditos

Dedicatória

Nota sobre o romance

Atas das conversas das mulheres

6 DE JUNHO

August Epp, Antes da Reunião

6 DE JUNHO

Atas das Conversas das Mulheres

6 DE JUNHO

August Epp, à Noite, Entre Reuniões

7 DE JUNHO

Atas das Conversas das Mulheres

7 DE JUNHO

August Epp, Após a Reunião

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Miriam Toews

Para a Marj
ricordo le risate

E para o Erik
e ancora ridiamo

NOTA SOBRE O ROMANCE

Entre 2005 e 2009, numa remota colônia menonita na Bolívia, conhecida como Colônia de Manitoba, assim chamada devido à província do Canadá com esse nome, muitas raparigas e mulheres acordavam de manhã a sentirem-se zonzas e doridas, cheias de equimoses e a sangrar, por terem sido atacadas durante a noite. Os ataques foram atribuídos a fantasmas e a demónios. Alguns membros da comunidade eram da opinião de que as mulheres estavam a ser castigadas por Deus ou por Satanás, punidas pelos seus pecados; muitos acusavam as mulheres de estarem a mentir para chamar a atenção ou para encobrir adultérios; outros ainda acreditavam que tudo era o resultado da imaginação feminina desvairada.

Acabou por se descobrir que oito homens da colônia estavam a usar um anestésico veterinário para pôr as suas vítimas inconscientes e as violar. Em 2011, esses homens foram condenados por um tribunal boliviano a longas penas de prisão. Em 2013, enquanto os homens condenados ainda estavam na prisão, foi relatado que agressões semelhantes e outros abusos sexuais continuavam a ocorrer na colônia.

A Voz das Mulheres é uma reação a estes acontecimentos da vida real através da ficção, e é também um ato de imaginação feminina.

MT

ATAS DAS CONVERSAS DAS MULHERES

Referentes às reuniões na Colónia de Molotschna nos dias 6 e 7 de junho de 2009, conforme registadas por August Epp.

Estiveram presentes:

As mulheres da família Loewen

Greta, a mais velha

Mariche, a filha mais velha de Greta

Mejal, uma filha mais nova de Greta

Autje, uma filha de Mariche

As mulheres da família Friesen

Agata, a mais velha

Ona, a filha mais velha de Agata

Salome, uma filha mais nova de Agata

Neitje, uma sobrinha de Salome

6 DE JUNHO

August Epp, Antes da Reunião

Chamo-me August Epp — o que é irrelevante para todos os efeitos, além do de ter sido nomeado secretário das reuniões de mulheres, porque as mulheres são analfabetas e incapazes de o fazer por elas próprias. E como estas são as atas, e eu o secretário (e como sou professor e ensino os meus alunos diariamente a fazer o mesmo), sinto que o meu nome deve constar no cimo da página, ao pé da data. Ona Friesen, também da Colónia de Molotschna, é a mulher que me perguntou se eu lavraria as atas — embora ela não tenha usado a palavra «atas», mas sim perguntado se eu registaria as reuniões e criaria um documento referente a elas.

Tivemos esta conversa ontem à tarde, parados no caminho de terra entre a casa dela e a cabana onde estou alojado desde que regressei à colónia, há sete meses. (Uma solução temporária, segundo Peters, o bispo de Molotschna. «Temporário» pode significar qualquer período de tempo, porque Peters não está comprometido com um entendimento convencional de horas e dias. Estamos aqui, ou no céu, por uma eternidade, e não precisamos de saber mais nada. As melhores casas da colónia são para famílias, e eu estou sozinho, portanto é possível que fique a viver para sempre na cabana, o que na verdade não me incomoda. É maior do que uma cela de prisão e tem tamanho suficiente para mim e para um cavalo.)

Ona e eu evitámos as sombras enquanto conversávamos. A certa altura, a meio de uma frase, o vento levantou-lhe a saia e eu senti a bainha roçar na minha perna. Íamos dando passos para o lado, para o sol, uma vez e outra, à medida que as sombras se alongavam, até que a luz do Sol desapareceu e Ona se riu e ameaçou o Sol poente com o punho, chamando-lhe traidor, cobarde. Eu debati-me com a ideia de lhe explicar os hemisférios, de que temos de partilhar o Sol com outras partes do mundo, que se pudéssemos observar a Terra do espaço conseguiríamos ver até quinze pores do Sol e nasceres do Sol num dia... e que talvez ao partilhar o Sol o mundo pudesse aprender a partilhar tudo, aprender que tudo pertence a todos. Mas limitei-me a assentir. Sim, o Sol é um cobarde. Como eu. (Também me mantive em silêncio porque

tinha sido essa minha tendência para acreditar com tamanha veemência que todos podíamos partilhar tudo que me levara à prisão havia não muito tempo.) A verdade é que não sou um grande conversador, e no entanto, infelizmente, sofro a cada minuto a agonia do pensamento não expresso.

Ona riu-se de novo, e o seu riso deu-me coragem, e tive vontade de lhe perguntar se para ela eu era uma lembrança física do mal, e se era isso que a colónia me considerava, mau, não porque tivesse estado na prisão, mas por causa do que tinha acontecido havia muito tempo, antes de ter sido encarcerado. Em vez disso, concordei simplesmente em lavrar as atas, claro — não tenho escolha a não ser concordar, porque eu faria qualquer coisa por Ona Friesen.

Perguntei-lhe por que razão queriam as mulheres um registo das suas reuniões, se não iam ser capazes de o ler. Ona, que sofre de *Narfa*, ou nervosismo — tal como eu, vindo o meu nome, Epp, de choup, o choup-tremedor, a árvore com folhas que tremem, a árvore a que às vezes chamam «língua de mulheres» porque as suas folhas estão sempre em movimento —, disse o seguinte em resposta:

Nessa manhã, muito cedo, tinha visto dois animais: um esquilo e um coelho. Ona tinha visto como o esquilo investiu contra o coelho, correndo a toda a brida. No instante em que o esquilo estava prestes a fazer contacto com o coelho, este deu um grande pulo para o ar, de mais de meio metro de altura. O esquilo, confuso, ou assim pensou Ona, virou-se então e investiu sobre o coelho do outro lado, apenas para encontrar o espaço vazio uma vez mais, pois o coelho, no último segundo, deu outro grande pulo, evitando o contacto com o esquilo.

Eu gostei desta história porque era Ona que a estava a contar, mas não entendi exatamente aonde ela queria chegar, ou o que tinha a história a ver com a ata.

Eles estavam a brincar!, disse ela.

A sério?, perguntei.

Ona explicou: Talvez ela não devesse ter visto o esquilo e o coelho a brincarem. Tinha sido de manhã muito cedo, numa altura em que apenas Ona andava a vaguear pela colónia, com o cabelo meio destapado, a bainha do vestido enxovalhada, uma figura suspeita — a filha do diabo, como Peters lhe chamava.

Mas viste?, perguntei-lhe. Viste essa brincadeira secreta?

Vi, disse ela, vi com os meus próprios olhos — que nesse momento, ao contar a história, brilhavam de entusiasmo.

As reuniões foram organizadas à pressa por Agata Friesen e Greta Loewen em resposta aos estranhos ataques que assombravam as mulheres de Molotschna nos últimos anos. Desde 2005, quase todas as raparigas e mulheres foram violadas por aquilo que muitos na colónia acreditavam ser fantasmas, ou Satanás, supostamente como castigo pelos seus pecados. Os ataques ocorriam à noite. Enquanto as famílias dormiam, as raparigas e as mulheres eram adormecidas com um borrifo do anestésico usado nos nossos animais da quinta, feito da planta da beladona. Na manhã seguinte, elas acordavam doridas, atordoadas e muitas vezes a sangrar, sem perceberem porquê. Há pouco tempo, descobriu-se que os oito demónios responsáveis pelos ataques eram homens de carne e osso, de Molotschna, muitos deles parentes próximos — irmãos, primos, tios, sobrinhos — das mulheres.

Eu reconheci vagamente um dos homens. Ele e eu brincávamos juntos quando éramos crianças. Ele sabia o nome de todos os planetas, ou então inventava-os. Deu-me a alcunha de *Froag*, que na nossa língua significa «pergunta». Lembro-me de que quis dizer-lhe adeus antes de deixar a colónia com os meus pais, mas a minha mãe disse-me que ele estava a ter dificuldades com os molares dos doze anos e tinha contraído uma infeção e estava confinado ao quarto. Agora não tenho a certeza se isso era verdade. De qualquer forma, nem este rapaz nem ninguém da colónia se despediu de nós, quando partimos.

Os outros culpados são muito mais novos do que eu e ou não tinham nascido, ou eram bebés e crianças quando eu saí com os meus pais, e por isso não tenho nenhuma lembrança deles.

Molotschna, como todas as nossas colónias, tem uma polícia própria. A princípio, Peters planeava prender os homens numa cabana (semelhante àquela em que eu vivo) durante várias décadas, mas cedo se tornou evidente que a vida dos homens estava em perigo. A irmã mais nova de Ona, Salome, atacou um dos homens com uma foice, e outro foi pendurado pelas mãos por um grupo de colonos bêbedos e furiosos, parentes masculinos das vítimas, num ramo de uma árvore. Morreu lá, aparentemente esquecido, quando os homens bêbedos e furiosos ficaram inconscientes no campo de sorgo perto da árvore. Depois disso, Peters, em conjunto com os anciãos, decidiu chamar a polícia e mandar prender e levar os homens para a cidade, supostamente para sua própria segurança.

Os restantes homens da colónia (à exceção dos senis, dos decrépitos, e de mim, por razões humilhantes) foram todos à cidade com o fim de pagar uma fiança pelos atacantes presos, na esperança

de eles poderem regressar a Molotschna enquanto aguardam julgamento. Quando os perpetradores regressarem, será dada oportunidade às mulheres de Molotschna para perdoarem a esses homens, garantindo assim o lugar de todos no céu. Se as mulheres não perdoarem aos homens, diz Peters, elas terão de abandonar a colónia e ir para o mundo exterior, do qual não conhecem nada. As mulheres têm muito pouco tempo, apenas dois dias, para organizarem a sua resposta.

Ontem, como me foi dito por Ona, as mulheres de Molotschna votaram. Havia três opções no boletim.

1. Não Fazer Nada.
2. Ficar e Lutar.
3. Partir.

Cada opção era acompanhada por uma ilustração do seu significado, porque as mulheres não sabem ler. (Nota: Não é minha intenção apontar constantemente o facto de as mulheres não saberem ler — apenas quando é necessário para explicar certas ações.)

Neitje Friesen, de dezasseis anos, filha da falecida Mina Friesen e agora sob tutela permanente da sua tia Salome Friesen (o pai de Neitje, Balthasar, foi enviado há alguns anos por Peters para um remoto canto no sudoeste do país, a fim de comprar doze potros, e ainda não voltou), desenhou as ilustrações:

«Não Fazer Nada» foi acompanhada por um horizonte vazio. (Embora eu pense, mas não tenha dito, que isso poderia ser igualmente usado para ilustrar a opção «Partir».)

«Ficar e Lutar» foi acompanhada por um desenho de dois membros da colónia envolvidos num duelo com facas sangrentas. (Considerado muito violento pelas outras, mas o seu significado é claro.)

E a opção «Partir» foi acompanhada por um desenho de um cavalo visto de trás. (Mais uma vez pensei, mas não o disse, que isto sugere que as mulheres estão a ver *outros* partir.)

A votação resultou num impasse entre os números dois e três, duelo de facas sangrentas e o cavalo visto de trás. As mulheres Friesen, principalmente, querem ficar e lutar. As Loewens preferem partir, embora haja indícios de mudanças de opinião em ambos os campos.

Há também algumas mulheres em Molotschna que votaram em não fazer nada, deixar as coisas nas mãos do Senhor, mas essas não

estarão hoje presentes. A mais eloquente das mulheres do Não Fazer Nada é Janz da Cara Cortada, membro fiel da colônia, a endireita oficial, também conhecida por ter um excelente olho para medir distâncias. Uma vez explicou-me que, enquanto natural de Molotschna, tinha tudo o que queria: bastava-lhe convencer-se de que queria muito pouco.

Ona informou-me que Salome Friesen, uma temível iconoclasta, tinha assinalado na reunião de ontem que «Não Fazer Nada» não era, na realidade, uma opção, mas que permitir que as mulheres *votassem* em «Não Fazer Nada» lhes daria, pelo menos, algum poder de decisão. Mejal (que significa «menina» em *plautdietsch*) Loewen, uma simpática fumadora compulsiva que tem duas pontas de dedos amarelas e aquilo que eu suspeito deva ser uma vida secreta, concordara. Mas, contou-me Ona, Mejal também fez notar que ninguém tinha concedido a Salome Friesen a autoridade para poder declarar o que constitui a realidade ou quais são as opções. Ao que parece, as restantes mulheres Loewen haviam concordado com isto com um gesto de cabeça, enquanto as mulheres Friesen expressaram impaciência com gestos rápidos e desdenhosos. Este tipo de conflito menor ilustra bem o timbre do debate entre os dois grupos, as Friesens e as Loewens.

No entanto, porque o tempo é curto e urge tomar uma decisão, as mulheres de Molotschna decidiram por consenso permitir que estas duas famílias debatam os prós e os contras de cada opção — excluindo a opção «Não Fazer Nada», que a maioria das mulheres na colônia descarta como *dummheit* — e decidam o que é mais conveniente para, a partir daí, se escolher a melhor forma de pôr em prática essa opção.

Uma nota de tradução: As mulheres falam em *plautdietsch*, ou baixo-alemão, a única língua que conhecem e a língua que é falada por todos os membros da Colônia de Molotschna — embora os rapazes de Molotschna aprendam agora um inglês rudimentar na escola, e os homens também falem um pouco de espanhol. O *plautdietsch* é uma língua medieval sem escrita, moribunda, constituída por uma mistura de alemão, holandês, pomerano e frísio. Restam muito poucos falantes de *plautdietsch* no mundo, e são todos menonitas. Menciono isto para explicar que, antes de lavrar as atas das reuniões, tenho de traduzir para inglês (rápida e mentalmente) o que as mulheres estão a dizer, de forma a poder anotá-lo.

E mais uma nota, também irrelevante para o debate das mulheres, mas necessária para explicar neste documento a razão

pela qual sou capaz de ler, escrever e entender o inglês: aprendi-o em Inglaterra, onde os meus pais foram morar depois de terem sido excomungados pelo bispo de Molotschna, que à época era Peters Senior, pai de Peters, o atual bispo de Molotschna.

Em Inglaterra, durante o quarto ano da universidade, sofri um colapso nervoso (*Narfa*) e vi-me envolvido em certas atividades políticas que acabaram por me valer a expulsão e a prisão durante algum tempo. Enquanto estava preso, a minha mãe morreu. O meu pai desaparecera anos antes. Não tenho irmãos porque o útero da minha mãe teve de ser removido após o meu nascimento. Em suma, eu não tinha nada nem ninguém em Inglaterra, embora tivesse conseguido, durante o tempo na prisão, completar o curso de Magistério por correspondência. Vendo-me em apuros, sem casa e meio louco — ou totalmente louco —, tomei a decisão de me suicidar.

Enquanto investigava as várias opções possíveis na biblioteca pública mais próxima do parque de que fiz minha casa, adormeci. Estive a dormir durante imenso tempo e acabei por ser gentilmente despertado pela bibliotecária, que me disse que tinha de sair porque a biblioteca ia fechar. Então a bibliotecária, uma senhora com uma certa idade, notou que eu tinha estado a chorar e que tinha um ar desalinhado e consternado. Perguntou-me o que tinha. Eu contei-lhe a verdade: não queria viver mais. Ela ofereceu-se para me pagar o jantar e, enquanto estávamos a jantar no restaurantezinho que ficava em frente à biblioteca, perguntou-me de onde eu era, de que parte do mundo.

Respondi-lhe que era de uma parte do mundo que tinha sido fundada para ser o seu próprio mundo, à parte do resto. De certa forma, disse-lhe eu, o meu povo (lembro-me de pronunciar as palavras «o meu povo» com ironia, e de me sentir imediatamente envergonhado e pedir perdão cá para dentro) não existe, ou pelo menos é essa a ideia que quer transmitir, que não existe.

E talvez não seja preciso muito para tu acreditares que *na verdade* não existes, disse ela. Ou que a tua própria existência corpórea é uma perversidade.

Não tive a certeza do que ela queria dizer com aquilo e cocei a cabeça furiosamente, como um cão com carraças.

E depois disso?, perguntou ela.

Estive uns tempos na universidade, e depois na prisão, respondi-lhe.

Ah, disse ela, talvez os dois sítios não se excluam mutuamente.

Sorri com um ar parvo. A minha incursão no mundo resultou

na minha retirada do mundo, disse-lhe.

Quase como se tivesse sido trazido à existência para não existires, disse ela, rindo.

Escolhido para me conformar. Sim, concordei, tentando rir com ela. Nascido para não ser.

Imaginei o meu pequeno ser aos gritos, a ser retirado do ventre da minha mãe e depois o próprio útero a ser-lhe arrancado à pressa e atirado pela janela, para evitar quaisquer outras abominações — este nascimento, este rapaz, a nudez dele, a vergonha dela, a vergonha dele, a vergonha de ambos.

Disse à bibliotecária que era difícil explicar de onde era.

Conheci um viajante de uma terra antiga^[1], disse ela, evidentemente citando um poeta que conhecia e amava.

Mais uma vez não tive a certeza do que ela queria dizer, mas assenti. Expliquei-lhe que as minhas origens eram menonitas, da Colónia de Molotschna, e que quando tinha doze anos os meus pais foram excomungados e nos mudámos para Inglaterra. Ninguém se despediu de nós, contei-lhe (viverei para sempre com a vergonha de ter dito uma coisa tão lamentável). Durante anos, acreditei que havíamos sido forçados a deixar Molotschna porque eu tinha sido apanhado a roubar peras numa quinta da colónia vizinha de Chortiza. Em Inglaterra, onde aprendi a ler e a escrever, desenhei o meu nome com pedras num grande campo verde, para que Deus me encontrasse rapidamente e o meu castigo fosse completo. Também tentei desenhar a palavra «confissão» com pedras do muro do nosso jardim, mas a minha mãe, Monica, notara que o muro entre o nosso jardim e o dos vizinhos estava a desaparecer. Um dia, seguiu-me até ao meu campo verde, seguindo a pista do sulco estreito que a roda do carrinho de mão traçara na terra, e apanhou-me em flagrante, a tentar entregar-me a Deus usando as pedras do muro para assinalar a minha localização com letras enormes. Fez-me sentar no chão em frente dela, envolveu-me nos seus braços e não disse nada. Ao fim de um pouco, disse-me que tinha de devolver as pedras ao muro. Perguntei se as poderia devolver só depois de Deus me encontrar e me castigar. Estava tão exausto de esperar o castigo que queria resolver o assunto de uma vez. Ela perguntou-me porque achava eu que Deus me queria castigar, e eu contei-lhe das peras, e dos meus pensamentos em relação às raparigas, e dos meus desenhos, e do meu desejo de vencer nos desportos e ser o mais forte. contei-lhe como era vaidoso, competitivo e lascivo. Então a minha mãe riu-se, voltou a abraçar-me e pediu desculpa por se rir. Disse-me que eu era um rapaz normal, era um filho de Deus — de um Deus que nos

amava, apesar do que pudessem dizer dele —, mas que os vizinhos estavam perturbados com o desaparecimento do muro e eu ia ter de devolver as pedras.

Contei tudo isto à bibliotecária.

Ela respondeu que percebia a razão pela qual a minha mãe tinha dito o que disse, mas que se fosse ela a estar lá, se ela tivesse sido minha mãe, me teria dito outra coisa. Ter-me-ia dito que eu *não era* normal — que eu era inocente, sim, mas tinha uma necessidade invulgarmente profunda de ser perdoado, ainda que não tivesse feito nada de mal. A maior parte de nós, disse ela, absolve-se da responsabilidade pela mudança romantizando o próprio passado. E então vivemos em liberdade e com alegria, se não inteiramente felizes, pelo menos sem uma tremenda angústia. A bibliotecária riu-se. Disse que, se tivesse estado naquele campo verde comigo, me teria ajudado a ter a sensação de ser de alguma forma perdoado.

Mas perdoado pelo quê, exatamente?, perguntei-lhe. Por roubar peras, por desenhar raparigas nuas?

Não, não, disse a bibliotecária, perdoado por estares vivo, por estares no mundo. Pela arrogância e pela futilidade de permaneceres vivo, o ridículo, a repugnância, e a irrazoabilidade disso. É esse o teu sentimento, acrescentou, a tua lógica interna. Acabaste de mo explicar.

Depois continuou dizendo-me que, em sua opinião, a dúvida, a incerteza e o questionamento estão inextricavelmente ligados à fé. Uma existência intensa, disse ela, uma maneira de estar no mundo, não te parece?

Eu sorri. Cocei-me. O mundo, repeti.

De que te lembras tu em Molotschna?

Da Ona, respondi. Da Ona Friesen.

E comecei a falar-lhe da Ona Friesen, uma rapariga da minha idade, a mesma mulher que agora me pediu para lavrar a ata da reunião.

Depois de uma longa conversa com a bibliotecária, durante a qual falei principalmente, embora não exclusivamente, sobre a Ona — como tínhamos brincado, como tínhamos medido as estações pelo ínfimo crescimento da luz, como tínhamos fingido ser discípulos rebeldes, a princípio incompreendidos pelo nosso líder, Jesus, e depois saudados postumamente como heróis, como tínhamos feito justas a cavalo com postes das cercas (correndo a toda a brida, como cavaleiros, como o esquilo e o coelho de Ona), como nos tínhamos beijado, como havíamos lutado — a

bibliotecária sugeriu que eu retornasse a Molotschna, ao lugar onde a vida tinha feito sentido para mim, ainda que brevemente, ainda que apenas num jogo imaginário na última luz do Sol poente, e que pedisse ao bispo (Peters, o mais novo, que tinha a mesma idade que a minha mãe) para me aceitar na colônia como membro. (Eu não disse à bibliotecária que isso também significaria pedir a Peters que me perdoasse os pecados dos meus pais, pecados que diziam respeito à posse de materiais intelectuais e à distribuição e divulgação dos referidos materiais, embora fossem apenas livros de arte, fotografias de pinturas que o meu pai tinha encontrado no lixo, nas traseiras de uma escola da cidade, e embora ele fosse culpado apenas de compartilhar as imagens com outros membros da colônia, pois nem sabia ler o texto.) Ela também sugeriu que me oferecesse para ensinar inglês aos meninos de Molotschna, um idioma de que eles iriam precisar para fazer negócios fora da colônia. E disse que eu devia voltar a ser amigo da Ona Friesen.

Não tinha nada a perder. Levei estes conselhos a sério.

A bibliotecária pediu ao marido que me desse um emprego de motorista no seu serviço de limusines para o aeroporto e, embora eu não tivesse uma carta de condução válida, trabalhei para ele durante três meses, para ganhar dinheiro suficiente para comprar um bilhete para Molotschna. Durante este tempo, dormi no sótão de um albergue de juventude. À noite, quando sentia a cabeça prestes a explodir, obrigava-me a ficar deitado, tão imóvel quanto possível. Todas as noites, naquele albergue, enquanto estava imóvel na minha cama, fechava os olhos e ouvia notas abafadas de música de piano, acordes soturnos sem vozes a acompanhá-los.

Uma manhã, perguntei ao homem que fazia a limpeza do albergue, e que também lá dormia, se alguma vez tinha ouvido uma música de piano com acordes tristes durante a noite. Ele respondeu-me que não, nunca. Acabei por perceber que a música que eu ouvia à noite, quando parecia que tinha a cabeça prestes a explodir, era o hino «Tu És Fiel, Senhor» (*Great Is Thy Faithfulness*), e que o que eu estava a ouvir era o meu próprio funeral.

Peters, que usa as mesmas botas pretas altas que eram do pai, ou pelo menos umas idênticas, avaliou o meu pedido de readmissão na colônia. Por fim, disse que permitiria que eu voltasse a entrar desde que renegasse os meus pais perante os anciãos (apesar de uma estar morta e o outro, desaparecido), me batizasse na igreja e concordasse em ensinar aos rapazes inglês básico e matemática simples em troca de acomodação (a já mencionada cabana) e três refeições por dia.

Eu disse a Peters que me batizaria e ensinaria os rapazes, mas que não renegaria os meus pais. Ele, nada satisfeito, mas desesperado para pôr os rapazes a aprender contabilidade, ou talvez porque a minha aparência o perturbasse, uma vez que eu era muito parecido com o meu pai, concordou.

Quando cheguei, na primavera de 2008, havia apenas murmúrios, fragmentos de murmúrios, sobre as misteriosas perturbações noturnas. Cornelius, um dos meus alunos, escreveu um poema chamado «O Estendal» no qual atribuiu vozes aos lençóis e às peças de roupa postas a secar no estendal da mãe, e as pôs a falarem umas com as outras, a enviarem mensagens para outras peças de roupa noutros estendais. Leu o poema à turma e todos os rapazes se riram. As casas ficam muito distantes umas das outras e não há luz elétrica em lado nenhum, seja dentro ou fora. À noite, as casas são pequenos túmulos.

Nessa tarde, no caminho de volta para a minha cabana, observei os estendais de Molotschna, vi os vestidos das mulheres a adejarem ao vento com os macacões dos homens, os lençóis, a roupa de cama e as toalhas. Escutei com atenção, mas não consegui entender o que eles diziam. Talvez, penso eu agora, porque eles não estavam a falar comigo. Estavam a falar uns com os outros.

No ano que se seguiu à minha chegada, as mulheres contaram sonhos que iam tendo, e por fim, à medida que as peças se iam encaixando, começaram a perceber que estavam a sonhar todas o mesmo sonho, e que não era sonho nenhum.

As mulheres das famílias Friesen e Loewen que se reuniram para o encontro de hoje representam três gerações de cada uma, e todas têm sido repetidamente vítimas dos ataques. Fiz alguns cálculos simples. Entre 2005 e 2009, mais de trezentas raparigas e mulheres de Molotschna foram drogadas e atacadas nas próprias camas. Em média, ocorreu um ataque a cada três ou quatro dias.

Por fim, Leisl Neustadter obrigou-se a ficar acordada noite após noite, até que apanhou um jovem a bisbilhotar à janela do seu quarto, com um borrifador de beladona numa mão. Leisl e a sua filha adulta lutaram com o homem até o atirarem ao chão e amarraram-no com o cordel da enfardadeira. Mais tarde, nessa manhã, Peters foi levado à casa delas para confrontar o jovem, Gerhard Schellenberg, e Gerhard indicara os nomes dos outros sete homens envolvidos nos ataques.

Quase todos os elementos femininos da Colónia de Molotschna

foram violados por este grupo de oito, mas a maioria (à exceção das raparigas demasiado jovens para entenderem estes procedimentos, e das mulheres, lideradas por Janz da Cara Cortada, que já escolheram exercer a opção «Não Fazer Nada») marcou um X ao lado do seu nome, indicando assim que estão contentes (e muitas delas felicíssimas) por não comparecerem às reuniões para decidir como responder. Em vez disso, contribuirão para o bem-estar da colónia, cuidando das tarefas, que são múltiplas agora que os homens estão fora, e que, se abandonadas por um dia que seja, resultarão num caos, em especial no que toca à ordenha e alimentação dos animais.

As mulheres mais jovens e despachadas das famílias Friesen e Loewen, Autje e Neitje, concordaram em fornecer às restantes mulheres da colónia relatórios verbais ao final do dia, quando todas estiverem de regresso às suas casas.

Agora, aguardo cá em cima, no palheiro do estábulo onde nos reunimos calmamente hoje de manhã, para fazer o que Ona me pediu.

[1] Primeiro verso do poema «Ozymandias», de Percy Bysshe Shelley. (*N. da T.*)

6 DE JUNHO

Atas das Conversas das Mulheres

Começamos por lavar os pés umas às outras. Isto demora o seu tempo. Cada uma lava os pés da pessoa sentada à sua direita. O lava-pés foi uma sugestão feita por Agata Friesen (mãe de Ona e Salome Friesen). Será um ato simbólico apropriado, que representa o nosso serviço uns aos outros, disse ela, tal como Jesus lavou os pés aos seus discípulos na Última Ceia, sabendo que a sua hora havia chegado.

Quatro das oito mulheres usam sandálias de plástico com meias brancas; duas, sapatos de couro resistentes, bastante gastos (e num dos casos cortados de lado, para permitir o crescimento de um joanete), com meias brancas; e as outras duas, as mais novas, usam ténis de corrida em lona com rasgões, também com meias brancas. As mulheres de Molotschna usam sempre meias, e parece ser regra que a parte superior das meias deve sempre alcançar a bainha do vestido.

As duas mais novas, Autje e Neitje, as que usam ténis de corrida, enrolaram as meias de forma rebelde (e elegante) em pequenos dónutes que lhes rodeiam os tornozelos. Nelas, é visível um pedaço de pele nua, vários centímetros de pele, entre a meia enrolada e a bainha do vestido, e picadas de insetos (provavelmente mosca negra e matacanha) a pontilhar a pele. Cicatrizes ténues, de queimaduras de corda ou de golpes, também são visíveis na pele exposta destas mulheres. Autje e Neitje, ambas com dezasseis anos, estão a ter dificuldade em se manter sérias durante o lava-pés, murmurando uma para a outra que faz cócegas, e quase desatando a rir ao tentarem dizer «Deus te abençoe» uma à outra, em voz solene, como as suas mães, tias e avós fizeram após cada lavagem.

Greta Loewen, a mais velha das mulheres Loewen (embora tenha nascido Penner), é quem começa. Exala uma dignidade profunda e melancólica enquanto fala das suas éguas, *Ruth* e *Cheryl*.

Descreve a maneira como, quando a *Ruth* (que é cega de um olho e tem sempre de ser atrelada à esquerda da *Cheryl*) e a *Cheryl* ficam assustadas com um ou mais dos *rottweilers* de Dueck no troço

de estrada que leva à igreja, o seu instinto imediato é fugir.

Nós já vimos isto acontecer, diz ela. (Depois destas frases curtas e declarativas, Greta tem o hábito de levantar os braços, esticar a cabeça para a frente e arregalar os olhos como se dissesse: Isto é um facto, estão a duvidar de mim?)

Greta explica que estas éguas, ao serem assustadas pelos estúpidos cães de Dueck, não se põem a organizar reuniões para determinar o que vão fazer a seguir. Fogem. E, ao fugir, escapam aos cães e ao perigo potencial.

Agata Friesen, a mais velha das mulheres Friesen (embora nascida Loewen), ri de forma encantadora, como faz com frequência, e concorda. Mas, Greta, constata ela, nós não somos animais.

Greta responde que fomos atacadas como animais; talvez devêssemos responder na mesma moeda.

Queres dizer que devemos fugir?, pergunta Ona.

Ou matar os nossos atacantes?, pergunta Salome.

(Mariche, a filha mais velha de Greta, até agora em silêncio, faz um esgar de troça.)

Nota: Tal como referi, Salome Friesen *atacou* os agressores com uma foice, após o que eles foram prontamente resgatados por Peters e os anciãos, e a polícia foi chamada à colónia. Em nenhum outro momento da história de Molotschna a polícia fora chamada. Os atacantes foram levados para a cidade para sua própria proteção.

Salome pedira entretanto a Peters e aos anciãos que lhe fosse perdoada essa indiscrição, mas, apesar disso, a sua raiva é mal contida, vulcânica. Os seus olhos nunca estão parados. Mesmo que um dia ela ficasse sem palavras, como se diz que uma mulher fica sem «ovos», acredito que Salome seria capaz de comunicar e dar vida, uma vida temível, a todas as emoções decorrentes de cada injustiça que deteta. Não há nenhum Olho Interior em Salome, nenhuma glória na solidão. Ela não vagueia sem rumo. E não é uma solitária. A sobrinha, Neitje, acostumada aos modos mais suaves da falecida mãe, Mina, mas agora entregue aos cuidados de Salome, guarda uma certa distância. Neitje está sempre a desenhar, talvez para contrabalançar a erupção selvagem das palavras da sua tia com linhas firmes e silenciosas sobre o papel. (Além de desenhadora competente, disseram-me que Neitje também é a atual campeã de Molotschna a saber quanto de qualquer coisa — farinha, sal, banha de porco — caberá em qualquer recipiente para que nada e nenhum espaço sejam desperdiçados.)

Agata Friesen, sem se incomodar com as explosões de Salome

(ela já citou o Eclesiastes para descrever o temperamento de Salome como nada de novo debaixo do sol, como o vento que sopra do Norte, como todos os rios levam ao mar, etc. Ao que Salome respondeu que as suas opiniões não deveriam ser encaixadas em rubricas antediluvianas do Velho Testamento, por favor, e inquiriu se não era absurdo que as mulheres se comparassem a si próprias a animais, vento, mar, etc. Não existirá um precedente humano, alguém em quem possamos ver refletida a nossa imagem? Ao que Mejal, acendendo um cigarro, respondeu: Sim, eu também gostaria disso, mas quais humanos? Onde?), afirma que já viu cavalos na sua vida, talvez não *Ruth* ou *Cheryl*, convenhamos — em deferência a Greta e à sua grande consideração pelos seus cavalos — mas outros, que, quando atacados por um cão, um coioote ou um jaguar, tentaram enfrentar o animal e/ou pisotear o agressor até à morte. Portanto, nem sempre os animais fogem dos seus agressores.

Greta reconhece isso: Sim, ela também já viu um comportamento parecido em animais. Começa mais uma vez a falar de *Ruth* e *Cheryl*, mas esta sua história é interrompida por Agata.

Agata diz ao grupo que ela também tem uma história de animais, e também com os *rottweilers* de Dueck. Fala rapidamente, inserindo muitos apartes e *non sequiturs*, numa voz sussurrada e teatral.

Não consigo ouvir ou acompanhar todos os pormenores, mas vou tentar aqui contar a história na sua voz, com toda a precisão que me for possível.

Dueck tinha guaxinins, que há muito odiava, no seu quintal, e quando a guaxinim mais gorda de repente teve seis crias, Dueck perdeu as estribeiras. Arrancou os cabelos. Atiçou-lhes o *rottweiler* para as matar, e o cão lá foi; a mãe guaxinim foi surpreendida e tentou salvar as crias e fugir do cão, mas o cão matou três dos bebés e a mãe guaxinim só conseguiu salvar os outros três. Ela pegou nas crias sobreviventes e abandonou o quintal. Dueck ficou bastante feliz com isso. Bebeu o seu café instantâneo e pensou — louvado seja Deus, não há cá mais guaxinins. Mas alguns dias depois olhou para o quintal, viu lá três crias de guaxinim sentadas e voltou a ficar furioso. Deu outra vez ordem de ataque ao *rottweiler* para as matar. Desta vez, no entanto, a mãe guaxinim estava à espera do cão, e quando ele veio a correr em direção às crias, atirou-se sobre ele do cimo de uma árvore e mordeu-o no pescoço e na barriga; em seguida, com um esforço de todos os músculos do seu corpo, arrastou-o para o meio do mato. Dueck ficou danado, mas também triste. Queria recuperar o cão. Embrenhou-se no mato para ir à

procura dele, mas não o encontrou, nem ao fim de dois dias de buscas. Pôs-se a chorar. Quando regressou a casa, desanimado, mesmo à sua porta estava uma pata do cão e a cabeça. Com as órbitas esvaziadas.

A reação à história de Agata é variada. Greta ergue as mãos acima da cabeça e pergunta às outras mulheres: O que devemos retirar disto? Será que devemos deixar os membros mais vulneráveis da colônia expostos a novos ataques com a ideia de atrair os homens à morte, desmembrá-los e deixá-los aos bocados à porta de Peters, o bispo da nossa colônia?

O que esta história demonstra é que os animais são capazes de revidar e que podem fugir, diz Agata. E por isso não importa se somos animais ou não, ou se fomos tratadas como animais ou não, ou mesmo se podemos conhecer de algum modo a resposta a essa questão. (Ela enche os pulmões com o máximo de oxigénio possível e solta-o com a frase seguinte.) De qualquer forma, é uma perda de tempo tentar estabelecer se somos animais ou não quando os homens não tardarão a regressar da cidade.

Mariche Loewen levanta o braço. Um dos seus dedos, o indicador esquerdo, foi arrancado pela articulação da falanginha. Tem metade do tamanho do dedo médio ao lado. Ela afirma que, na sua opinião, a pergunta mais importante a fazer não é se as mulheres são animais, mas sim se as mulheres devem vingar o mal perpetrado contra elas. Ou se deverão, em vez disso, perdoar aos homens e, ao fazê-lo, garantir a entrada nas portas do céu. Seremos forçadas a deixar a colônia, diz ela, se não perdoarmos aos homens e/ou aceitarmos as suas desculpas, e, devido a este processo de excomunhão, perderemos o nosso lugar no céu. (Nota: Eu sei que isto é verdade, de acordo com as normas de Molotschna.)

Mariche vê-me a olhar para ela e pergunta se eu estou a escrever o que ela diz.

Eu aceno com a cabeça — estou, sim.

Satisfeita, Mariche faz às outras uma pergunta sobre o fim dos tempos. Como irá o Senhor, quando Ele chegar, encontrar todas as mulheres, se não estivermos em Molotschna?

Salome corta-lhe a palavra, com desdém. Com uma voz zombeteira, começa a explicar que, se Jesus é capaz de voltar à vida, viver por milhares de anos e depois cair do céu para a Terra para escolher os seus seguidores, certamente também será capaz de localizar algumas mulheres que...

Mas Salome é, por sua vez, silenciada pela mãe, Agata, com um gesto rápido. Voltaremos a essa questão mais tarde, diz Agata,

apaziguadora.

Os olhos de Mariche dardejaram ao redor da sala, talvez à procura de aliadas sobre este assunto, alguém com quem compartilhar os seus medos. As outras desviam o olhar.

Salome vai murmurando: Mas se somos animais, ou semelhantes a animais, talvez não haja hipótese de entrarmos nas portas do céu (levanta-se e vai à janela), a menos que os animais sejam lá admitidos. Embora isso não faça sentido porque os animais fornecem alimento e trabalho, e nós não precisaremos de nenhuma dessas coisas no céu. Então, afinal, talvez as mulheres menonitas não sejam admitidas no céu porque nos enquadrámos na categoria de animais que não serão necessários lá em cima, onde é sempre lalalalala... E termina a sua frase a cantarolar.

As outras mulheres, à exceção de Ona Friesen, sua irmã, ignoram-na. Ona sorri levemente, encorajadoramente, aprovando, embora também seja um sorriso que pode servir como um firme ponto final à declaração de Salome — ou seja, um pedido silencioso para que fique por ali. (As mulheres Friesen desenvolveram um sistema muito eficaz de gestos e expressões faciais para aquietar Salome.)

Ona começa agora a falar. Ela está lembrada de um sonho que teve há duas noites: encontrava um rebuçado no chão, nas traseiras de sua casa, e pegava nele e levava-o para a cozinha, para o lavar e comer. Antes de o conseguir lavar, era abalroada por um enorme porco de uns cem quilos. Ela gritava: Tirem este porco de cima de mim! Mas ele tinha-a entalado contra a parede.

Isso é ridículo, diz Mariche. Nós não temos rebuçados em Molotschna.

Agata estende uma mão para tocar na mão de Ona. Podes contar-nos os teus sonhos mais tarde, diz ela. Quando a reunião terminar.

Várias mulheres tomam agora a palavra, dizendo que não são capazes de perdoar aos homens.

Justamente, diz Mariche. Ela fala de modo sucinto, de novo segura de si. No entanto, queremos entrar pelas portas do céu quando morrermos.

Nenhuma das mulheres discute esse ponto.

Mariche continua, afirmando que nesse caso não devemos colocar-nos numa posição infeliz, onde somos forçadas a escolher entre o perdão e a vida eterna.

E que posição seria essa?, pergunta Ona Friesen.

Essa posição seria ficar e lutar, diz Mariche. Porque

perderíamos a luta com os homens, e nós seríamos culpadas do pecado da rebelião e de trair a nossa jura de pacifismo, acabando por ficar ainda mais atoladas em submissão e vulnerabilidade. Além disso, seríamos forçadas a perdoar aos homens de qualquer maneira, se quiséssemos que Deus nos perdoasse e permitisse entrar no Seu reino.

Mas o perdão que é coagido é um verdadeiro perdão?, pergunta Ona Friesen. E não é a mentira de fingir perdoar com palavras, mas não com o coração, um pecado mais grave do que simplesmente não perdoar? Não poderá haver uma categoria de perdão que caiba somente a Deus, uma categoria que inclua a perpetração de violência contra os nossos filhos, um ato tão impossível de perdoar para um pai ou uma mãe que Deus, na Sua sabedoria, assuma exclusivamente sobre Si a responsabilidade de tal perdão?

Queres dizer que Deus permitiria que o pai ou a mãe de uma criança violada pudesse abrigar um bocadinho de ódio no seu coração?, pergunta Salome. Só para conseguir sobreviver?

Um bocadinho de ódio?, pergunta Mejal. Isso é ridículo. E de minúsculas sementes de ódio, maiores...

Não é ridículo, diz Salome. Uma quantidade muito pequena de ódio é um ingrediente necessário a esta vida.

A esta vida?, diz Mejal. Queres dizer quando andas em guerra. Eu tenho notado como ganhas ânimo no ato de matar.

Salome revira os olhos. Não é guerra, é sobrevivência. E não vamos chamar ódio a...

Ah, preferes chamar-lhe «ingrediente», contrapõe Mejal.

Quando eu tenho de matar porcos, dou um golpe com mais força nos leitões, diz Salome, porque é mais humano matá-los com um golpe rápido do que torturá-los com golpes de machadinha, que o teu sistema...

Eu não estava a falar de matar porcos, diz Mejal.

Durante esta troca de palavras, Autje, a filha de Mariche, começou a baloiçar pendurada de uma viga, um pêndulo humano, chutando fardos de palha no percurso e fazendo saltar a palha, um pouco da qual pousou no cabelo de Salome. Mejal olha para cima, diz a Autje para se comportar, pois não ouve a viga a ranger? Quer que o telhado venha abaixo? (Eu penso que ela talvez queira.)

Mejal alcança a sua bolsa de tabaco mas não enrola um cigarro, descansa simplesmente a mão ao de leve sobre a bolsa, como se fosse uma alavanca de mudanças em ponto morto de um veículo de fuga e ela esteja à espera, sabendo que está ali quando precisar porque tem a mão sobre ela.

Salome não sabe que tem palha no cabelo. Está presa atrás da orelha, ali aninhada, como o lápis n.º 2 de uma bibliotecária.

Depois de um curto silêncio, Greta regressa à pergunta de Ona. Talvez tal categoria exista, sim, diz ela pausadamente. Só que não há precedente bíblico para esse tipo de perdão exclusivo de Deus.

Uma breve observação a propósito de Ona Friesen: Ona destaca-se entre as restantes mulheres por ter o cabelo apanhado frouxamente atrás, em vez de esticado com a força bruta de uma qualquer ferramenta primitiva. Ela é vista pela maioria dos colonos como tendo uma disposição gentil e uma incapacidade de funcionar no mundo real (embora em Molotschna esse argumento seja uma falsa questão). É uma solteirona. E é-lhe dada uma espécie de liberdade para dizer o que pensa, porque consideram que os pensamentos e as palavras dela não fazem sentido, embora isso não a tenha impedido de ser atacada repetidamente. Ela era um alvo fácil, porque dormia sozinha num quarto, em vez de dormir com um marido, que não tem. Nem quer, ao que parece.

Antes, ela havia afirmado: Quando nos libertarmos, teremos de nos perguntar quem somos. Agora, ela pergunta: Será que estou a ver bem, se disser que neste momento nós, as mulheres, nos estamos a interrogar sobre se a nossa prioridade, e aquilo que está certo, é proteger as nossas filhas ou entrar no reino dos céus?

Mejal Loewen responde que não. Ela não está a ver bem. Isso é exagerar aquilo que está realmente a ser discutido. (A mão dela ainda descansa em íntima comunhão com a bolsa de tabaco.) O que está, então, a ser realmente discutido?, pergunta Ona.

Agata Friesen, mãe de Ona (e tia de Mejal), responde. Queimaremos essa ponte na altura em que lá chegarmos, diz (usando esta expressão inglesa de forma intencionalmente incorreta, a fim de acalmar os ânimos). E Ona, indulgente com a sua mãe, tal como com a sua irmã, fica contente por deixar que assim seja.

Devo registar aqui que os olhos de Greta Loewen vão abrindo e fechando, e tem muitas vezes lágrimas a rolar pelas faces. Ela diz que não está a chorar, está a hidratar a cara. Neitje Friesen e Autje Loewen (que parou de se baloiçar na viga) estão inquietas nas suas cadeiras e jogam com pouco entusiasmo a um jogo de palmas qualquer, com as mãos escondidas debaixo da mesa.

Sugiro que adiemos os trabalhos por um curto período, e as mulheres aprovam.

Agata Friesen sugere que cantemos um hino antes de dispersarmos, e as outras (menos Neitje e Autje, que parecem estarrecidas com a ideia de cantar em coro) concordam.

As mulheres dão as mãos e cantam o hino «Trabalha, pois a noite vai chegando» (*Work, for the night is coming*). É fascinante a maneira como a voz de Ona Friesen se harmoniza. Os primeiros versos do hino são os seguintes:

*Trabalha, pois a noite vai chegando,
Trabalha pelas horas matinais;
Trabalha enquanto o orvalho cintila,
Trabalha por entre as flores estivais;
Trabalha quando o dia clareia,
Trabalha à hora do sol perfeito;
Trabalha, pois a noite vai chegando,
Em que o trabalho do homem fica feito.*

As mulheres continuam a cantar os versos dois e três, e Neitje e Autje enterram-se nos seus assentos, derrotadas.

Greta Loewen dá uma palmadinha na mão de Autje. *Endireita-te*. Os nós dos dedos de Greta destacam-se, salientes, como torres rochosas na superfície ressequida do deserto. A dentadura postiça também é grande demais para a sua boca, e magoa-a. Ela tira-a e pousa-a na mesa de contraplacado. Foi-lhe oferecida por um viajante bem-intencionado que tinha vindo a Molotschna com um estojo de primeiros socorros, depois de ouvir falar dos ataques às mulheres.

Quando Greta tentou gritar por socorro, o agressor tapou-lhe a boca com tanta força que quase todos os seus dentes, que eram velhos e frágeis, foram esmagados. O viajante que deu a Greta a dentadura postiça foi escoltado para fora de Molotschna por Peters, que desde então proibiu a entrada de ajudas externas na colônia.

O canto terminou. As mulheres dispersam-se.

Nota: Salome Friesen saiu mais cedo, exasperada, depois de Ona ter perguntado se as mulheres estariam a discutir o que era mais correto, proteger as crianças ou entrar no reino dos céus, e se não seria possível fazer as duas coisas. Eu não tive tempo na altura para anotar os detalhes da sua saída.

Agata riu baixinho quando Salome saiu, dizendo às outras que a sua filha voltaria, não se preocupassem, deixassem-na desabafar, deixassem-na estar, deixassem-na ir cuidar dos filhos, Miep e Aaron. Isso iria acalmá-la.

Quando se trata dos filhos, a paciência de Salome e a sua

tolerância não conhecem limites, mas a reputação dela na colônia é a de uma lutadora, uma instigadora. Não reage bem à autoridade e envolve-se muitas vezes em duelos de vontades com outros membros da colônia sobre as coisas mais ínfimas. Por exemplo: uma vez escondeu o sino do refeitório e alegou ter-se esquecido onde o escondeu, tudo porque se ressentia com o «raio» do som do sino três vezes ao dia, e ressentia-se particularmente com o orgulho que Sarah N. tinha em tocar o sino sem parar, mais do que o necessário. (Pára de me dizer quando devo comer!, gritou ela.) Também virou ao contrário o barril de recolher chuva de Peters durante um enorme aguaceiro, berrando que ele era puro demais para precisar de água para se lavar, não era? Não era?!

Acho curioso que ela não tenha sido excomungada. Serão os seus pequenos atos de rebelião um escape conveniente para Peters, um tipo de espetáculo que satisfaz os colonos que precisam de se afirmar e lhe permite a ele agir impunemente em questões maiores?

Outra nota: Quando Ona ia a sair do celeiro, consegui dizer-lhe que gostei do sonho dela, aquele sobre o porco. Ela riu-se. Então eu reuni coragem para lhe contar uma coisa.

Sábias, disse-lhe eu (agora ela ia a descer a escada, ainda a rir-se; era a última a sair), que é fisicamente impossível aos porcos olharem para cima, para o céu?

Nesse momento, Ona olhou para cima, para mim, do seu degrau da escada.

Assim?, perguntou.

Isto fez-me rir a *mim*. Ona afastou-se, satisfeita.

Ela será a única a olhar para o céu, pensei. É por isso que o porco do seu sonho a entalou contra a parede. Mas então, pensei, como poderia isso ser? Como poderia a minha interpretação do sonho de Ona ser exata quando Ona não sabia, conscientemente ou não, das limitações físicas dos porcos?

Na minha cela (na prisão de Wandsworth), em Inglaterra, os meus companheiros e eu costumávamos fazer jogos. «O que preferias?» era o nome do meu jogo favorito. Sabendo que estavas prestes a morrer, preferias ter um ano, um dia, um minuto ou nenhum tempo para conviver com esse conhecimento? A resposta é: nenhuma das hipóteses acima.

Na cadeia, cometi uma vez o erro de contar aos meus companheiros de cela que o som de um pato (e também a visão do seu bico redondo e achatado) me fazia feliz e me proporcionava algum consolo. Há crimes... e crimes. Desde então, aprendi a manter a maior parte dos meus pensamentos para mim próprio.

Voltámos a reunir-nos. E sinto-me envergonhado.

Lá fora, durante o intervalo, encontrei-me com a jovem Autje junto à bomba. No início, ficámos em silêncio. Ela bombeou água vigorosamente e eu olhei para o chão.

Quando ela tinha o balde cheio, aclarei a garganta e mencionei que, durante a guerra, a Segunda Guerra Mundial, em Itália, por exemplo, especificamente em Turim, mas em muitos outros lugares também, os civis se escondiam em abrigos antiaéreos. Esses civis eram muitas vezes assassinados, acrescentei, por estarem envolvidos na Resistência.

Autje afastou-se recuando lentamente, sorrindo, assentindo.

Sim, disse eu, também assentindo e sorrindo. Nestes abrigos antiaéreos eram necessários voluntários para fazer funcionar, pedalando numa bicicleta, os geradores que forneciam a eletricidade. Quando ela estava a baloiçar-se na viga havia pouco, com tanto vigor, tinha-me lembrado deste facto, e dos voluntários que geravam essa energia pedalando numa bicicleta. Ela seria uma voluntária perfeita precisamente para essa tarefa, disse eu a Autje, se estivéssemos num abrigo antiaéreo.

Autje perguntou-me, com toda a lógica, *para onde* iria ela na bicicleta, se estivéssemos num espaço tão fechado.

Ah, sim, disse eu. Bem, a bicicleta estaria fixa.

Autje sorriu e pareceu ponderar isso por um segundo ou dois. Então recordou-me que tinha de ir levar água aos potros de um ano. Antes, porém, mostrou-me como conseguia girar o balde de água em torno a si num círculo completo sem derramar uma gota. Eu sorri desajeitadamente. Ela correu em direção aos cavalos.

Acenei estupidamente às suas costas, à nuvem de poeira que ela deixava no seu rasto. Fiquei na terra, com a fralda da camisa a adejar como um pássaro absurdo que não soubesse voar. Porque mencionei eu a Resistência, e que os civis tinham sido assassinados pela sua ousadia? Percebi que tinha sugerido que ela podia ser executada.

Queria correr atrás da Autje e pedir-lhe desculpa por a assustar — mas isso ainda a assustaria mais. Ou talvez as minhas palavras fossem tão ridículas para ela como são para mim, o que só me conforta até certo ponto.

Salome voltou, agora com os olhos como asteroides. Asteroides destruidores de planetas. (Talvez não tenha visto os filhos. Tenho medo de lhe perguntar diretamente.)

Uma vez que concluímos a primeira parte da reunião com um hino, digo eu às mulheres, seria oportuno começarmos a próxima

parte com um facto que poderia servir de metáfora e inspiração?

As mulheres concordam, embora Mariche franza a testa e vá até à janela para olhar para fora enquanto eu falo.

Agradeço às mulheres e começo por lhes recordar que nós, os menonitas de Molotschna, viemos colonizar esta terra vindos do Mar Negro. Os nossos membros haviam habitado as costas do Mar Negro, perto de Odessa, durante séculos, e gozado, até começarmos a ser chacinados, de muita paz e felicidade. E afirmo o seguinte: As águas profundas do Mar Negro não se misturam com as camadas superiores da água que recebem oxigénio da atmosfera, fazendo com que as águas profundas sejam anóxicas, o que significa que não contêm vida. Acontece que as condições anóxicas produzem fósseis notavelmente preservados, e sobre esses fósseis são visíveis as imagens dos tecidos moles do corpo. De onde vem essa vida? Não há marés baixas nem altas, por isso, a superfície do Mar Negro é sempre calma e serena. Apesar disso, sob a superfície da água corre um rio, um rio misterioso que os cientistas acreditam que pode sustentar a vida na parte mais funda do Mar Negro, na parte inóspita. Mas esses cientistas não têm forma de o provar.

A reação das mulheres a este facto inspirador é, uma vez mais, ambivalente, com o silêncio como resposta mais consensual. Ona Friesen, que é conhecida por gostar de factos, agradece-me. Quando fala, Ona termina as frases com uma rápida inalação de ar, como se estivesse a tentar retirar as palavras, como se o que acabou de dizer a tenha assustado.

Mariche Loewen, que esteve de pé e de costas para nós, volta-se e afasta-se da janela.

Estás a insinuar, pergunta-me ela, que as mulheres devem ficar em Molotschna em vez de sair? Que as «camadas superiores» do Mar Negro representam os homens da colónia e as «camadas inferiores», as mulheres, que iriam prosperar misteriosamente de alguma forma, apesar de estarem sob o jugo da pressão severa e sem vida dos homens?

Eu sou inteiramente culpado por este mal-entendido, respondo, mas quero apenas transmitir que essa vida, e a preservação da vida, é uma possibilidade mesmo quando as circunstâncias parecem desesperadas.

Contei isto com a intenção de ser inspirador, insisto.

Mariche recorda-me que as mulheres me pediram para lavar as atas das suas reuniões apenas porque eu era capaz de traduzir e de escrever, e não devia sentir-me obrigado a fazer aconselhamento inspirador.

Salome Friesen sugere rapidamente a Mariche que a reação dela é inapropriada. Ao que Mejal Loewen recorda uma vez mais a Salome que não lhe foram atribuídos poderes especiais para declarar o que é ou não é apropriado.

Talvez me tenham sido atribuídos, replica Salome.

Por quem?, pergunta Mejal. Pelo Peters? Por Deus?

A superfície de Molotschna, tal como a superfície do Mar Negro, é sempre calma e serena, diz Salome. Não percebes que...

E daí?, interrompe Mejal.

Ona, com a intenção de examinar melhor o misterioso tema do Mar Negro, pergunta: O que são, exatamente, os tecidos moles?

É a pele, a carne e o material que liga todas as partes, responde Agata. É tudo o que proteja o tecido duro, como ossos ou tudo o que seja rígido, suponho.

Então, diz Mariche, o tecido mole protege o tecido mais duro, como o que constitui os ossos. O tecido mole é mais — como lhe chamarias? — mais resistente, e ainda assim acaba por se decompor muito mais rapidamente. A menos que seja preservado nas *misteriosas águas profundas do Mar Negro*, acrescenta, destacando as palavras «misteriosas águas profundas do Mar Negro» desde o início da expressão, dando-lhes uma ênfase histriónica. Entendo isto como uma zombaria dirigida a mim.

Sorrio. Afundo as unhas no alto do couro cabeludo. Digo que os tecidos moles são muitas vezes mais definidos pelo que não são.

Imagino que sim, diz Agata, mas...

E, no entanto, são de certa forma mais fortes, interrompe Mariche, uma vez que têm capacidades regenerativas. Antes do fim.

Bem, diz Agata, pode ser, embora...

Queres dizer a morte, pergunta Ona, quando falas no «fim»?

Mariche faz um gesto: O que diabo poderia ser o fim, senão a morte?

Mas, Mariche, diz Greta, a morte física não é o fim da vida.

Autje e Neitje ignoram as outras mulheres e estão ocupadas com uma conversa privada. Neitje vai assentindo, sorrindo e olhando na minha direção. Pergunto-me brevemente se Autje lhe estará a contar a nossa conversa ao pé da bomba de água. Uma vez mais, previsivelmente, faço figura de estúpido e aceno com um ar cauteloso às raparigas, que logo desviam o olhar.

Então, diz Ona, se a colónia for um corpo, nós, as mulheres, somos os tecidos moles de Molotschna, e...

Ou, contrapõe Salome, a colónia é o Mar Negro e nós somos as suas «misteriosas águas profundas». Já te tentei dizer isso.

Mariche ri e pergunta sarcasticamente a Salome o que é que, segundo a sua sabedoria divina, há de misterioso nas mulheres de Molotschna? Há mais mistério na nata que se forma por cima do leite matinal, diz.

Ona reconhece o mistério da nata do leite, acenando com a cabeça a Mariche, numa tentativa, penso eu, de amizade ou solidariedade. Bondade. Ona pergunta-me se eu querei obsequiar as mulheres com outros factos inspiradores.

Coço vigorosamente o alto da cabeça, um instinto simiesco que ganhei na prisão. Sentia que me dava uma pequena margem de tempo para pensar na resposta a uma pergunta, perguntas do tipo: Epp, meu grande cabrão, queres que te rebente com os miolos?

O meu gesto faz Ona rir.

Quero, respondo. Os seres humanos perdem aproximadamente quarenta quilos de pele ao longo da vida, renovando por completo a pele exterior todos os meses.

Neitje interrompe. A não ser nas cicatrizes, diz ela. Podem ser substituídas por pele nova? Não, diz Autje, é por isso que se chamam cicatrizes, parva. As moças riem, e dão socos uma à outra sem se chegarem a tocar.

Ona pondera que a substituição da sua pele exterior todos os meses coincide com a substituição do revestimento do seu útero, também todos os meses.

Como sabes tu isso?, pergunta Mariche, e Ona olha para mim. Isto é uma coisa que a minha mãe tinha ensinado a Ona havia muito tempo, na escola secreta da minha mãe, que não era um lugar físico, mas uma conversa a que ela chamou «a escola secreta». Mantinha essa escola para as raparigas, durante a ordenha, quando Ona e eu éramos crianças, antes de eu abandonar Molotschna com os meus pais.

Mariche olha para mim e pergunta se eu tinha explicado a Ona coisas sobre o seu revestimento uterino.

Não, diz Ona, não foi o August. Foi a mãe do August, a Monica. Mariche fica em silêncio.

Salome comenta que esta explicação é provavelmente útil, mas não deveríamos continuar?

Ona, como se não tivesse ouvido a irmã, menciona que se este meu facto é verdadeiro, a pele que elas, as mulheres, tinham durante os ataques já desapareceu, foi substituída. Sorri.

Parece que ela tinha mais alguma coisa a dizer, mas agora Agata Friesen, sentindo a impaciência e a raiva mal contida de Salome, pergunta rapidamente se podemos deixar de lado os

debates sobre o animal/não-animal e o perdão/não-perdão e o inspirador/não inspirador e os tecidos moles/tecidos duros/pele nova/pele velha para nos concentrarmos no assunto em questão, que é se devem ficar e lutar ou partir.

As mulheres concordam que devemos seguir em frente.

Enquanto isso, Salome atirou com o seu balde de leite, que estava instável e a incomodava, para o lado. Ona levanta-se e dá a Salome o seu balde para ela se sentar, recuperando o balde vacilante de Salome para si própria.

Uma vez de novo sentada, Ona Friesen continua a ponderar uma coisa dita anteriormente. Menciona que o uso da palavra «aconselhamento» por Mariche lhe trouxe à mente outra questão. Pede permissão para declarar mais um pensamento sobre o perdão.

As mulheres concordam. (Embora Neitje Friesen ponha os olhos em alvo enquanto a cabeça lhe descai para trás e fica de boca escancarada. É divertido.)

Ona fala: Se foi decidido pelos anciãos e pelo bispo de Molotschna que nós, as mulheres, não precisamos de aconselhamento após estes ataques porque não estávamos conscientes quando eles aconteceram, então o que somos obrigadas, ou mesmo capazes, de perdoar? Algo que não aconteceu? Algo que somos incapazes de entender? E o que significa isso, de forma mais ampla? Se não conhecermos «o mundo», não seremos corrompidas por ele? Se não soubermos que estamos presas, então estamos livres?

As adolescentes Neitje Friesen e Autje Loewen estão agora envolvidas num jogo de linguagem corporal em que se tentam superar uma à outra na transmissão do tédio e do desconforto que sentem. Autje, por exemplo, finge dar um tiro na própria cabeça inserindo uma espingarda na boca e caindo, em seguida, sobre o balde do leite. Neitje perguntou, num queixume: Mas, afinal, vamos ou ficamos? Está com a cabeça apoiada num braço e a voz sai abafada. A palma da mão está aberta e voltada para cima, como se estivesse à espera de uma resposta, ou que lhe ponham ali uma cápsula de cianeto. Tirou o lenço e consigo ver uma linha longa, fina e muito branca que corre pelo centro do seu couro cabeludo. É a pele nua a que as mulheres chamam «a risca».

Greta Loewen solta um grande suspiro. Diz que, embora possamos não ser animais, fomos tratadas pior do que animais, e que de facto os animais de Molotschna estão mais seguros do que as mulheres de Molotschna, e são mais bem cuidados.

Agata Friesen recorda a Greta que, devido a questões de tempo,

concordámos em abandonar a questão de saber se as mulheres são animais ou não.

Greta despede a reprimenda de Agata com um gesto de mão e fecha os olhos. Está a tamborilar com a dentadura no contraplacado.

Mariche intervém: Eu acho que a única solução é fugir.

Ai, mas que alvoroço provocou a ideia de fugir entre as mulheres!

Começam a falar todas ao mesmo tempo. Continuam a falar todas ao mesmo tempo. E continuam a falar todas ao mesmo tempo.

Ona olha para mim. Eu olho para a ata. De nervosismo, por causa do olhar de Ona, pigarreio — o que as mulheres interpretam como um gesto de impaciência da minha parte, uma interrupção. Param de falar.

Mariche olha para mim.

Acaricio a garganta como se tivesse cócegas, o começo de uma doença, talvez uma infeção, como o jovem Aaron. Não queria interromper. Sou um obstáculo para Mariche, e, possivelmente, para Salome, que está impaciente por outras razões, como uma inundação repentina ou um casco de cavalo lascado. (Estas são as suas palavras, murmuradas, mas que em tradução não ficam bem.)

Agora Salome Friesen pergunta, com agressividade: É assim que queremos ensinar as nossas filhas a defenderem-se — fugindo?

Mejal Loewen intervém: Não é fugindo, é partindo. Estamos a falar de ir embora.

Salome Friesen age como se não tivesse ouvido Mejal: Fugindo! Eu prefiro manter-me firme, enfiar uma bala no coração de cada homem, e enterrá-los numa vala, a *fugir*, e depois lidarei com a ira de Deus, se tiver de o fazer!

Salome, diz Ona com um tom tranquilo, por favor, tem calma. As Loewens estão a falar em *partir*, e não em fugir. A palavra «fugir» foi utilizada indevidamente. Deixa isso.

Mariche abana a cabeça, indignada. Pede sarcasticamente desculpa por usar a palavra incorreta, um pecado de tal forma ultrajante que Salome, com os seus ares olímpicos e a sua mente todo-poderosa, teve de assumir a responsabilidade de retificar para o bem de toda a humanidade.

Salome opõe-se de forma veemente. Contra-acusa Mariche de ser imprudente com as palavras. «Partir» e «fugir» são duas palavras muito diferentes, diz ela, com significados diferentes e com implicações específicas.

Autje e Neitje começam agora a demonstrar algum interesse por este processo, abafando risinhos. Enquanto isso, Greta e Agata

põem expressões severas, mas resignadas, que falam de anos de experiência com este tipo de *opprua* (alvoroço) das suas filhas. Agata tem as mãos entrelaçadas e faz rodar os polegares em torno um do outro. Greta dá palmadinhas na própria cabeça.

Ona Friesen olha melancolicamente para fora, pela janela virada a norte, em direção ao campo de colza de Rembrandt, em direção às colinas, à fronteira e a uma qualquer visão que ela própria está a criar, quem sabe.

Mejal Loewen começou sub-repticiamente a enrolar um cigarro. (Com restos do último, que tinha apagado, com estilo e elegância, beliscando-o entre o indicador e o polegar.)

Então, August?, pergunta Agata. Está sentada ao meu lado. Põe-me um braço ao redor do ombro! O que pensas de tudo isto? Também tens uma opinião?

O que me vem de imediato à cabeça é a história do poeta coreano Ko Un. Então conto às mulheres como ele tentou suicidar-se quatro vezes, uma delas vertendo veneno numa orelha. Sobreviveu, mas destruiu o tímpano.

O outro tímpano tinha ficado danificado quando foi preso político e o torturaram. Durante a Guerra da Coreia foi forçado a carregar cadáveres às costas. Depois disso, tornou-se monge durante dez anos.

As mulheres pararam de discutir e estão a escutar a minha história sobre o poeta. Paro de falar.

Agata pergunta: E depois?

Bem, mais tarde tornou-se alcoólico, o que lhe salvou a vida quando se tentou matar de novo, desta feita com uma grande pedra e uma corda, no mar entre a Península Coreana e a Ilha de Jeju.

Onde é isso?, pergunta Autje, mas é silenciada pela mãe.

Não interessa, diz Mejal.

Bem, diz Salome, interessar, interessa, mas deixa o August acabar a história primeiro.

Agata faz-me sinal para eu continuar.

No barco, conto eu, vendiam álcool. Ko Un pensou: Porque não beber um copo antes de morrer? E bebeu um, depois bebeu um segundo, e um terceiro... ficou bêbedo e caiu adormecido. Quando acordou, estava no cais. Tinha perdido a oportunidade de se matar e estavam à espera dele porque tinham ouvido dizer que o lendário monge e poeta Ko Un estava a chegar à sua ilha. Tinham esperança de que ele ali ficasse a viver. Foi o que ele fez. E foi muito feliz lá, durante alguns anos.

Depois de uma pausa, Mejal pergunta-me se eu terminei e eu

digo-lhe que sim.

As mulheres não falam, mas remexem-se nos seus baldes, pigarreando. Eu murmuro que Agata me havia perguntado se eu tinha uma opinião sobre o debate partir *versus* fugir. Eu quis apenas articular os meus sentimentos sobre o significado de significar: que é possível deixar alguma coisa ou alguém com um determinado estado de espírito e chegar a outro sítio com um outro estado de espírito totalmente inesperado.

Já estou ciente disso, diz Mejal. Não estamos todas?

Estamos conscientes de muitas coisas, instintivamente, diz Ona baixinho, mas vê-las assim articuladas numa determinada narrativa é agradável e divertido.

Salome Friesen diz às mulheres que não tem tempo para coisas agradáveis e divertidas. Permite que me ausente, pede sarcasticamente, já que é hora do almoço e é a minha vez de ir levar comida a alguns dos anciãos da colónia, além de ter de ir dar o antibiótico à minha filha mais nova?

A filha mais nova de Salome, Miep, foi violada pelos homens em duas, ou possivelmente três, ocasiões, mas Peters tinha recusado chamar o médico para tratar Miep, que tem três anos, com o argumento de que ele iria espalhar rumores sobre a colónia, as pessoas ficariam cientes dos ataques e todo o incidente seria transformado num grande escândalo. Salome caminhou vinte quilómetros até à colónia mais próxima para conseguir antibióticos para Miep na Clínica Itinerante que ela sabia estar lá temporariamente estacionada, em reparação. (E para se abastecer de aguardente, segundo Mariche, que em diversas ocasiões, quando Salome está furiosa, já indicou, imitando o ato de levar uma garrafa à boca, que ela bebe às escondidas.)

Tenho de disfarçar os antibióticos nas beterrabas passadas da Miep, ou ela não os engole, diz Salome.

As mulheres acenam com a cabeça e dizem-lhe vai, vai.

Ao sair, Salome sugere que se Mejal for buscar a sopa à cozinha de verão, ela, quando voltar, pode trazer o pão de espelta que cozeu esta manhã. Com isso podemos almoçar aqui todas, diz Salome, e continuar a nossa reunião enquanto comemos. Podemos tomar café instantâneo.

Mejal encolhe os ombros, languidamente — odeia que Salome lhe diga o que tem de fazer —, mas levanta-se da cadeira.

Agata, por sua vez, mantém-se muito quieta, movendo apenas os lábios nas palavras de uma oração ou de um versículo, talvez dos Salmos. Miep é sua neta, herdou o seu nome. («Miep» é um

diminutivo.) Agata é uma mulher forte, mas sempre que ouve os pormenores concretos do ataque à neta mais pequena fica muito quieta, como um predador.

(Quando Salome descobriu que Miep tinha sido atacada não uma, mas duas ou três vezes, foi à cabana onde os homens estavam detidos e tentou matá-los a todos com uma foice, como já mencionei. Foi este incidente que convenceu Peters a chamar a polícia e a mandar prender os homens e levá-los para a cidade, onde estariam seguros. Salome garante que pediu perdão por esse repente e que os homens lhe perdoaram, mas ninguém, nem sequer Peters, testemunhou tal coisa. Talvez estes factos não sejam pertinentes para as atas das reuniões, mas eu acho-os suficientemente importantes para merecerem ser incluídos nas notas de rodapé, porque se os perpetradores não tivessem sido levados para a cidade, e os outros homens da colónia os não tivessem seguido para pagar a fiança, a fim de lhes possibilitar o regresso à colónia, onde poderiam ser perdoados pelas vítimas e estas, por sua vez, serem perdoadas por Deus, estas reuniões não estariam a acontecer.)

O Senhor «é compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor»[2], diz Agata.

Ela repete o salmo e Greta pega-lhe na mão e junta-se a ela na recitação.

Mejal Loewen abandonou a sala, presumo que para fumar, embora tenha dito que ia buscar a sopa à cozinha de verão. Ordenou a Autje, sua sobrinha, que não fosse atrás dela, e Autje fez uma cara como se dissesse: E porque me daria eu a esse trabalho? Fez também uma careta para as restantes, como a pedir desculpa pela sua estranha tia, a fumadora com uma vida secreta.

Miep e as outras criancinhas da colónia estão ao cuidado de várias jovens em casa de Nettie Gerbrandt, cujo marido está ausente na cidade com os outros. O irmão gémeo de Nettie Gerbrandt, Johan, é um dos oito em julgamento. Miep não sabe porque tem dores em certas partes do seu corpinho, nem que tem uma doença sexualmente transmitida. Nettie Gerbrandt também foi atacada, possivelmente pelo irmão, e deu à luz prematuramente um menino tão pequeno que cabia dentro de um sapato. Morreu horas depois de nascer e Nettie manchou as paredes do seu quarto com sangue. Deixou de falar, a não ser para as crianças da colónia, e por isso ficou encarregada de cuidar delas enquanto as outras trabalham.

Mariche Loewen está convencida de que Nettie mudou o nome para Melvin. Ela acredita que Nettie fez isto porque já não quer ser mulher. Agata e Greta recusam-se a acreditar.

Peço uma pausa rápida para tomar fôlego.

Ona Friesen observa-me uma vez mais de forma inquiridora — ou talvez esteja curiosa com a ideia de «tomar fôlego» (que, provavelmente, não será uma expressão que ela já tenha ouvido, mesmo em tradução), ou com a ideia da respiração suspensa, essa agonia requintada do pensamento não expresso, da narrativa da vida, do fio que une, que ata, que sustenta. Tomar fôlego, respirar, suster. A narrativa.

As mulheres dão-me autorização.

Voltei à reunião. Estou sozinho, à espera das mulheres.

Quando estava lá fora, ouvi música que vinha de um caminhão. Era a canção *California Dreamin'*, cantada pelos The Mamas and the Papas, num rádio sintonizado numa estação de velhos sucessos. Eu estava a cem metros do caminhão, estacionado na estrada principal que corre ao longo do perímetro da colónia. Autje e Neitje estavam de pé ao lado dele, à escuta. Poucos mais sons havia, além das vozes dos The Mamas and the Papas, numa harmonia tão doce, a cantarem a segurança e o calor de Los Angeles, o sonho que isso é. As raparigas não me viram, tenho a certeza. Estavam de pé, perfeitamente imóveis junto ao caminhão, do lado do motorista, com os pescoços dobrados, as cabeças baixas, como se fossem detetives forenses a escutar pistas, ou estivessem num luto solene junto a uma sepultura.

Antes de a canção terminar, o motorista do caminhão fez um anúncio público pelo altifalante que tinha agarrado à cabine. Era um recenseador oficial e insistiu que todos os colonos deveriam sair das suas casas para serem contados. Fez este apelo várias vezes, mas é claro que só há mulheres na colónia, principalmente agora, e elas não entendem a língua dele; e, mesmo que entendessem, não deixariam as suas casas, o celeiro, a cozinha de verão, o estábulo dos potros, os galinheiros e o bloco da lavandaria para serem contadas por um homem ao volante de um caminhão com um rádio sintonizado numa estação de música *pop*. A não ser Autje e Neitje, é claro, que foram atraídas pelo caminhão como marinheiros perdidos por sereias.

Agora, enquanto espero que as mulheres regressem à reunião, não consigo tirar o *California Dreamin'* da cabeça. Imagino-me a ensinar a letra da canção às mulheres, fazendo-as harmonizar como os The Mamas and the Papas, repetindo a letra, um apelo e uma resposta. Acho que elas iriam gostar. *All the leaves are brown...* Fico

a olhar para o espaço vazio em redor, já a ouvir as suas vozes.

Estas reuniões estão a ter lugar num palheiro que pertence a Earnest Thiessen, um dos homens idosos e doentes que não foram para a cidade. Earnest vive alheado da maior parte das coisas, incluindo do facto de as mulheres estarem a usar o seu palheiro para reuniões. Não se consegue lembrar de quantos filhos teve, ou se os seus irmãos estão vivos ou mortos, mas de uma coisa nunca se esqueceu: que o Peters lhe roubou o relógio. O pai de Earnest deixou-lhe, quando morreu, um relógio de parede de grande estimação para a família, sabendo que Earnest, entre todos os seus filhos e filhas, era o mais interessado e fascinado pela natureza do tempo. Peters insistiu que Earnest tinha de lhe entregar o relógio, argumentando que o tempo em Molotschna era eterno, que a vida na terra fluía naturalmente para a vida no céu se uma pessoa fosse pura aos olhos de Deus, e, portanto, que o tempo e os relógios eram irrelevantes. Descobriu-se, meses mais tarde, que Peters havia instalado o relógio no seu escritório, a divisão de sua casa onde compunha os sermões e conduzia os assuntos da colónia. Earnest, embora esteja senil, nunca se esqueceu do seu relógio roubado, como se essa injustiça se tivesse expandido até lhe ocupar toda a mente, como se ele tivesse sido nomeado guardião desta única injustiça, excluindo todas as outras, e, quando vê Peters, pergunta-lhe sempre quando, a que horas, lhe devolverá ele o relógio.

As mulheres preferem reunir-se neste palheiro, em vez de numa das suas mesas de cozinha, porque nas cozinhas há crianças por todo o lado, e sempre debaixo dos pés. É vulgar uma família ter quinze filhos. Ou vinte e cinco filhos. (Há uns meses, lancei um desafio a mim próprio: tinha de ir pelo caminho principal que rodeia Molotschna, através dos campos de milho e de sorgo, numa distância de vários quilómetros, e só podia respirar quando visse uma criança. Nunca me faltou o fôlego.)

A nossa mesa é feita de fardos de feno com uma tábua de contraplacado em cima, e os nossos assentos são baldes de ordenha. Autje e Neitje às vezes revezam-se a sentar-se no parapeito da janela com as pernas encolhidas e dobradas pelos joelhos, ou em selas que trouxeram da sala de arreios de Earnest Thiessen e encavalitaram aqui numa viga bolorenta.

Ona Friesen mantém um balde de ração vazio ao seu lado porque está grávida e anda com enjoos. Várias mulheres da colónia tentaram, quando se tornou claro que ela estava à espera de uma criança, casá-la à pressa com Julius Penner, o filho simplório de Ondrej Penner. Mas Ona insistiu que Julius merecia melhor do que

uma mulher que sofria de *Narfa* e que ficaria manchado pelo pecado por se casar com uma mulher que não era virgem. Os anciãos da colônia concluíram que Ona está para além da redenção, que a sua *Narfa* a tornou incapaz de raciocinar. Sinto-me obrigado a salientar que esta crítica dos anciãos (de ela ser incapaz de raciocinar) está *saturada* de ironia, e que Ona estará livre da condenação eterna porque não pecou deliberadamente. O seu feto, produto dos visitantes indesejados, como os violadores são eufemisticamente referidos pelos anciãos, será entregue a uma família de outra colônia para que o crie como seu, talvez até à família do visitante indesejado.

Agora as mulheres estão a regressar, com exceção de Autje e Neitje. Mariche Loewen explica que as jovens estão ao fundo do caminho para a casa de Earnest Thiessen a conversar com os irmãos Koop, de Chortiza, a colônia vizinha.

(Eu sei que isso não é bem verdade, mas suspeito que Mariche saiba as represálias que as raparigas teriam de suportar por parte de Salome se ela soubesse que estavam a ouvir o rádio do homem dos censos. Mariche está a protegê-las, e a poupar-nos tempo. Salome é uma contradição pegada: desafiadora, mas tradicional; combativa e rebelde, mas ansiosa por fazer cumprir as regras quando se trata dos outros.)

As restantes mulheres franzem a testa, mas concordam que devemos começar sem elas.

Salome pergunta a Mejal se ela estava a fumar, e Mejal pergunta a Salome o que tem ela a ver com isso. Ambas trouxeram o pão e a sopa, e o café instantâneo, da cozinha de verão e estão a servi-los às mulheres e a mim.

Greta e Agata começam a reunião afirmando que é imperativo que tomemos uma decisão esta tarde sobre ficar ou partir.

Mas, assim que elas acabam de falar, Autje e Neitje regressam e começam a distrair-nos com uma acrobacia divertida. Antes de se juntarem a nós cá em cima, puseram, sem que déssemos por isso, uma carreta com vários fardos de palha do lado de fora da janela. Autje subiu a escada em primeiro lugar, a gemer histericamente que não era capaz de viver nem mais um segundo, que a vida era demasiado cruel. Balança o corpo e geme, depois corre para a janela e atira-se de cabeça.

As mulheres gritam, e todos nós corremos aos tropeções para a janela, só para encontrar Autje placidamente sentada no alto da pilha de fardos. Ona ri às gargalhadas, apreciando o efeito, enquanto as restantes abanam a cabeça e se esforçam por conter

qualquer sinal de aprovação.

As mulheres retomam os seus lugares à mesa. Neitje menciona que os irmãos Koop lhes disseram, a ela e a Autje — (e agora percebo que as raparigas *conversaram mesmo* com os irmãos Koop, além do recenseador) —, que o pai deles tinha estado na cidade a vender queijo e tinha esbarrado com o Ingersoll (cunhado de Mariche e marido de uma das mulheres do partido de Não Fazer Nada). Ingersoll estava na cidade com os outros homens de Molotschna e saíra do tribunal para deitar um olho aos cavalos. Ele tinha dito ao pai, que o havia mencionado ao seu outro irmão, que por sua vez lhes contou a eles, que dois dos homens de Molotschna estavam a planear voltar mais cedo para virem buscar mais gado e, possivelmente, cavalos, com a ideia de os venderem na cidade e assim conseguirem mais dinheiro para a fiança.

Greta levantou os braços.

Agata endurece o olhar (vejo agora que Salome herdou da mãe aquele olhar que parece um míssil em busca do alvo) e está muito quieta.

Quão mais cedo?, pergunta Mariche, e as raparigas encolhem os ombros.

Que homens?, pergunta Mariche.

Um deles é o Klaas, diz Neitje. (Klaas Loewen é marido de Mariche.)

Mariche tira um ossinho de galinha da boca, coloca-o ao lado da tigela e emite o mais ínfimo dos ínfimos dos sons.

Ona entrega-me um grande rolo de papel pardo, do tipo de papel usado para embalar queijo e carne. Diz-me que o trouxe da cozinha de verão.

Monica, a minha mãe, costumava dar-me papel deste para eu fazer desenhos, quando era pequeno.

Ona sugere que eu use o papel pardo para fazer as listas dos prós e dos contras das opções das mulheres. Precisam de ser escritas num papel bem grande. Nenhuma de nós será capaz de ler o que tu escreves, diz Ona, mas vamos guardá-lo aqui no palheiro como um testemunho para outros descobrirem no futuro.

Autje e Neitje trocam olhares. De que está Ona a falar agora? Porque é ela tão estranha? Como podemos evitar acabar como ela?

Sim, uma descoberta, diz Salome (num raro momento de ternura e concordância com a irmã).

Agata assente com impaciência e move as mãos rapidamente em círculos como uma roda de carroça, ou seja: Podemos continuar, por favor?

Mejal encontra cravos na sala dos arreios (ela aproveita todas as oportunidades para ir dar uma passa rápida no cigarro) e um bloco de sal para pregar o papel pardo à parede.

Ona sugere que eu escreva primeiro um título da seguinte forma: *Ficar e Lutar*. Debaixo dele, um subtítulo: *Prós*.

Nisto, as mulheres começam a falar todas ao mesmo tempo, e eu não tenho alternativa a não ser pedir-lhes educadamente desculpa e que falem, por favor, uma de cada vez, para que eu possa entender o que cada uma está a dizer e ter uns segundos para o transcrever para o papel.

PRÓS

Não teremos de sair.

Não teremos de fazer as malas.

Não teremos de pensar para onde ir
ou de nos afligirmos com a incerteza
de não saber para onde vamos.
(Não temos mapas de sítio nenhum.)

Salome zomba deste último ponto, dizendo que é absurdo. A única certeza que teremos é a incerteza, diz ela, estejamos nós onde estivermos.

Ona afirma: Sem contar com a certeza do poder do amor.

Salome vira-se para olhar Ona nos olhos. Guarda essas patéticas para ti, implora.

Mejal intercede por Ona. Porque não poderia ser isso verdade, que a única certeza é o poder do amor?, pergunta.

Porque não faz sentido!, grita Salome. Principalmente na porra deste contexto!

Agata repreende bruscamente as filhas. Depois, mudando de assunto, aponta para as mulheres mais jovens. Autje? Neitje?, pergunta. Têm alguma coisa a acrescentar à lista?

Salome está a arrancar pedaços das unhas com os dentes e a comê-los. Mejal faz caretas de nojo quando Salome as cospe.

Não teremos de deixar as pessoas que amamos?, pergunta Neitje. Greta faz notar que as mulheres poderiam levar consigo quem amassem.

Outras questionam a praticidade disso, e Ona menciona, com diplomacia, que várias das pessoas que amamos são também pessoas

que tememos.

Poderíamos criar a possibilidade de uma nova ordem aqui mesmo, num lugar que nos é familiar, acrescenta Mariche.

Não apenas familiar, um lugar que *é* nosso, corrige Salome.

Mas, se o deixarmos, pergunta Mejal, ele ainda será nosso? Poderemos algum dia voltar?

O August voltou, lembra Salome. Pergunta-lhe.

Não há tempo, diz Ona. August, agora escreve os contras, por favor.

Abraço mentalmente Ona, e ela abraça-me.

CONTRAS

Não seremos perdoadas.

Não sabemos lutar. (Salome interrompe: Eu sei lutar. As outras ignoram-na aplicadamente.)

Não queremos lutar.

Existe o risco de que as condições sejam piores depois de lutarmos do que antes.

Ona levanta a mão e pergunta se pode falar. (Não consigo perceber se ela está a ser sarcástica em resposta ao meu apelo anterior às mulheres para falarem uma de cada vez.)

Se faz favor, digo-lhe.

Não seria benéfico, pergunta Ona, antes de listarmos os prós e os contras de ficar e lutar, estabelecer aquilo pelo que estamos exatamente a lutar?

Mariche responde de imediato: É óbvio: estamos a lutar pela nossa segurança e para nos livrarmos de ataques!

Claro, concorda Ona, mas o que implica isso? Talvez precisemos de criar um manifesto ou uma declaração revolucionária — (Ona e eu trocamos olhares rápidos. Eu sei que ela está a invocar a minha mãe, que andava sempre, por campos e celeiros, e à luz das velas, a trabalhar em versões de declarações revolucionárias. Baixo o olhar e sorrio) — que descreva as condições de vida a que aspiraríamos/ exigiríamos na colónia depois de vencermos a luta. Talvez precisemos de saber nomear mais concretamente aquilo que

lutamos para conquistar (não apenas o que lutamos para destruir), e quais as ações necessárias para tal conquista, mesmo depois de a luta ser ganha, se for ganha.

Quando a Ona fala, diz Mariche, soa como uma debandada de potros na minha cabeça. Nós já não temos tempo para este tipo de discussão. Recorda às mulheres que um certo número de homens vai regressar mais cedo à colónia.

Agata concorda com Mariche, o que parece aplacá-la. Mas também lembra às mulheres que os seus encontros e os seus planos podem ser mantidos em segredo dos dois ou três homens que regressarem mais cedo, e que esses homens só vão estar na colónia o tempo necessário a reunirem mais animais para vender, e irão regressar rapidamente à cidade. Já que há rumores de que o marido de Mariche, Klaas, é um dos homens que voltarão mais cedo, Agata lembra a Mariche que ela deve «agir naturalmente», por assim dizer.

(Agata usou uma expressão em baixo-alemão para a qual não há tradução fácil em inglês. Refere-se a um tipo de fruta e ao inverno.)

As outras aprovam solenemente com a cabeça.

Agata prossegue, pedindo a Ona que aprofunde o que quer dizer com uma declaração revolucionária.

Vejo que até Neitje e Autje, que normalmente desconfiam de Ona porque se crê que Ona tenha perdido o medo, o que equivale, para os colonos, a ter perdido a bússola moral e sido transformado num demónio — estão agora a prestar-lhe atenção.

É muito simples, diz Ona.

E enumera rapidamente algumas ideias: homens e mulheres tomarão todas as decisões relativas à colónia coletivamente. As mulheres serão autorizadas a pensar. As raparigas serão ensinadas a ler e a escrever. A escola deve ter afixado um mapa do mundo para podermos começar a entender qual é o nosso lugar nele. Uma nova religião, extrapolada da velha, mas focada no amor, será criada pelas mulheres de Molotschna.

(Sinto uma dor no peito. Ona está a repetir quase literalmente uma das lições que a minha mãe, Monica, dava às raparigas na sua escola secreta. Ela está a olhar para mim, tentando estabelecer contacto visual, está a tentar comunicar algo vital, algo lembrado, algo perdido.)

Mariche franze a testa dramaticamente.

Ona continua: Os nossos filhos estarão seguros.

Greta fechou os olhos. Repete a palavra «coletivamente» como se fosse o nome de um novo vegetal com o qual não está

familiarizada.

Mariche não se consegue conter mais. Acusa Ona de ser uma sonhadora.

Somos mulheres sem voz, afirma Ona calmamente. Somos mulheres fora do tempo e do lugar, sem acesso sequer à língua do país onde residimos. Somos menonitas sem pátria. Não temos nada para onde voltar, e até os animais de Molotschna estão mais seguros nas suas casas do que nós, mulheres. Tudo o que nós, mulheres, temos são os nossos sonhos: então, é evidente que somos sonhadoras.

Mariche zomba disto. Queres ouvir o meu sonho?, pergunta, e, antes que alguém possa responder, começa a descrever um sonho em que as pessoas com *Narfa* não são colocadas em posição de fazer declarações revolucionárias.

Ona está a sorrir — não de nervoso, mas com um apreço genuíno pelo humor de Mariche.

A irmã mais nova de Ona e Salome, Mina, era conhecida na colónia por ter um sorriso perpétuo. Era a Mina Feliz. Ona está agora a sorrir como Mina.

(Mesmo na morte, Mina parecia estar a sorrir. No funeral dela, Ona puxou-lhe o lenço um centímetro ou dois para baixo, para revelar as marcas da corda que tinha no pescoço. Disse alto e bom som à congregação que não fora o amoníaco de limpar os estábulos que a matara, como Peters dissera. Mina havia sido encontrada pendurada numa viga do estábulo dos potros. Peters interrompeu o funeral de Mina e pediu aos diáconos Klippenstein e Unrau que levassem Ona a casa. O funeral estava a ter lugar fora da igreja porque os corpos dos suicidas não são permitidos no santuário. O corpo de Mina jazia sobre um bloco de gelo, ao sol. Mina ia afundando cada vez mais, lentamente, em direção ao chão, rodeada por um círculo escuro de terra molhada. Ona fugiu aos homens. Peters orou por ela. A congregação baixou a cabeça.

Neitje é filha de Mina, e está agora ao cuidado de Salome. Mina enforcou-se depois de Neitje ter sido atacada no seu quarto, os pulsos em carne viva, do cordel de enfardar, o corpo emporcalhado de sangue, de merda e de sémen. No início, Peters disse a Mina que Satanás era o responsável pelo ataque, que era castigo de Deus, que Deus estava a punir as mulheres pelos seus pecados. Depois, Peters disse a Mina que ela tinha inventado o ataque. Repetiu as palavras «imaginação feminina desvairada» com uma pontuação enfática após cada palavra, como a criar três frases curtas. Mina exigiu saber de quem era a culpa: de Satanás ou da imaginação dela. Deitou as

unhas aos olhos do bispo. Despiu-se e feriu o corpo com uma tesoura de picotar. Depois foi para o celeiro e enforcou-se. Peters cortou a corda para a descer e disse à colónia que ela tinha inalado demasiados vapores de amoníaco durante a limpeza do estábulo dos potros. Agata Friesen, mãe de Mina, lavou o corpo da filha com as próprias lágrimas. Isso é o que dizem as mulheres da colónia, e elas estavam lá.)

Agata faz agora sinal de que já ouviu o suficiente. Diz que a declaração revolucionária que Ona delineou é sensata, que pode ser acrescentada ao longo do tempo, e que permanecerá como o manifesto que declara corajosamente o que as mulheres querem que aconteça na colónia, se ficarem e lutarem.

Greta levantou os dois braços. Pergunta: E o que acontecerá se os homens se recusarem a atender às nossas exigências?

Ona responde: Matamo-los.

Autje e Neitje sobressaltam-se, depois sorriem timidamente.

Mejal está tão perturbada que sacou do papel de enrolar e do tabaco à vista de toda a gente.

Agata levanta-se e põe os braços em redor de Ona. Não *leibchen*, sussurra ela, não. Explica às outras que a filha está a brincar.

Salome encolhe os ombros. *Talvez não.*

Agata toca repetidamente no ombro de Salome e diz: Nós vamos encontrar uma estrada e vamos viajar.

Greta acena lentamente. Sim, mas então o que estás a dizer, Agata? Que vamos embora?

Uma estrada pode ser muitas coisas, responde-lhe Agata.

Este tipo de «conversa de Friesen» (que Mariche caracteriza como «de café», embora ela nunca tenha ido a um café) exaspera as Loewens.

Autje sugere cautelosamente que agora se listem os prós e os contras de partir, e as outras concordam.

Vejo que Autje e Neitje tiraram os lenços e entrançaram os seus longos cabelos juntos, numa única trança, e parecem siamesas.

PARTIR

PRÓS

Vamos embora daqui.

Ficaremos em segurança.

Mariche interrompe neste ponto. Talvez não, diz ela, mas o primeiro é claramente um facto — que se partirmos vamos embora daqui. Olha em volta para o grupo. Não estaremos com o tempo demasiado contado para o perdermos a afirmar o óbvio? Salome rebate que nem tudo deve ser interpretado literalmente. Ela acrescenta à lista.

Não nos pedirão que perdoemos
aos homens, porque não estaremos aqui
para ouvir o pedido.

Pois, diz Mariche, em tom sarcástico, mas, segundo o manifesto de Ona, seriam estabelecidos novos métodos de perdão e não seria permitido aos homens forçarem-nos a perdoar, ou forçarem-nos a deixar a colónia se não perdoarmos, ou ameaçarem-nos com a recusa de Deus em nos perdoar se não perdoarmos aos homens. Ela recorda que uma das ideias anteriores de Ona era que o perdão do mal feito às crianças, devido à sua natureza abjetamente depravada, deve estar numa categoria de perdão reservada ao próprio Deus, e que Ona parece pensar que tem autoridade para criar uma nova religião.

Ona protesta, baixinho, que não acredita em nada disso. Ela não acredita na autoridade, ponto final, porque a autoridade torna as pessoas cruéis.

Salome interrompe: As pessoas com autoridade ou as pessoas sem autoridade?

Mariche ignora Salome. Como raio podes tu não acreditar na autoridade?, pergunta ela a Ona.

Como raio podes tu acreditar nela?, contrapõe Ona.

Greta e Agata imploram em uníssono a ambas as mulheres que se calem.

Iremos ver um pouco do mundo? Este «pró» é proposto por Neitje Friesen.

Observo que, à medida que a paciência das mulheres mais velhas começa a fraquejar, as mulheres mais jovens vão preenchendo o vazio com algum receio. Ainda estão ligadas uma à outra pelos cabelos. Mais uma vez, a letra de *California Dreamin'* vem-me à mente e eu cantarolo: *All the leaves are brown...*

Algumas mulheres olham para mim, curiosas — especialmente Autje e Neitje. Talvez estejam a perguntar-se por que razão estou eu a cantarolar a música que ouviram no rádio do homem do

recenseamento. Terei estado a espiá-las? Eu gostava de lhes explicar que não estava a espiá-las, foi um acidente, mas sei que não posso.

Solicito que passemos aos Contras do Partir.

Mariche recorda-me que são elas, as mulheres, quem determina o que acontece nestas reuniões, e não um agricultor fracassado de meia-tigela, um *schinda* que precisa de recorrer a dar aulas.

Greta explode.

Mariche!, grita ela, pondo-se de pé. O Klaas vai regressar a qualquer minuto e tu estás a perder tempo com a tua irritabilidade! O Klaas vai voltar para a tua casa apenas o tempo suficiente para levar os seus animais a fim de os vender e obter dinheiro para a fiança que trará os violadores de novo a Molotschna, e vai pôr-te as mãos em cima, a ti e às crianças, e tu, como sempre, não lhe vais dizer nada, mas vais disparar contra todas nós como uma metralhadora *Gatling* a tua raiva mal direccionada. De que adianta isso?

As mulheres estão caladas.

Eu peço desculpa por ter tentado erroneamente apressar os procedimentos, pois não é esse o meu lugar.

As mulheres não dizem nada. Greta está a arfar a cada respiração.

Nota: A palavra que Mariche usou para me descrever, *schinda*, significa «curtidor», um curtidor de peles. Na Rússia, quando os menonitas viviam junto ao Mar Negro com o seu misterioso rio subterrâneo, os homens que eram incapazes de ganhar a vida como agricultores eram forçados a pastorear o gado para os outros menonitas. Se uma vaca morresse, o pastor tinha de esfolar o animal e curtir o couro. *Schinda* significa, portanto, alguém que não tem inteligência suficiente para saber cultivar a terra. É o insulto soberano em Molotschna.

Agora Greta fala, e faz uma declaração radical. Diz que já não é menonita.

Autje e Neitje, por mais especialistas que sejam em parecer indiferentes, levantam os olhos da mesa, alarmadas.

Ona disse que nós, mulheres, teríamos de perguntar a nós próprias quem éramos, diz Greta. Pois bem, declara ela, eu disse-vos quem não sou.

Agata ri-se. Diz que Greta já anunciou muitas vezes que já não é menonita — e, no entanto, nasceu de menonitas e continua a viver como menonita, com menonitas, numa colónia menonita, onde fala a língua menonita.

Todas essas coisas não fazem de mim menonita, argumenta

Greta.

Então quais são as coisas que fazem de ti menonita?, pergunta Agata.

Autje, naquilo que eu acho que deve ser uma tentativa de restaurar a ordem, tomou de novo a palavra, sugerindo vários contras para Partir. Não temos um mapa, diz ela.

Mas as outras mulheres ignoram-na, escutando Agata e o debate de Greta.

Autje e Neitje baloiçam para a frente e para trás, num jogo da corda com a trança que as liga, mas devagar. Autje continua: Não sabemos para onde ir.

Neitje ri. E acrescenta: Nós nem sequer sabemos onde estamos!

As raparigas riem juntas.

Finalmente, Greta volta-se para elas e grita: Calem-se! E escondam-me esse cabelo.

Miep, a menina de Salome, subiu a escada para o palheiro e está a chamar pela mãe. Salome pega na criança ao colo. Miep está a chorar. Está assustada. Ouviu as mulheres aos gritos. Miep pede a Salome para lhe mudar a fralda — mas fá-lo com muita timidez, porque já tem três anos.

Agata explica-me baixinho que Miep tinha largado as fraldas há quase um ano, mas tinha pedido recentemente para voltar a usá-las.

Salome está a embalar Miep e a acariciar-lhe os cabelos, a sussurrar-lhe, a beijá-la. Ona coloca o braço ao redor dos ombros de Salome enquanto a irmã embala Miep.

Encerramos por hoje?, sugere Agata.

Mejal assente, mas pede que pelo menos um ou dois dos Contras de Partir fiquem escritos no papel pardo, para que as mulheres e eu saibamos por onde começar amanhã — ou ainda esta noite, se lhes for possível sair de casa.

Salome levanta-se, com Miep ao colo.

Nenhum, diz ela. Não há nenhum Contra em Partir.

Imagino-a a partir neste preciso momento, a ficar cada vez mais pequena, à medida que, com Miep nos braços, se afasta através do campo de soja, do campo de café, do milheiral, do campo de sorgo, do cruzamento, do leito seco do rio, da ravina, da fronteira, sem nunca se voltar para um último olhar irado.

«E as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela[3].»

Por favor, senta-te, pede Agata, tocando no braço de Salome.

Salome obedece à mãe. Senta-se e perde o olhar na meia distância.

Agora Nettie (Melvin) Gerbrandt subiu a escada até ao palheiro

e apresenta-se às mulheres. Pede desculpa por ter perdido a Miep de vista, por permitir que ela fugisse para ao pé da mãe, embora diga tudo isto sem usar palavras.

Agata faz-lhe um aceno a dizer que não precisa de pedir desculpa. Não te preocupes, diz ela gentilmente, e encoraja Nettie a voltar para junto das outras crianças, que provavelmente foram deixadas sozinhas. A Miep fica com a Salome, por enquanto.

Nettie acena vigorosamente e volta a descer a escada.

Todas sabemos que a Nettie está exausta, observa Agata para as outras.

(Nettie não fala, a não ser com as crianças, mas de noite os membros da colónia podem ouvi-la gritar enquanto dorme — ou talvez grite em plena consciência.)

Agata sugere que as mulheres cantem para Miep, e Greta concorda.

As adolescentes, Autje e Neitje, ficam mais uma vez visivelmente angustiadas com este pedido, embora se juntem às outras mulheres numa versão melódica de «Filhos do Pai Celestial» (*Children of the Heavenly Father*).

Ona sorri para mim. (Ou talvez ela não sorria para ninguém em particular e só eu tenha notado.)

Na canção (e talvez apenas na canção), as vozes das mulheres erguem-se em perfeita harmonia. Miep aconchega-se contra o peito da mãe.

Eu deveria incluir aqui a letra, mas a verdade é que já me esqueci da maior parte (empurrada da memória pelo *California Dreamin'*) e não consigo escrever suficientemente depressa. Vou ficar em adoração silenciosa enquanto as mulheres cantam para a pequena Miep. Estou a lembrar-me do meu pai. Estou a lembrar-me da minha mãe. Estou a lembrar-me da vida, do cheiro do cabelo da minha mãe, do calor das costas do meu pai debaixo do sol, inclinado em direção à terra, o seu riso, a minha mãe a correr em direção a mim, a minha fé. Sem uma pátria para onde voltar, voltamos à nossa fé. A fé é a nossa pátria. «Tu És Fiel, Senhor», a canção na minha cabeça, na minha mente, nos meus pensamentos, no meu intelecto, na minha casa, no meu funeral — mas não na minha morte.

O dia está a chegar ao fim. O canto terminou. As vacas estão a exigir ser ordenhadas. As moscas deixaram os esconderijos sombrios e estão a atirar-se aos vidros imundos. Os cães de Dueck estão a ladrar pedindo o jantar, mas Dueck está na cidade e é o único que se daria ao trabalho de alimentá-los.

Como se os meus pensamentos pudessem ser ouvidos, Mariche diz que vai atirar um bocado de carne aos cães de Dueck mais ao fim da noite, para evitar que eles ataquem alguma criança.

Os aromas característicos do endro e das salsichas grelhadas conseguiram viajar desde a cozinha de verão até ao palheiro de Earnest Thiessen.

Greta pede um consenso: Podemos concordar, pergunta ela, que amanhã de manhã chegaremos a uma decisão sobre se devemos ficar ou partir, e em seguida poremos em prática essa decisão?

Cada mulher, na sua vez, e à sua própria maneira, concorda. Mas quando chega a vez de Mejal Loewe, esta levanta uma questão. Se as mulheres deixarem a colónia, pergunta ela, como viveremos com a angústia de não voltarmos a ver os nossos entes queridos, os nossos maridos e os nossos irmãos, os homens?

Salome parece estar prestes a falar, mas Mejal levanta a mão, a fazê-la calar.

Salome sussurra ao ouvido de Mejal. Miep mexe-se nos seus braços, mas está tranquila. Mejal sorri.

As duas mulheres riem-se por um instante e voltam a sussurrar. Que homem?, pergunta Salome.

Cala-te, diz Mejal. (Terá ela uma vida secreta?)

Mariche, ao que parece, está ansiosa para terminar a reunião. Os homens podem acompanhar as mulheres, diz ela, se assim quiserem, mas apenas se assinarem e aderirem às condições do manifesto.

Ona pergunta educadamente a Mariche se ela não tinha descartado o manifesto como documento sem interesse.

Mariche abre a boca, mas Salome rapidamente intervém. O tempo há de curar os nossos corações pesados, afirma ela. A nossa liberdade e a nossa segurança são os objetivos finais, e são os homens que nos impedem de alcançar esses objetivos.

Mas nem todos os homens, diz Mejal.

Ona esclarece: Talvez não sejam os homens, por si só, mas uma ideologia perniciosa que foi tomando conta dos corações e das cabeças deles.

Neitje, alarmada, agora que começa a tomar consciência das implicações, pergunta se é verdade que se as mulheres optarem por sair ela nunca mais verá os irmãos.

(Devo explicar que na colónia há um entendimento muito lato da definição convencional de irmãos e irmãs. Homens e mulheres, rapazes e raparigas, dirigem-se uns aos outros como irmãos e irmãs — e, de facto, cada membro da colónia está ligado por laços de

parentesco próximos.) Autje pergunta: Quem irá cuidar dos nossos irmãos?

Agata Friesen, com uma expressão preocupada, pede às mulheres que retomem os seus lugares. Estas questões são importantes, diz ela com solenidade. E temos de as resolver antes de tomarmos a nossa decisão final sobre ficar ou partir.

É justo, diz Greta. Madeixas de cabelo branco escaparam-se-lhe do lenço e ela sopra-as pelos cantos dos lábios. A dentadura continua sobre a mesa de contraplacado. Pergunta: Então e quem trata da ordenha e prepara a ceia?

Isto é recebido com olhares vazios pelas mulheres no palheiro.

Eu rio-me, por alguma razão que não percebo bem, e em seguida peço rapidamente desculpa. Reparo que Miep adormeceu nos braços de Salome.

Agata pergunta, no que parece ser um supremo ato de misericórdia para com as jovens, se as restantes presentes autorizam que Autje e Neitje abandonem a reunião para irem ajudar as mulheres da colónia nas tarefas da noite.

Mas Salome opõe-se. Foram as jovens, Autje e Neitje, faz ela notar, que colocaram certas questões pertinentes sobre os rapazes e os homens. Devem poder ficar na reunião para participarem na discussão relativa a essas questões e, mais importante ainda, para ficarem a par das respostas que dêmos a essas perguntas.

Que fiquem, então, por amor de Josué Juízes Rute!, grita Mariche.

Agata sorri, contorce o corpo de um lado para o outro (um gesto que faz quando está satisfeita ou encantada). Eu gosto dessa expressão, diz ela.

Salome, fingindo-se chocada, diz: Mariche! Não sabia que estavas tão familiarizada com a cronologia dos livros da Bíblia! Pois se tu nunca pareces ter o Bom Livro presente...

Greta apoia a mão no braço de Mariche para a aconselhar a que não responda ao comentário de Salome. Sussurra qualquer coisa, talvez reconhecendo o medo da filha de que Klaas esteja a chegar a casa e não tenha o jantar pronto.

Autje e Neitje, apanhadas neste fogo cruzado entre as mais velhas, parecem estátuas.

Agata respira fundo. Dirige-se aos medos não expressos das mulheres. Os preparativos da ordenha e da ceia serão facilmente resolvidos pelas mulheres que estão «no terreno», diz ela. E o futuro das mulheres fica mais bem servido se nos mantivermos por agora no palheiro, a partir pedra relativamente a estas preocupações de

última hora.

Ona diz: Eu não classificaria necessariamente o futuro das nossas relações com os rapazes e os homens que amamos como preocupações «de última hora».

Ela pode ter olhado na minha direção quando disse isto, mas não posso garantir. A «minha» direção está em linha com a janela (diretamente atrás de mim), que está imunda e coberta de moscas, e dá para quilómetros e quilómetros de campos, céu e galáxias para lá deles, e depois para o infinito... Portanto, talvez não.

As mulheres acomodam-se para continuar a discussão. As sombras avançam sobre os seus rostos e sobre a tábua de contraplacado montada para fazer de mesa. Vi vários ratos — ou será o mesmo, excecionalmente ativo? Autje e Neitje, ainda comicamente unidas, usam os lenços de cabeça para afastar as moscas.

(Tecnicamente, estes lenços devem ser usados por todas as mulheres com mais de quinze anos na presença de homens. Eu nunca tinha visto o cabelo de Autje e Neitje. Parece muito suave — loiro no caso de Neitje, com tons que vão do quase branco ao dourado e ao bege, e, no caso de Autje, castanho-escuro com um discreto brilho acobreado, uma cor que condiz com os olhos dela e com as crinas e as caudas de *Ruth* e *Cheryl*, a parelha de éguas ariscas de Greta. Tenho vergonha de admitir que me interrogo se Autje e Neitje não me considerarão suficientemente homem, ou sequer homem, para justificar que cubram os cabelos na minha presença.)

Agata está agora descalça. Ergue as pernas e apoia-as num toco de madeira para reduzir a retenção de líquidos de que sofre. Edema, chama-lhe ela. Há uma nota de orgulho na sua voz quando diz a palavra «edema». (Deve haver satisfação em nomear com precisão uma coisa que nos atormenta.)

Salome deitou Miep num cobertor de sela ali ao lado, e a criança está no centro das atenções das mulheres reunidas.

Agata pediu-me para escrever em letras grandes:

**OPÇÕES PARA OS HOMENS E RAPAZES
MAIS VELHOS SE AS MULHERES
DECIDIREM PARTIR:**

1. Que lhes seja permitido sair com

- as mulheres, se assim desejarem.
2. Que lhes seja permitido sair com as mulheres apenas se assinarem a declaração/o manifesto.
 3. Que fiquem na colónia.
 4. Que lhes seja permitido juntarem-se às mulheres mais tarde, quando elas determinarem onde se vão estabelecer e prosperar como comunidade democrática/coletiva/alfabetizada (com relatórios de progresso feitos regularmente sobre a reabilitação/ /o comportamento dos homens e rapazes em relação às mulheres e raparigas).

N.B. Rapazes com menos de doze anos, rapazes com atrasos de qualquer idade, o Cornelius (um rapaz da colónia com quinze anos que está confinado a uma cadeira de rodas) e homens idosos/doentes que são incapazes de cuidar de si próprios (são os rapazes e homens que permaneceram aqui em vez de irem para a cidade) acompanharão automaticamente as mulheres.

Pela primeira vez desde o início da reunião, as mulheres parecem genuinamente perplexas. Estão em silêncio, abismadas em pensamentos.

Mariche fala primeiro. Ela vota na primeira opção.

Isto não parece bem a mais ninguém. Levantam-se vozes em unísono e Mariche cruza os braços. Está ansiosa por se ir embora. Atira as borras do café instantâneo para o chão, diz que só lhe apetece enforcar-se.

Mas, Mariche, diz Ona, isso levanta a possibilidade de os homens, até talvez todos eles, quererem partir connosco, e tudo o que estaríamos a fazer seria recriar a colónia existente, com todos os seus perigos inerentes, noutro lugar, onde quer que vamos parar.

Agata acrescenta: E é evidente que os homens iriam embora connosco porque eles não conseguem sobreviver sem nós.

Greta ri-se e diz: Pelo menos mais do que um dia ou dois.

Salome chama a atenção para a opção número um ser realmente bastante discutível. Se, em última análise, decidirmos deixar a colônia, em vez de ficar e lutar, diz ela, vamos sair antes que os homens regressem, e, portanto, não há possibilidade de eles saírem connosco.

Mejal, agora a fumar às claras (embora, como isso incomoda Salome, fazendo grandes gestos para afastar o fumo de Miep, que está a dormir), afirma que a opção número um é ridícula e deve ser riscada da lista. Afirma ainda que a opção número dois (permitir que os homens partam com as mulheres se assinarem o manifesto com as exigências) é, pela mesma razão que a opção número um, discutível. Além disso, diz Mejal, mesmo que decidíssemos partir só depois de os homens terem regressado, e levar connosco aqueles de entre eles que concordassem em assinar o manifesto, como poderemos saber que as suas assinaturas não são pura traição? Quem melhor do que as mulheres de Molotschna conhece a duplicidade dos homens?

Bem dito, concorda Ona.

Mariche afirma: Bem, então, vamos acabar com isto e deixar os homens para trás. Seja o número três! Dá um murro na mesa (contraplacado) e Miep mexe-se.

Salome pede a Mariche que se controle.

Estás a ir de um extremo ao outro, censura Greta. Primeiro permitias que qualquer homem saísse connosco, se quisesse, e agora deixa-los a todos para trás.

Então, pergunta Mariche, se as opções números um e três são extremas, discutíveis ou absurdas, porque se permitiu que fossem escritas em primeiro lugar? Para gastar tempo? Para dar mais tempo ao August Epp para praticar as suas letras?

O August Epp não precisa de praticar mais nada, murmura Ona. Talvez a Mariche esteja com inveja da sua capacidade de escrever.

Mariche garante a Ona que não tem inveja de um homem efeminado que é incapaz de cultivar adequadamente um campo ou de estripar um porco.

Ordem!, insiste Agata. Claramente, as opções números um e três, como se depreende da ata, são irrealistas e insustentáveis. A opção número dois é suspeita, na medida em que nós, mulheres, não podemos ter a certeza de que as assinaturas dos homens, no nosso manifesto, não seriam irrelevantes, ou feitas de má-fé.

Então, diz Greta, parece que a única opção restante é a número

quatro.

(Só para lembrar: Esta é a opção que permite que os homens se possam juntar às mulheres mais tarde, sujeitos a certas condições.)

Mariche contesta: Bem, queres tu dizer que é a única opção restante que foi anotada no papel pardo.

É verdade, concorda Agata. Mas estas são as opções a que chegámos em conjunto e precisamos de ter um sistema de um tipo qualquer. Se houver outras opções, elas não podem ficar só dentro das nossas cabeças: precisamos de as declarar e documentar.

Isso é o que tu dizes, responde Mariche. Eu trago muitas opções dentro da cabeça.

Mas, diz Greta, essas não nos ajudam agora, pois não? Não sabemos quais são e se são viáveis. Não nos queres dizer quais são, se são significativamente diferentes das que já acordámos em conjunto, e que o August Epp tão gentilmente escreveu no papel?

Mariche fica em silêncio.

Autje diz: Eu gosto da número quatro.

Neitje diz: Eu também.

Agata sorri para as raparigas. Tanto Autje como Neitje têm irmãos mais novos e mais velhos, além de pais e primos do sexo masculino, que desejam voltar a ver um dia.

Será que todas concordariam com a opção número quatro, pergunta Greta, com a ressalva de que podemos mudar de ideias no futuro? E de que qualquer mudança deve ser realizada com um objetivo em mente: a segurança das raparigas e das mulheres, e a probabilidade da reabilitação dos homens e dos rapazes de Molotschna?

Oh! A fúria de Salome transformou-se em lágrimas, um espantoso desenvolvimento. Ela aperta com os dedos indicadores os cantos dos olhos, junto ao nariz, empurrando para trás as lágrimas.

(Faz-me lembrar a forma como Ona termina as frases com uma aspiração rápida, como se inalasse as palavras de volta para dentro, para um lugar seguro. Se as mulheres puserem em prática a opção número quatro, Aaron, o amado filho de Salome, será deixado na colónia com os homens porque tem mais de doze anos. Embora os tenha completado há pouco.

Aaron é um rapazinho bem-humorado, de trato fácil, e é um dos meus alunos excepcionais, embora vá abandonar a escola em breve para ir ajudar os homens mais velhos nos campos. Aaron detém o título de campeão da colónia a equilibrar-se em cima da cerca. Com uma capacidade de equilíbrio nata, é capaz de percorrer, pelos sete centímetros e meio de largura da viga superior, todo o

perímetro da cerca que rodeia o pasto do estábulo dos potros. Os rapazes e eu construímos um troféu para lhe dar, feito com vários pedaços de máquinas, madeira e cordel, e Cornelius, o nosso pirógrafo oficial, gravou com todo o cuidado o nome de Aaron e o título de campeão na parte inferior do troféu, em cursivo! O troféu foi confiscado a Aaron por Peters, que o avisou — e, no dia seguinte, nos avisou a todos — das consequências — vagas, embora incluíssem vermes carnívoros — da vaidade e do orgulho.

Nessa manhã, a manhã em que Peters confiscou o troféu de Aaron, pedi licença para sair da sala de aula e fui para o campo atrás da escola. Fiquei de pé e rezei. Ajoelhei-me e rezei. Pus-me à escuta das palavras de Deus, de uma resposta. Mas tudo o que conseguia ouvir eram os meus próprios pensamentos, cobras enroladas, e o veneno das minhas próprias palavras, que eram: *Hoje consegui perceber o fogo posto*. Imaginei os meus alunos, os jovens de Molotschna, sozinhos na sala de aula à minha espera — ou sem estarem à minha espera, a fazerem disparates, a atirarem bosta de animais uns aos outros, a rirem, a zombarem, a esconderem-se, a suplicarem, a fazerem estalar suspensórios, a roubarem chapéus, os mais pequenos com sorrisos amarelos a rezarem para que eu volte, para fazer calar os grandes, para repor a ordem, eu, o professor, que, dominado pelo único desejo de deitar fogo a tudo, de queimar tudo até ao chão, estava de joelhos, a chorar, no campo atrás da sala de aula.

Na cadeia, um dos meus companheiros de cela que percebeu mal e achou que eu era um incendiário, e não um anarquista ou um Anticristo[4], falou comigo sobre aquilo que sentia, uma complexa teia de fogo, raiva e destruição. Fingi ouvir com toda a atenção, porque tinha medo dele. Ele teria falado comigo sobre os seus sentimentos, se tivesse sabido a verdade?)

Agata pôs um braço em redor dos ombros de Salome. Diz a Salome que a tristeza de abandonar Aaron durante algum tempo só a estimulará, a ela e às outras mães enlutadas, a reconstruir uma colónia nova e melhor para todos.

Agora Mejal também está transtornada, embora não tenha nenhum filho para abandonar. Ela e Salome passam a maior parte do tempo em desacordo, mas unem-se sempre com muita força durante as crises. Mejal passa para o lado do contraplacado em que Salome está, a fim de a abraçar como deve ser.

Mas por que razão, pergunta Salome, se os rapazes de quinze anos já estão na cidade com os homens (quinze anos é a idade do batismo e de passar a membro de pleno direito na igreja), e os

rapazes de doze anos e menos são autorizados a juntar-se às mulheres, deixaremos nós os rapazes com treze e catorze anos ao cuidado e instrução duvidosos dos homens? Porque não são os rapazes nesta categoria tão pequena autorizados a acompanhar-nos, se partirmos? E se os violadores forem libertados sob fiança e regressarem à colónia e descobrirem que não há aqui raparigas e mulheres e começarem a usar esses rapazes, os de treze e catorze anos, como alvos dos seus ataques?

Mejal concorda: Com certeza não vamos ter medo de rapazes desta idade? Porque não podem eles juntar-se a nós?

Ona assusta-me com uma pergunta. August, diz ela, és o professor dos rapazes. O que pensas tu sobre isto? Os rapazes dessa idade representam uma ameaça para as nossas meninas e mulheres?

Tenho de parar a transcrição a fim de responder devidamente à sua pergunta. Não sou pura e simplesmente capaz de, ao mesmo tempo, conter a minha felicidade e a minha surpresa ao ser-me feita uma pergunta por Ona, formular a minha resposta, comunicá-la em baixo-alemão e traduzi-la de imediato na minha mente em inglês, enquanto escrevo a tradução inglesa quase em simultâneo no papel. Vou pousar por instantes a caneta, enquanto tento responder à pergunta de Ona.

Agora peguei de novo na caneta e as mulheres estão a falar entre si.

(Ona agradeceu-me por ter dado uma resposta ponderada à pergunta. A minha alegria é avassaladora e estou a lutar para a suprimir. Gostaria de ser capaz de me transformar em pedra tão facilmente como o fazem Neitje e Autje. Sinto que muitos problemas na minha vida poderiam ter sido evitados se eu tivesse sido mais... contido.)

A minha resposta à pergunta de Ona — se os rapazes de treze e catorze anos representam uma ameaça para as raparigas e mulheres da Colónia de Molotschna — foi sim, possivelmente. Cada um de nós, homem ou mulher, representa uma ameaça potencial. Rapazes de treze e catorze anos são capazes de causar grandes danos às meninas e às mulheres, bem como uns aos outros. É uma idade impetuosa. Esses rapazes têm impulsos imprudentes, exuberância física, uma curiosidade intensa que muitas vezes resulta em ferimentos, uma emoção desenfreada, incluindo uma profunda ternura e empatia, e não têm experiência suficiente ou maturidade cerebral para compreenderem ou apreciarem plenamente as

consequências das suas ações ou palavras. São semelhantes aos potros de um ano: jovens, desajeitados, alegres, poderosos. São altos, musculosos, criaturas sexualmente curiosas com pouco controlo dos impulsos, mas são crianças. São crianças e podem ser ensinadas. Eu sou um professor de meia-tigela, um agricultor falhado, um *schinda*, um homem efeminado e, acima de tudo, um crente. Acredito que, com direção, amor firme e paciência, esses rapazes de treze e catorze anos são capazes de reaprender os seus papéis como elementos masculinos da Colónia de Molotschna. Acredito no que o grande poeta Samuel Taylor Coleridge considerava serem as regras fundamentais da educação infantil: «Trabalhar por amor, e desta maneira gerar amor. Habituar a mente à precisão intelectual e à verdade. Excitar o poder da imaginação.» Coleridge concluiu a sua palestra sobre a educação com estas palavras: «Pouco é ensinado através de competição ou disputa, tudo através de solidariedade e amor.»

Enquanto eu dizia isto, Ona ergueu o olhar, pôs os olhos em mim, e repetiu comigo em silêncio as palavras de Coleridge. *Solidariedade e amor*. Na sua escola secreta, a minha mãe citava muitas vezes as palavras de Coleridge, o seu favorito entre os poetas românticos, um sonhador metafísico, atormentado, misterioso, bem-parecido.

Assenti vigorosamente às mulheres, à beira de lágrimas, um lunático, um palhaço triste. Disse-lhes: Acho que aqueles rapazes devem ser autorizados a sair com as mulheres, se as mulheres optarem por sair.

Mariche é a primeira a reagir. Era uma pergunta de «sim» ou «não», diz ela. Porque falas tu dessa maneira? Cagas como outro homem qualquer, porque não falas como um deles?

Eu coço a cabeça. Sinto muito, respondo-lhe.

Ona ignora-a. Em vez disso, pergunta-me: August, o que vais tu fazer aqui na colónia, se não houver crianças para ensinar?

Antes de eu poder pensar numa resposta, Mariche diz sarcasticamente: À falta de melhor, será certamente uma boa oportunidade para o August aprender a manejar as ferramentas de um ofício sério, como a agricultura.

Talvez os rapazes mais velhos pudessem continuar a frequentar as aulas, sugere Neitje. Os que têm mais de quinze anos, aqueles que, sendo já membros da igreja, ficarão aqui.

Sim, diz Neitje, os rapazes de quinze anos ainda acreditam que atirar bosta de cavalo às raparigas enquanto fazemos a ordenha é uma demonstração de amor.

Autje ri. Mas um rapaz que te ama de verdade vai errar o alvo de propósito quando te atira a merda, diz, ou não a atira com tanta força.

Mejal e Salome abanam a cabeça. Salome (as lágrimas são agora uma coisa do passado, empurradas com sucesso para dentro e bem trancadas) afirma que o seu maior sonho para a pequena Miep é que haja um dia feliz em que um rapaz falhe de propósito quando lhe atirar com um pedaço de merda.

Sim, concorda Mejal, é o dia com que toda a mãe sonha, a esperança que nos conduz através das horas mais sombrias.

Mas esses rapazes não vão poder ficar na escola, observa Mariche. Vão ser obrigados a trabalhar nos campos e a cuidar dos animais. A escola deles é fora da sala de aula. E, além disso, acrescenta, se não houver aqui mulheres e raparigas para ajudar os homens nas tarefas, esses rapazes de quinze anos serão mais necessários do que nunca.

Isso partindo do princípio de que a agricultura vai ser a ocupação central dos homens que ficarem cá, diz Ona.

E que outra ocupação poderia ser, valham-nos os campos verdes do Senhor?, pergunta Mariche.

Ona encolhe os ombros. De certeza que existem outras maneiras de estar no mundo.

Mas não para estes homens, objeta Greta. Não são exatamente estudiosos, estes homens.

(Reparo que Autje e Neitje trocam olhares, de forma misteriosa.)

Agata considera este ponto. Possivelmente, diz ela. Mas existem outras ocupações que não são académicas nem agrícolas.

E então, num instante que eu acho de pura serendipidade, porque estava a recitar para mim próprio precisamente as mesmas palavras, Ona cita Virgílio, um poema que a minha mãe nos ensinou na sua escola secreta: Muito serviço também faz «aquele que de través vai indo e que, cruzando os sulcos que na lavra já abriu, derruba a margem alta[5]». Eu ergo os olhos das atas e sorrio para Ona.

Isso é do Levítico?, pergunta Mariche.

Isso mesmo, responde Ona, e eu finjo tossir.

Mejal usa o dedo e o polegar para beliscar a ponta do cigarro, sem dúvida com a intenção de o guardar para mais tarde. Tem as pontas dos dedos amarelas — ou melhor, ocres.

Então, diz Mariche, a Bíblia recomenda trabalhar a terra. Isto é claro. (Está a olhar para mim, acho eu, porque tem um dos olhos

nublado, com um véu branco, por lhe terem atirado uma picareta que lhe acertou, e nem sempre é evidente para onde ela está a olhar.)

Mas, além disso, diz Ona, é uma metáfora útil.

Agata, indulgente, reconhece a mentirazinha de Ona com um sinal de cabeça, mas depois implora-lhe: Meu amor, neste momento estamos a conspirar para salvar as nossas vidas, então...

Estou ciente disso, diz Ona. E estou a tentar ajudar, as metáforas podem ser uma ajuda nestas ocasiões, e este excerto em particular, esta metáfora é tão apropriada para os rapazes e os homens de Molotschna, para o seu...

Agata acena com a cabeça rapidamente. Sim, está de acordo. Agarra a mão de Ona, e insiste de novo que as mulheres têm de continuar. Fita Ona intensamente nos olhos enquanto diz isto, implorando. Os olhos de Agata estão molhados e injetados, veias vermelhas e rosadas que se espriam de um centro mais escuro, sóis poentes.

Ona pára de falar sobre metáforas.

Agata continua: Nós, as raparigas e as mulheres, estamos a considerar abandonar a colónia, mas já determinámos entre nós o que faremos, como viveremos, como nos sustentaremos a nós próprias, se e quando partirmos? Não sabemos ler, não sabemos escrever, não sabemos falar a língua do nosso país, temos apenas competências domésticas que podem ou não ser-nos exigidas noutras partes do mundo, e, por falar em mundo — não temos um mapa do mundo...

Mariche interrompe. Outra vez o mapa do mundo, não!, diz ela.

Interrompo a conversa, correndo o risco de irar Mariche, e sugiro que talvez eu possa conseguir um mapa-múndi para as mulheres.

Ona pergunta: Em pouco tempo?

Aceno com a cabeça.

Mariche bufa, abre as narinas.

Greta fecha os olhos.

Agata endireita as costas.

Neitje pergunta: Onde?

Eu respondo: Em Chortiza.

As mulheres ficam assustadas. Perguntam-me, em unísono, como está a colónia vizinha de Chortiza em posse de tal mapa.

Eu não posso divulgar essa informação, explico, por uma questão de segurança — deles — mas é bem provável que possa pedir emprestado o mapa por um curto período, e talvez a Autje e a

Neitje, com os seus talentos artísticos, possam copiá-lo para papel pardo.

As mulheres, à exceção de Mariche, parecem achar esta proposta atraente.

Salome pergunta se também poderá haver, na colónia de Chortiza, um mapa desta região específica. Seria melhor, nota ela sabiamente, se tivéssemos um mapa detalhado que incluísse estradas principais, estradas secundárias, rios e trilhos, por exemplo. Se é que tal mapa existe.

É verdade, diz Mariche. Não estamos a planear atravessar o planeta.

Talvez estejamos, contrapõe Ona. E acrescenta um facto interessante. Sabias, diz ela, que o período de migração das borboletas e das libélulas é tão longo que muitas vezes só os netos chegam ao destino pretendido? Enquanto fala, Ona está radiosa. Está uma vez mais a citar vagamente a minha mãe. Quero agradecer a Ona, quero abraçá-la. (Não, o que eu realmente quero é tomá-la nos braços e dançar em redor do palheiro. Quando éramos crianças, agarrei-a atrás do celeiro e corri uma boa distância com ela nos braços, a rir, enquanto ela me dizia para não lhe esmagar as costelas senão o coração fugia.)

Autje e Neitje sorriem de volta para Ona, embora não seja claro se isso se deve a genuíno deleite com a história desta libélula ou simplesmente a terem uma oportunidade para sorrir e rir abertamente. Eu suspeito que elas se estejam a rir da idiotice dos seus pares masculinos, enquanto fingem estar muito divertidas com o pensamento de netos de libélulas a cruzarem uma linha de meta imaginária, tendo deixado para trás os cadáveres das gerações anteriores.

Enquanto isso, Mejal assente com a cabeça a este facto curioso.

Salome afasta uma mosca da boca aberta de Miep, cujas pernas e braços estão tombados sobre o cobertor da sela.

E tu sabias, diz Ona, olhando agora diretamente para mim e sorrindo abertamente, que as libélulas têm seis pernas, mas não conseguem andar?

Eu aceno com a cabeça que sim. E também, digo, encorajado pelo olhar de Ona, que as libélulas têm olhos que lhes cobrem quase toda a cabeça, permitindo-lhes ver tudo de uma vez, mesmo os movimentos mais pequenos e mais rápidos.

Algumas das mulheres assentem e ponderam sobre isto. Autje e Neitje riem-se.

Pois, digo eu, atrapalhado. Pois, então....

Reparo que Agata e Greta não ouviram este facto. Em vez disso, estão a falar em voz baixa entre elas, especulando sobre como um mapa-múndi chegou a Chortiza.

Eu sussurro para Ona: Há um homem, um músico chamado John Cage, que compôs uma peça musical que irá levar mais de seiscentos anos a tocar. Uma nota a cada poucos anos, ou até mais. As notas são tocadas num órgão especial, numa igreja de uma pequena cidade na Alemanha.

Ona sussurra de volta: Ah, sim?

Eu: Sim.

Ona: O John Cage é menonita?

Eu: Não.

Ona: Ah.

Eu: Bem, talvez seja.

Ona: Talvez.

Agora as mulheres estão a saborear uma gargalhada geral ao imaginarem o que Peters faria se descobrisse que um mapa-múndi proibido estava escondido logo ali adiante, na estrada de Molotschna.

Agata recorda-nos do incidente em que, num determinado domingo, Peters brandiu os manuais de agricultura orgânica de Earnest Thiessen em frente à congregação como prova de influências mundanas. Earnest Thiessen foi castigado pelos anciãos e proibido de contactar com os membros da colónia por um período de oito semanas. Durante essas semanas, ele vagueou pelas estradas rurais e dormiu na sala dos arreios, anexa ao estábulo dos potros. (Agora que Earnest está senil — à exceção da sua eterna lembrança do roubo do relógio —, o que é uma bênção, esqueceu-se da maldade dos seus atos prévios e, ou está piamente convencido de que Deus o acolherá sem restrições no Seu reino, ou não tem qualquer ideia de que Deus ou o reino de Deus sequer existam.)

Mariche tenta chamar-nos de volta à discussão. Recorda-me que Salome havia feito uma pergunta.

Será que também pode existir um mapa regional escondido em Chortiza?, pergunta Salome, repetindo a sua questão.

Arrisco-me a adivinhar que é possível.

Mariche pergunta se eu poderei contrabandeá-lo também de Chortiza, juntamente com o mapa do mundo, e eu prometo que, se ele existir, o trarei. Mariche agradece-me. E concede que eu afinal sempre tenho alguma utilidade prática. No seu léxico, um contrabandista é preferível a um professor, embora não tão estimado como um agricultor.

Mas o August tem tido sempre uma utilidade prática, diz Ona. Quem achará a Mariche que vai nos explicar o mapa, se não for o August? Será que a Mariche, sem o conhecimento de ninguém, foi de repente abençoada por Deus com uma compreensão de geografia e cartografia?

Mariche faz de conta que não ouviu a pergunta e inclina a cabeça, aponta para a janela com o dedo amputado.

Ona faz uma sugestão: Talvez as mulheres possam criar o seu próprio mapa à medida que avançam.

As outras voltam a sua atenção para ela, perplexas.

Greta afirma: Essa agora é que é cá uma ideia...

É interrompida por Ona, que começou a vomitar para o balde de razão que tem ao lado.

Greta diz: Oh, *schatzi*.

Agata põe-se de pé — até agora tinha estado com as pernas levantadas — e vai até perto de Ona. Acaricia-lhe as costas e segura nos cabelos soltos que Ona tinha deixado escapar do lenço para os afastar do caminho do vômito.

Ona levanta a cabeça e tranquiliza as mulheres, dizendo que está ótima.

As mulheres assentem. A atenção volta-se agora para Mejal, que está a respirar com dificuldade. Tem uma mão no peito.

Greta pergunta: O que se passa agora?

Estás bem, Mejal?, pergunta Agata.

Mejal acena vigorosamente com a cabeça.

Salome explica-me em voz baixa que Mejal está a ter um dos seus ataques. Vai até junto dela e sussurra-lhe docemente ao ouvido, de forma inaudível. Segura-lhe na mão. As outras inclinam a cabeça em oração e pedem a Deus que restaure o equilíbrio de Mejal.

Mejal estremece no seu balde de leite. Depois cai do balde e fica deitada na palha, com o corpo todo rígido. Salome deita-se ao seu lado e continua a sussurrar de forma inaudível ao seu ouvido e a segurá-la. As mulheres rezam.

Agata diz: Senhor Pai Todo-Poderoso, com toda a humildade e súplica nós Te imploramos a Tua infinita bondade neste momento. Rogamos-Te que tenhas piedade da nossa irmã Mejal. Pedimos-Te que, na Tua beneficência, Te dignes curá-la. Rogamos-Te que a envolvas na Tua força e no Teu amor eterno, e que expulses, por favor, a doença que agora a aflige.

As mulheres continuam de cabeça baixa e a dirigir palavras de louvor ao nosso Pai celestial. (Lembro-me como meu pai, dois dias antes de desaparecer, me disse que os dois pilares que guardam a

entrada para o santuário da religião são as narrativas e a crueldade.)

Salome, muito discretamente, tapa os ouvidos de Mejal às orações das mulheres. Em seguida, pede a Ona para enrolar um dos cigarros de Mejal.

Continua a sussurrar, de forma inaudível, ao ouvido de Mejal. Mejal parece agora mais estável, menos rígida. Parou de tremer. A respiração voltou ao normal.

Ona enrolou-lhe um cigarro, que lhe oferece, com um pedido de desculpa. Não tem muita experiência a enrolar cigarros; franze o nariz face ao resultado.

As outras mulheres continuam a orar, de cabeças curvadas e de mãos dadas.

Mejal recupera, e ela e Salome retomam os seus lugares à mesa.

Agata diz: Louvado seja Deus.

Greta pede a Autje que corra até à bomba e traga água, para preparar umas chávenas de café instantâneo, e Autje sai da mesa disparada. Neitje segue-a instantaneamente, como uma andorinha de celeiro. Desapareceram.

Salome corre para a janela e grita a Neitje que volte para o palheiro.

Ouvimos Neitje gritar à distância: Não, porquê? Vou ajudar a Autje!

Deixa-a estar, diz Agata.

Mas Salome chama outra vez por Neitje, e depois fica em silêncio, a olhar pela janela.

Neitje regressa ao palheiro.

Agata está visivelmente aborrecida com Salome, mas mantém a calma.

Mariche declara então que o ataque de Mejal foi provocado pelo pensamento de as mulheres criarem o seu próprio mapa. Não por um medo consciente de produzir mapas do tipo «faça você mesmo», explica ela, mas antes do que isso implica: que somos senhoras do nosso próprio destino. Que vamos partir para um espaço desconhecido.

Sim, diz Agata, é razoável que se entre em pânico...

Mejal sopra anéis de fumo. Não estou em pânico, diz ela.

Está bem, diz Agata. Mas o pânico, neste caso, *seria* compreensível.

Mas eu não estou, frisa Mejal.

Agata olha para o teto.

Depois de um breve silêncio, Greta conta agora uma história

sua às mulheres. Durante três anos, diz ela, só conseguiu andar para trás, nunca para a frente, devido a uma lesão que sofreu na virilha. (Percebo como a ideia de partir sem saber para onde se está a ir tenha contribuído para esta memória.)

Mas logo sobrevém outro incidente que distrai Mejal do seu desconforto com o desconhecido.

Nettie (Melvin) Gerbrandt vem outra vez a subir a escada de acesso ao palheiro, desta vez trazendo o filho mais novo de Mariche, Julius Loewen, que parece estar inconsolável.

Greta levanta os braços ao ar. O que é agora, por amor de Deus?!

Nettie (que, desde os ataques, como já aponte, só fala com crianças) empurra o pequeno Julius para o colo de Mariche. Gesticula, apontando para o nariz do menino e exprimindo, tanto quanto eu consigo decifrar, desorientação.

Agata pergunta calmamente a Nettie se pode abrir uma exceção, e ser, por favor, razoável e falar nestas circunstâncias. Só há mulheres aqui no palheiro, faz notar ela. (Eu mantenho-me muito quieto.)

Nettie fica em silêncio, a ponderar o pedido de Agata, enquanto Julius uiva nos braços de Mariche.

O que lhe aconteceu?, pergunta-lhe Mariche angustiada, por cima da gritaria.

Nettie, diz Agata. Sê realista. O que aconteceu ao Julius?

Por fim, Nettie fala, mas olha para Julius enquanto o faz. Conta que o jovem Julius enfiou um caroço de cereja numa narina e que ela não consegue tirá-lo sem o empurrar cada vez mais para acima.

As mulheres reagem imediatamente. Estão uma vez mais a falar todas ao mesmo tempo e eu não consigo registar o que dizem.

Ona insere dois dedos na boca e assobia.

(Que habilidade encantadora! E tão prática!)

As outras mulheres param de falar e olham para ela.

Há dois leves vincos verticais entre os olhos de Ona, duas minúsculas vias-férreas que conduzem à linha do cabelo, mas desaparecem a meio do caminho. Se o Julius enfiou um caroço de cereja no nariz, diz ela, daí se segue que o Julius comeu cerejas, ou esteve pelo menos na proximidade de cerejas. Nós não temos cerejas em Molotschna. As cerejas que comemos são sempre trazidas da cidade, como uma guloseima para os membros da colónia, por um dos anciãos que lá tenha ido tratar de negócios.

As mulheres ficam em silêncio, a absorver esta notícia. Agata tem o olhar fixo e está imóvel.

Salome vai a praguejar até à janela.

Greta chama Autje, que ainda não chegou à escada que dá acesso ao palheiro, no regresso da bomba de água. Descobre se alguns dos homens já regressaram da cidade, diz ela. E, se tiverem regressado, tenta descobrir quem são.

Além disso, grita ela, se os homens perguntarem onde estão as mulheres, diz-lhes que a *Ruth* e a *Cheryl* vão parir tarde esta primavera e há problemas!

Agata levanta objeções a isto. Os homens da colónia sabem que a *Ruth* e a *Cheryl* não foram cobertas no ano passado, faz notar ela, e, portanto, não se poderia esperar que parissem esta primavera. E grita para Autje, que continua lá em baixo: Diz aos homens, se eles perguntarem, que as mulheres estão a assistir uma irmã que está em trabalho de parto em Chortiza!

Isto é recebido com aprovação pelas outras mulheres. Nenhum homem da colónia de Molotschna irá interferir (ou expressar interesse) num parto, especialmente lá longe, em Chortiza.

Agata também pede a Autje que volte a pôr o lenço na cabeça. Autje e Neitje amarraram os lenços de maneira rebelde à volta dos pulsos, a moda entre as adolescentes de Molotschna quando os homens não estão presentes.

Mariche grita agora também à filha: Diz aos homens que estamos a fazer uma colcha, mas diz-lhes que não sabes em casa de quem, e que temos de fazer serão noite dentro porque houve um pedido importante e em cima da hora, da cooperativa!

Uma nota de explicação: A cooperativa vende artefactos menonitas aos turistas. As mulheres de Molotschna fornecem os bens, mas estão proibidas de visitar a cooperativa ou de tocar no dinheiro das vendas.

Ah, diz Salome, essa é boa. Nenhum homem de Molotschna querará ser visto nas proximidades de um círculo de mulheres a fazer colchas. Ela está de pé à janela, a observar Autje: Lá vai ela, a correr.

Salome afasta-se da janela para encarar as mulheres. Diz a Neitje: Agora tens de correr de casa em casa e dizer às mulheres que contem aos homens, se se encontrarem com eles e eles perguntarem, que algumas de nós estão a trabalhar até muito tarde para acabar uma encomenda de uma colcha, e que outras estão a ajudar ao parto difícil de uma das nossas irmãs de Chortiza. Os homens vão querer comer. Recorda às mulheres que digam aos homens, se forem os maridos de qualquer uma de nós que está aqui neste sótão, que deixámos caixas com sopa e pães nas despensas. Os homens partirão

novamente de manhã e vão entender que estamos a trabalhar nessas várias coisas durante toda a noite e não vamos estar disponíveis para nos despedirmos deles.

Neitje não se mexe de imediato.

Salome espevita-a com um dedo: Vai, vai!

Neitje levanta-se do seu balde lentamente e em silêncio, espreguiçando-se primeiro, compondo o cabelo até Salome ficar apoplética e rosnar o seu nome: Neitje!

A esta altura, Mariche já retirou com sucesso o caroço da narina de Julius, usando a boca para o sugar, como se faria para remover o veneno de uma picada de cobra, ou para chupar gasolina de forma ilícita de um carro da polícia, e Julius está a mastigar alegremente um pedaço de couro podre de um velho freio que pertenceu à parelha de Earnest Thiessen. Agata informa Nettie de que está livre para ir, e deve voltar para ao pé das outras crianças. Julius ficará no palheiro, por enquanto.

Mas Mariche pede a Nettie para ficar mais um instante. Como é que o Julius arranjou as cerejas?, pergunta ela.

Então pergunta: Foi o Klaas? (O próprio marido de Mariche.)

Nettie responde, de novo falando para Julius, olhando apenas para ele enquanto ele brinca e mastiga, alheio ao resto. Explica que o Julius e algumas das crianças mais velhas estavam no quintal, e que uma das crianças avistou uma carroça na estrada, e que esta criança mais velha, provavelmente o Benny Eidse, desafiou os outros, incluindo o Julius, que ia às cavalitas de uma das crianças mais fortes, para irem ao encontro da carroça. Quando voltaram, traziam um cartucho de papel com cerejas que iam passando em redor, e Julius estava aflito com o caroço.

Mariche pergunta a Nettie: Então tu não sabes quem estava na carroça?

Nettie responde a Julius: Eu não.

Mejal diz: Estou preocupada com as mulheres que votaram em não fazer nada (em resposta aos ataques). Se o os homens regressaram, há um alto risco de que essas mulheres os informem de que estamos a tramcar esta insurreição.

Mariche zomba: Não é uma insurreição, essa não é a palavra correta.

Salome suspira, exasperada. Mariche, tu insistes em sabotar as nossas reuniões, posicionando-te como autoridade seja no que for, por mais arbitrária e ridícula que seja a coisa. E se não tiveres opositoras, insistes ainda assim que tens razão. E quando alguém te desafia, ficas histérica.

Não, interrompe Mariche. És tu, Salome, ou talvez alguma outra mulher Friesen presente, quem está sempre a puxar dos galões de uma linguagem rigorosa e precisa, de usar a palavra correta. E, neste caso, a palavra «insurreição» é flagrantemente incorreta, porque insurreições envolvem violência, e o que nós, as mulheres de Molotschna, estamos a planear *não* inclui violência.

Ona apela às mulheres para que mantenham a calma. A nossa reunião deve prosseguir, diz ela. E a Mariche tem razão. «Insurreição» não é a palavra certa para descrever o nosso plano. Vamos nomeá-lo corretamente quando tivermos os pormenores assentes.

Volta ao ponto anterior de Mejal, sobre o risco de as mulheres do Não Fazer Nada informarem os homens. É verdade, diz ela, que estas mulheres se vão recusar a cometer o pecado da mentira. Teremos simplesmente de ter fé em que elas, para não serem culpadas de prevaricação, irão alegar ignorância se forem questionadas sobre o nosso paradeiro, ou que irão encontrar uma maneira criativa, embora piedosa, de fugir completamente à questão.

(Faço um esforço para não intervir neste ponto, para não repreender, não desafiar, não desenganar altivamente Ona desta sua confiança, para não dar a mínima indicação de que estou preocupado com a traição, os corações negros, e com Janz da Cara Cortada em particular. E imploro a Deus, silenciosamente, que me perdoe as minhas transgressões, as minhas suspeitas, e que me imbua da mesma fé que Ona tem nas suas irmãs colonas, em todos nós, na bondade.)

Ona continua dizendo que está preocupada que os homens que voltaram temporariamente a Molotschna possam levar os cavalos e/ou gado de que as mulheres irão precisar mais tarde, quer para vender, quer para dar apoio ao longo do caminho.

Mariche pergunta: Ao longo do caminho? Eu não sabia que nós já tínhamos tomado uma decisão final sobre ficar ou partir. A única coisa que estou ciente de termos decidido é que as mulheres não são animais. E mesmo essa conclusão foi obtida sem um consenso sólido entre as mulheres.

Sim, admite Ona, é verdade que não tomámos em definitivo a decisão de partir. Mas, se partirmos, vamos precisar de todos os animais possíveis.

Como podemos nós impedir que os homens levem alguns animais, pergunta Greta a Ona, considerando que é justamente por essa razão que eles voltaram?

Ona tem uma sugestão: Talvez através de Nettie (que está ainda no palheiro) pudéssemos transmitir a mensagem de que os animais ficaram doentes desde que os homens partiram para a cidade e que foram postos em quarentena?

Mejal lembra a Ona que Nettie não fala com adultos.

Mariche salienta que a história da quarentena é mais uma mentira, uma transgressão profunda. Não só teremos cometido o pecado de mentir, diz ela, como teremos instruído as nossas filhas a fazerem o mesmo. Se instigarmos a Nettie a mentir também, vamos ser culpadas de nos aproveitarmos de uma *dummkopf*.

Salome levanta a mão. A Nettie não é uma «*dummkopf*», declara ela. O comportamento fora do comum da Nettie — dando a si própria um nome de rapaz e falando apenas com as crianças — é uma reação compreensível ao ataque prolongado e especialmente horrível que ela suportou.

Somos todos vítimas, diz Mariche.

É verdade, diz Salome, mas as nossas reações são variadas e uma não é mais ou menos apropriada do que outra.

Mariche faz um gesto desdenhoso a esta objeção. Continua a expor a sua tese sobre a mentira. Certamente, diz ela, encorajar outros a mentir a nosso favor deve ser um pecado pior do que mentirmos nós próprias. E como seremos nós perdoadas por esta mentira (sobre o paradeiro das mulheres, a colcha, o auxílio ao parto, etc.) a não ser pelos anciãos a quem temos mentido e a quem, se o nosso plano para sair se tornar uma realidade, nunca mais veremos, deixando-nos, portanto, sem perdão, desprovidas de misericórdia, com corações negros, e incapazes de entrar no reino de Deus?

Talvez, diz Greta, haja outros anciãos ou homens de Deus que sejam capazes de nos perdoar os nossos pecados — indivíduos que ainda não conhecemos.

Nisto, Salome explode. Levanta a voz, acordando Miep e fazendo Julius parar de mascar o couro. Não temos de ser perdoadas pelos homens de Deus, grita ela, por protegermos os nossos filhos das ações depravadas de homens viciosos que são muitas vezes os mesmos a quem deveríamos pedirmos perdão. Se Deus é amor, Ele mesmo nos perdoará. Se Deus é vingativo, então criou-nos à Sua imagem. Se Deus é onipotente, então porque não protegeu as mulheres e as meninas de Molotschna? Se Deus, no Evangelho de Mateus, segundo Peters, o nosso sábio bispo, pede: «Deixai vir a mim as criancinhas, não as impeçais», então não devemos considerar um impedimento os nossos filhos serem atacados?

Salome faz uma pausa, talvez para descansar...

Não, não é para descansar. Salome continua a gritar, diz que irá destruir qualquer animal que moleste a sua filha, que o vai rasgar de membro a membro, que vai profanar o seu corpo e enterrá-lo vivo. E vai desafiar Deus enquanto o fizer para que a fulmine logo ali se ela pecou ao proteger a sua filha do mal, e ao destruir a fonte do mal que não poderá causar dano a mais ninguém. E vai mentir, perseguir, matar e dançar em cima das sepulturas, e arder para sempre no Inferno, antes que permita que outro homem satisfaça os seus impulsos violentos no corpo da sua filha de três anos.

Não, diz Agata em voz baixa, dançar, não. Profanar, não.

Miep começou a chorar e o pequeno Julius está a rir, inseguro de si, com os olhos brilhantes, pérolas minúsculas.

Mejal vai ter com Salome, como Salome foi ter Mejal há pouco, e abraça-a.

Ona levanta Miep da palha e canta-lhe uma cantiga sobre patos. (Será que Ona se lembra da felicidade e do consolo que eu sinto quando ouço os sons que os patos fazem?)

Agata, para além de sussurrar a Nettie que volte agora para ao pé das outras crianças, está em silêncio. Também Greta e Mariche ficaram em silêncio.

Nettie desce a escada do palheiro.

Só se ouve/eu só ouço a voz de Ona. Ela vai brincando enquanto canta, acelerando a letra quando os peixes cirandam e fazem corridas, abrandando quando os peixes se refastelam ao sol, junto à superfície da água. As crianças estão calmas, encantadas. Ela continua a cantar a cantiga dos patos a nadar no mar, um, dois, três e quatro.

Ona pergunta às crianças se sabem o que é um mar, e eles olham para ela com quatro olhos enormes, azuis como o mar. Ona descreve o mar como um outro mundo, que está escondido de nós, que vive debaixo de água. É a vida no mar que ela define como mar, e não o mar em si. Fala-lhes de peixes e outros seres vivos.

Por fim, Mariche interrompe. O mar é uma enorme extensão de água, e nada mais, diz ela às crianças. São crianças, Ona, explica ela. Como podemos esperar que entendam o que se passa e não é visível? Além disso, tu nunca viste um mar.

Salome desata a rir. E diz: A vida debaixo de água não é invisível. Não é impossível de ser vista. Nós é que não a conseguimos ver daqui. Meu Deus!

Tu não conheces a sensibilidade de uma criança, Salome, diz

Mariche.

Oh, diz Salome, não conheço? Se eu permitisse que a minha filha fosse selvaticamente espancada por um tipo que só tem merda no cérebro, como o teu Klaas, ficaria menos ignorante sobre o entendimento que uma criança tem da vida oculta?

Mariche fica calada, chocada.

Salome, diz Mejal, isso não faz sentido. Aconselha Salome a dar uma passa no seu cigarro.

Ona concorda, em silêncio. Sei que ela acha que este ataque de Salome foi despropositado e indigno dela. Sei-o porque olhou para Salome e franziu a testa de uma forma que eu já havia testemunhado (as linhas-férreas que desaparecem a meio da testa). No geral, Ona é tolerante com as fúrias da irmã e circunspecta na resposta que lhes dá. Talvez tenha aprendido ao longo dos anos que nada de bom resulta de se fazer zangar a irmã mais nova.

Como se lesse os meus pensamentos, Agata sugere agora que nos *concentremos* no que é bom. Recita um versículo de Filipenses: «De resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é respeitável, tudo o que possa ser virtude e mereça louvor, tende isso em mente... Então, o Deus da paz estará convosco.»

As outras mulheres vão cedendo a vez umas às outras para falarem em resposta ao apelo de Agata de exemplos de bondade. Na verdade, não parecem estar muito empenhadas neste esforço.

Salome ignora por completo o apelo. Se ficar aqui vou tornar-me uma assassina, diz ela à mãe. (Presumo que ela quer dizer que se ficar na colónia e ainda aqui estiver quando e se os homens detidos forem libertados sob fiança e voltarem para casa.)

O que é pior do que isto?, pergunta Salome a Agata.

Agata assente. Continua a assentir. Tem os lábios contraídos enquanto pisca os olhos e move a cabeça em assentimento. Apoiou as mãos junto aos pulsos sobre a mesa, mas os dedos estão verticais, apontando para as vigas do palheiro, em direção a Deus, em direção ao entendimento. As outras mulheres não falam. É raro.

Vi *A Criação de Adão* de Miguel Ângelo num livro de pinturas famosas deixado na cooperativa por um turista suíço. O livro foi passado de mão em mão pela colónia, discretamente, graças ao meu pai, mas Peters Senior acabou por descobrir e destruiu-o. Diz-se que arrancou todas as páginas e lhes pegou fogo, uma a uma — quando mais não fosse para ter a oportunidade de pôr os olhos em todas as pinturas. Um homem com mais que fazer e intenções mais claras tê-lo-ia ateado e atirado para a braseira de uma vez só.

As mulheres continuam em silêncio.

Eu só menciono aqui o livro de pinturas famosas porque os dedos de Agata estão a apontar para Deus. Isto lembra-me, de certa forma, *A Criação de Adão*. E porque o palheiro está silencioso e eu quero parecer um trabalhador aplicado, sendo o meu trabalho aqui escrever, isto é algo que pode ser escrito, a primeira coisa que me veio à lembrança.

As mulheres permanecem em silêncio, a pensar sobre o que é bom, justo, agradável, puro, etc. Ou talvez sobre outras coisas. Não sei o que estão a pensar. Talvez sobre fogos postos. Lembro-me, ao pensar n' *A Criação de Adão*, de outro facto sobre os dedos humanos.

Os dedos humanos podem sentir objetos com treze nanómetros, o que significa que se o nosso dedo fosse do tamanho da Terra poderíamos sentir a diferença entre um celeiro e um cavalo. Quero lembrar-me de mencionar isto a Ona.

Também queria mencionar *A Criação de Eva*, de Miguel Ângelo (o quinto painel da obra da Capela Sistina), que não é nem de longe tão conhecido e popular como *A Criação de Adão*. N' *A Criação de Eva*, Adão está inanimado sobre uma pedra e Eva está de pé, nua, implorando alguma coisa a Deus. O que poderá ser? Nesta pintura, Deus desceu à Terra, já não anda à deriva numa nuvem, estendendo o dedo casualmente. Desta vez, Deus parece severo, intenso. Veio à Terra para falar com Eva... ou veio a seu pedido? Porque deixou Ele a sua nuvem de querubins? Na pintura, Eva implora a Deus, implora, implora... talvez entendimento, como se tivesse dentro dela o poder de devolver o cristianismo à sua grandeza original. Ela faz isto nas costas de Adão, que está adormecido no chão, como que sugerindo que ela sabe que ele desaprovava. Mas desaprovava o quê? O seu encontro em privado com Deus? Ou o que ela está a dizer?

Outro facto sobre a cooperativa: há uma fotografia desbotada afixada na parede virada a sul. É uma fotografia que foi publicada pelo jornal *The Guardian*, em Inglaterra, tirada por um fotógrafo profissional que viera a Molotschna, havia muitos anos, para se documentar sobre os menonitas. Foi este fotógrafo que começou por falar de Inglaterra ao meu pai. A fotografia retrata vários jovens homens e mulheres da nossa colónia. Sob a fotografia, lê-se: «Os menonitas gostam de passar algum tempo a conversar sob as estrelas, antes de irem dormir.»

Na fotografia, tirada à noite, vemos raparigas menonitas sentadas ao ar livre em cadeiras de plástico, às escuras, numa noite particularmente estrelada. Parece que acabou de ocorrer um

cataclismo qualquer sobre as cabeças destes menonitas que estão à conversa, mas que lhes passou despercebido. O céu está a começar a ficar amarelo-mostarda. Veem-se dois homens ao fundo, a conversar. E veem-se duas caleches e dois cavalos. Vê-se uma casa, uma árvore e um silo. Uma das raparigas que está na fotografia é Ona. É magra, jovem, está inclinada para a frente, para ouvir o que as outras raparigas estão a dizer. Os seus longos dedos estão a segurar os braços da cadeira de plástico onde ela está sentada, como se estivesse preparada para sair disparada a qualquer momento, ou para se projetar em direção ao céu amarelo por cima dela.

Ona não viu esta fotografia, é claro, mas um dia eu gostaria de lhe falar dela. Depois dos ataques, foram à cooperativa muitos fotógrafos de todo o mundo, a pedir indicações de como chegar à colónia.

Peters decretou que ninguém na cooperativa falasse com estes indivíduos. Heinz Gerbrandt, um ferreiro cuja forja fica ao lado da cooperativa, disse-me na igreja que alguém tinha enviado para a cooperativa um recorte de um jornal americano. Tinha sido deixado na sua forja porque a porta da cooperativa estava fechada. Heinz Gerbrandt levou a carta até à cooperativa. Lembra-se que a levou afastada do corpo, como algo escaldante e perigoso. A manchete dizia: *O Diabo Apareceu, na Forma de Sete Fantasma, às Meninas e Mulheres da Colónia de Molotschna*. Heinz Gerbrandt disse-me que Peters, quando descobriu este recorte, tinha acenado com a cabeça em concordância. Sim, tinha ele dito, segundo Heinz Gerbrandt. Isso é verdade. «Despejem homens no meio do nada, confinem-nos, maltratam-nos, suspendam-nos no limbo, e será isto que obtêm.»

Perguntei a Heinz Gerbrandt se Peters tinha mesmo dito isso, e Heinz confirmou. Disse-me que isto era o que Peters lhe tinha dito, com lágrimas nos olhos, enquanto estavam os dois a substituir as telhas partidas do telhado da igreja.

Mas, então, como pode ele continuar aqui como bispo de Molotschna, da maneira que o faz?, perguntei ao Heinz. Heinz abanou a cabeça. Não sabia. Sugeriu que analisássemos a afirmação: «Despejem homens no meio do nada, confinem-nos, maltratam-nos, suspendam-nos no limbo, e será isto que obtêm.»

Heinz Gerbrandt abandonou Molotschna. Levou a mulher e os filhos com ele. Diz-se que ficou assustado depois de ouvir Peters dizer que era verdade que o diabo tinha visitado as meninas e as mulheres de Molotschna. Diz-se que Heinz Gerbrandt não é suficientemente homem, ou crente, para aceitar a verdade. Diz-se que Heinz Gerbrandt é facilmente desencorajável e que o mundo o

vai fazer em pedaços. Peters excomungou oficialmente Heinz Gerbrandt, mas todos sabem que esse anátema não tem força, porque Heinz Gerbrandt abandonou a igreja e a colônia por sua própria iniciativa.

Heinz Gerbrandt deu-me uma vez um presente, uma ferradura. Dizem que dão sorte, disse ele. Em Molotschna, a sorte não existe. É pecado acreditar na sorte. É vergonhoso chorar. Tudo é vontade de Deus, nada é deixado ao acaso, na criação de Deus. Se Deus criou o mundo, porque não haveríamos nós de estar nele?

Nunca me esquecerei de Heinz Gerbrandt.

As mulheres permanecem em silêncio. Ona chegou chegou-se ao pé de mim e está a olhar por cima do meu ombro. Será que me vai pôr a mão no ombro? Está a olhar para mim enquanto escrevo. A minha caneta treme. Ela não sabe ler, portanto eu poderia escrever as palavras *Ona, a minha alma pertence-te*, e ela não saberia.

Quebra o silêncio. August, diz ela, eu sei o que estas são (aponta para as letras). São letras. Mas, o que são estas coisinhas?

Digo-lhe que são vírgulas, comas, que significam uma curta pausa, uma respiração, no texto.

Ona sorri, em seguida inala, como para reaver as suas palavras, para as levar de volta para dentro do corpo, talvez para dar palavras à criança por nascer, a história, a dela... não diz nada mais e eu luto para responder de alguma maneira.

Sabias, pergunto eu, que há uma borboleta chamada coma?

Ona abre a boca de surpresa.

É uma reação tão imprópria, tão cómica.

A sério?!, pergunta ela.

Sim, respondo, chama-se borboleta-coma porque... Mas Ona interrompe-me.

Não, diz ela, deixa-me adivinhar. Porque volteia por aí, de folha para caule, para pétala, mal se detendo no seu caminho? Porque a sua jornada é a sua história, sem nunca parar, mal se detendo, sempre em movimento.

Sorrio e assinto. É exatamente isso!

Ona dá um murro na palma da mão: Aha! E vai-se embora, de volta ao seu lugar.

Mas não é verdade, não é por isso que a borboleta-coma tem este nome. E, claro, há períodos dentro dos textos e das viagens. Interrupções. A verdadeira razão, banal, é que a borboleta tem uma forma na parte inferior da asa que se assemelha a uma vírgula.

Não sei agora porque a deixei acreditar no contrário, mas um dia talvez venha a perceber porquê.

Ah, mas as mulheres voltam a mexer-se, este devaneio acabou. Vou retomar as atas.

Agata fala.

Salome, diz ela, não há nada pior do que ser um assassino. Se te tornares uma assassina por ficares na colônia, lado a lado com os homens que são responsáveis pelos ataques, e lado a lado com os homens que estão a pagar a fiança para os atacantes voltarem à colônia enquanto aguardam julgamento, então, para protegeres a tua própria alma e para te qualificares para entrar no céu, deves partir.

Mariche franze a testa, discordando do raciocínio de Agata. Não somos todas assassinas, contrapõe.

Ainda não, diz Ona.

Agata assente. Mariche, diz ela, alguma vez pensaste em matar um dos homens responsáveis pelos ataques?

Nunca, diz Mariche. Que *dummheit*.

Já desejaste que os agressores morressem?, pergunta Agata.

Mariche admite que sim, mas que pediu imediatamente a Deus que a perdoasse.

E pensas que os teus pensamentos assassinos se iriam multiplicar se os homens estivessem nas tuas proximidades?, insiste Agata. Se visses os homens todos os dias, e se os homens estivessem numa posição de autoridade sobre ti e os teus filhos, e o Peters esperasse que obedecesses a esses homens?

Sim, diz Mariche, creio que seria o caso, que os meus pensamentos assassinos se multiplicariam nessas condições.

Ah, diz Salome, então sempre tens pensamentos assassinos.

Não, diz Mariche, já te disse. Só queria que os homens morressem.

E é por isso que temos de partir, conclui Agata.

Algumas das mulheres, incluindo Mariche e Greta, abrem a boca para se opor, e Greta levanta os braços ao ar.

Mas Agata continua: Eu fiz o que o versículo de Filipenses manda, que é pensar sobre o que é bom, o que é justo, o que é puro, e o que é excelente. E cheguei a uma resposta: pacifismo.

O pacifismo, diz Agata, é bom. Qualquer violência é injustificável. Se ficarmos em Molotschna, diz ela, nós, mulheres, estaremos a trair o princípio central da fé menonita, que é o pacifismo, porque ficar seria colocarmo-nos conscientemente em rota de colisão direta com a violência, perpetrada por nós ou contra nós. Estaríamos a convidar o mal. Estaríamos em estado de guerra. Transformaríamos Molotschna num campo de batalha. Ficando em

Molotschna, seríamos más menonitas. Seríamos pecadoras, de acordo com a nossa fé, e impedidas de entrar no céu.

Mejal puxa uma longa baforada do cigarro. Exala, e concorda. Agata tem razão.

Então, despachemo-nos, diz Mejal.

Mas ficando e lutando, objeta Mariche, com sorte poderemos vir a conseguir a paz para os nossos filhos. E a nossa colônia permanecerá intacta e vamos manter-nos separadas do mundo, e não no mundo, que é outro princípio central da nossa fé menonita.

Isso é verdade, concorda Agata, mas não há nenhum princípio da nossa fé que exija que fiquemos separadas do mundo em conjunto com homens que inspiram violência aos nossos corações e às nossas mentes.

Ona pergunta a Mariche: Quer dizer que tu queres mesmo ficar e **NÃO** lutar? Quando foi a última vez que tiveste força para enfrentar a agressão do Klaas, para protegeres os teus filhos ou para saíres tu do caminho?

Mariche enfurece-se. Põe-se de pé, com os maxilares cerrados e os olhos a dardejar. Quem és tu, pergunta ela a Ona, para me vires dizer que tipo de esposa e de mãe devo ser, quando tu não és uma coisa nem outra? Tu não passas de uma sonhadora, uma sábia idiota, uma solteirona, uma louca amaldiçoada com *Narfa*, uma lunática!

Estou a escrever o mais rapidamente que posso, mas não consigo acompanhar Mariche. Chamou puta a Ona, mãe solteira.

Salome ergueu-se do balde de leite. Está agora a gritar com Mariche. Diz que Ona ficou inconsciente e foi violada, como tantas outras, e agora está grávida em resultado disso. Como se atreve Mariche a chamar puta a Ona. Deus, na Sua criação do mundo, pôs Adão num sono profundo e enquanto ele estava a dormir removeu-lhe uma costela, e da costela criou Eva. Adão foi uma puta?

Mariche uiva em resposta: Adão era um homem!!

Salome ignora-a, gritando: Será que foi Adão que iniciou esse ato? Teria sido capaz de se defender?

(Um aparte rápido, para pensar depois: Estou curioso com o comentário de Salome, considerando a nota sobre este tema que fiz no meu caderno referente à pintura de Miguel Ângelo.)

Salome continua a gritar, já rouca. Mariche, não tens medo de que o teu doce Julius se torne um monstro como o pai porque não fazes nada para o proteger, nada para o educar, nada para lhe explicares que o pai se comporta como um criminoso, um depravado...

Agata coxeia (o edema continua a incomodá-la) até onde Salome está. Pede gentilmente à filha que volte a sentar-se no balde de leite e acaricia-lhe o cabelo, murmurando palavras que não consigo ouvir. Agata acaricia o cabelo de Salome com uma mão e esfrega os próprios olhos com a outra mão, o que produz uma espécie de estalidos.

Salome puxa com suavidade a mão que Agata tem sobre os olhos. Não faça isso, diz ela. Esse barulho. Estás a esfregá-los com muita força.

Agata sorri. A ternura.

Salome é louca, diz Mariche. Já não diz coisa com coisa, e, virando-se para encarar Ona: Como te atreves a julgar-me?

Ona enfrenta o olhar de Mariche e sorri. Não foi um julgamento, diz ela, foi uma pergunta.

Agata inclina-se para sussurrar a Ona.

Ona pede desculpa a Mariche, que sugere a Ona que cometa uma ação ordinária que eu não posso mencionar. (Vou mencionar aqui que Mariche, num péssimo inglês, também disse a Ona que «vá foder». Muito do que existe no mundo exterior é mantido fora de Molotschna, mas os insultos, tal como a dor, encontram sempre uma maneira de entrar.)

Mariche, Mariche!, diz Greta. Senta-te e cala-te.

Mariche senta-se com grandes protestos.

Mejal e Salome estão a partilhar um cigarro — esperando, parece, que a atmosfera desanuvie.

Agata continua a acariciar os braços e o cabelo da filha. Está outra vez a esfregar os olhos e eles recomeçam a fazer estalidos.

Salome franze a testa e diz de novo: Mãe, não.

Mariche está em silêncio.

Neitje sussurra qualquer coisa: É «vai-te foder», acho eu. As outras acenam em concordância.

Ona pede novamente desculpa e acrescenta que também ela refletiu no versículo de Filipenses e pensou naquilo que é bom. A liberdade é boa, diz ela. É melhor do que a escravatura. E o perdão é bom, é melhor do que a vingança. E a esperança no desconhecido é boa, é melhor do que o ódio ao familiar.

Mariche permanece estranhamente calma. Pergunta a Ona, genuinamente e sem sarcasmo: Mas então e a proteção, a segurança, a casa e a família? E a santidade do casamento, da obediência, do amor?

Não sei nada sobre nenhuma dessas coisas, diz Ona. À exceção do amor. E até o amor, diz ela, é misterioso para mim. E eu acredito

que a minha casa está com a minha mãe, com a minha irmã e com o meu filho por nascer, onde quer que estejam.

Mariche pergunta: Não vais odiar a criança por nascer porque é filha de um homem que te inspira pensamentos violentos?

Eu já amo esta criança mais do que tudo, diz Ona. Ela é tão inocente e adorável como o sol do entardecer...

Ela olha para mim. Sustenho a respiração e coço a cabeça, imploro perdão, mas para quê, ou para quem, oh, esta luz temporal...

E assim também, diz Ona, era o pai da criança, quando nasceu.

Espera, diz Mejal, não estou de acordo. Aquele homem nasceu mau. Deus trouxe-o a este mundo para nos testar, para testar a nossa fé.

Salome zomba dela. Não eras tu, Mejal, que há uns meses dizias que todos os atacantes eram mandados pelo diabo? Então, em que ficamos? Deus e o diabo são a mesma coisa, para ti?

Mejal revira os olhos e diz: Ah, que se foda, não sei.

Não quero ouvir mais esta linguagem, diz Greta com um ar cansado.

Agata faz um barulhinho. Está a chorar? Não, não está a chorar. Esfregou os olhos com demasiada força e magoou-se, tal como Salome previra.

Mariche continua com as suas interrogações, ainda calma. Se Ona diz que o perdão é bom, melhor do que a vingança, está a insinuar que devemos perdoar aos homens de Molotschna, particularmente aos agressores, em vez de fazer justiça retaliando? E, se assim for, não seria possível ficar em Molotschna, e perdoar aos homens?

Mas os homens de Molotschna, e particularmente os atacantes, não pediram perdão, aponta Salome.

Pois não, diz Mariche, mas o Peters vai insistir para que os agressores peçam perdão. E nessa altura, para não pecarmos contra Deus e correremos o risco de sermos excomungadas e exiladas, teremos de lhes perdoar!

Greta apoiou agora a cabeça sobre a mesa, ao lado da dentadura. (Um pequeno rato, o mesmo ou outro, diferente do de há pouco, cruza o chão do palheiro. Porque são vocês tantos, e para onde vão?)

O perdão é discutível, insiste Ona, se não for sincero. A única coisa que temos de fazer é proteger as almas que Deus nos deu. Devemos encontrar forças nos nossos próprios corações para perdoar aos homens de Molotschna, independentemente do que o

Peters ou qualquer outra pessoa espere de nós, e mesmo que os homens não o peçam voluntariamente, e proclamem a sua inocência até à sepultura.

Então, tu acreditas que manter a condição da tua própria alma é mais importante do que obedecer a Deus?, diz Mariche, agora menos calma.

São a mesma coisa, na verdade, diz Ona com firmeza. Acredito que a minha alma, a minha essência, a minha energia intangível, é a presença de Deus em mim, e que trazendo a paz para a minha alma estou a honrar Deus. Se eu puder entender como estes crimes podem ter acontecido, sou capaz de perdoar a estes homens. E eu sou quase capaz, certamente à distância, de ter pena destes homens, e de os amar. O amor é bom, e é melhor do que a retaliação.

Mariche volta a pôr-se de pé. Ona é absurda, diz numa fúria. Tudo o que ela diz é ridículo, blasfemo e moralmente corrupto.

Greta, cansada, levanta a cabeça e depois os braços, embora não tão alto como dantes. Uma vez mais, pede a Mariche para se sentar.

Agata fala: Ona, diz ela, expuseste um bom argumento. Dizes que certamente à distância estas coisas — perdão, compaixão e amor — são possíveis. E que a adesão à nossa fé menonita requer estas coisas de nós. Desta forma, devemos realmente partir, para alcançarmos a distância de que falas. Talvez possamos chamar-lhe *perspetiva*. Uma nova perspetiva, que é racional, compreensiva E amorosa e obediente, em consonância com a nossa fé, tudo ao mesmo tempo. É nosso dever partir. Concordam? Que a palavra é «perspetiva», e que a obteríamos com alguma distância?

Não a lutar, mas a avançar, diz Ona. Sempre em movimento. Nunca lutar. Sempre a avançar. Sempre em movimento. Parece estar em transe.

Mariche diz a Ona para se deixar disso.

Deixa-te tu disso, Mariche, diz Salome.

Deixem-se todas disso e concentrem-se, diz Mejal. Perderam a cabeça? Ela bate na janela, apontando o Sol lá fora, que se está a pôr.

Greta, agora sentada muito direita, conta-nos uma nova história sobre a sua parelha, *Ruth* e *Cheryl*.

Várias mulheres gemem, mas ela ignora-as.

Antigamente, diz Greta, eu tinha medo da estrada entre Molotschna e Chortiza. É tão estreita e as ravinas de ambos os lados da estrada tão fundas. Só quando aprendeu a focar o olhar longe, lá à frente, ao fundo da estrada, e não na estrada imediatamente

adiante da sua parêlha, é que se sentiu segura. Antes de aprender a fazer isso, diz Greta, a sua carroça torcia-se e desviava-se perigosamente de um lado para o outro. *Ruth* e *Cheryl* seguiam simplesmente as ordens transmitidas às rédeas, mas as suas ordens eram imprudentes, espasmódicas, frenéticas e perigosas. Partir dar-nos-á a perspetiva mais distante de que precisamos para perdoar, que é amar como deve ser, e manter a paz, de acordo com a nossa fé. Portanto, a nossa partida não seria um ato de cobardia, abandono, desobediência ou rebelião. Não seria porque fomos excomungadas ou exiladas. Seria um supremo ato de fé. E de fé na bondade inabalável de Deus.

E o facto de estarmos a separar as nossas famílias?, pergunta Mariche. A tirar os nossos filhos aos pais?

O nosso dever é com Deus. (Agata)

Precisamente — para as nossas almas, que são a manifestação de Deus. (Ona)

Ona, deixa-me terminar. (Agata) O nosso dever é proteger as criaturas que ele criou, que somos nós e as nossas crianças, e testemunhar a nossa fé. A nossa fé requer de nós um compromisso absoluto com o pacifismo, o amor e o perdão. Ao ficar, arriscamos estas coisas. Estaremos em guerra com os nossos agressores porque reconhecemos que nós — bem, algumas de nós — queremos matá-los. O único perdão que podemos oferecer se ficarmos será coagido, e não genuíno. Se partirmos, mais cedo conseguiremos essas coisas. exigidas de nós pela nossa fé — pacifismo, amor e perdão. E vamos ensinar aos nossos filhos que são estes os nossos valores. Partindo, estaremos a ensinar aos nossos filhos que devem perseguir estes valores acima e além das expectativas dos seus pais.

Isso é blasfemo?, insiste Mariche.

As outras ficam em silêncio.

Ok, então vamos embora, prossegue Mariche. E depois, moralmente? Somos inatacáveis? Agimos de acordo com a vontade de Deus. Mas o que acontece quando ficarmos com fome? Ou com medo?

Fome e medo, contrapõe Ona, são as coisas que partilhamos com os animais. Pode o medo da fome e do medo ser o nosso guia?

Mariche franze o nariz para Ona. De que é que estás para aí a falar? É claro que temos de pensar na fome e no medo.

Mejal levanta a mão.

Basta falares, diz Greta, que parece exausta e está pálida.

Mejal volta a falar, com muito tato, de *Ruth* e *Cheryl*. Teriam as éguas alongado a visão, e olhado ao longe para o fundo da estrada,

em vez de olharem como míopes, se não fosse a pressão do comando humano sobre as rédeas? Será que as éguas teriam percebido como não cair na ravina sem a direção de uma mão humana?

Porque perguntas?, interrompe Salome. Estás a sugerir que se seguirmos os nossos instintos animais inatos, e agirmos sobre o medo e a fome ou sobre o medo de cair, vamos de alguma forma encontrar uma perspetiva e alcançar a paz?

Mejal boceja. Só queria saber, só estava a pensar em voz alta, diz ela.

Mas Salome não desiste. É verdade que a fome e o medo são as coisas que partilhamos com os animais, como Ona apontou, e não a inteligência que nos permite alcançar perspetiva ou distância, a fim de avaliarmos melhor uma situação.

Não, diz Mariche, isso também não é verdade. Os animais, e mesmo os insetos, são perfeitamente capazes de perspetiva. Não foi a própria Ona que mencionou as capacidades de planeamento a longo prazo das libélulas? Como elas são capazes de iniciar um curso de ação sabendo, ou se não sabendo pelo menos compreendendo intuitivamente, que não irão ver elas o fim da sua jornada, mas apenas a sua prole?

Bem, diz Salome, não sabemos o que as libélulas estão a pensar, ou se pensam. Não sei se é isso que se chamaria perspetiva.

Porque não se chamaria?, pergunta Mariche.

Porque pode não ser a palavra correta, diz Salome.

Que diferença faz?, pergunta Mariche.

Faz toda a diferença, diz Salome.

Mariche muda de repente de assunto e volta-se para mim. Pergunta-me o que estava eu a escrever há pouco, quando as mulheres estavam em silêncio. E porque estava eu a escrever, se o meu trabalho é traduzir o que as mulheres estão a dizer para inglês e registar essas palavras no papel.

Respondi-lhe (assustado e embaraçado) que não sei ao que se refere.

Mas Mariche não fica satisfeita. Há bocado, diz ela, estavas a escrever coisas, mas nós não estávamos a falar. Então, o que estavas tu a escrever?

Respondi: Estava a escrever a propósito de uma fotografia que vi na cooperativa e sobre um quadro de Miguel Ângelo.

Mariche assente. Com admiração? Com censura? (Ai, a censura.)

Tal pai, tal filho, diz ela.

Mejal pergunta-me: Que fotografia?

Não sei como responder.

Ona fala, vindo uma vez mais em meu socorro. Lembrou-se agora mesmo, diz ela, que as mulheres poderiam considerar outra opção, além de partir, ficar e lutar, e não fazer nada.

Mariche recorda-lhe que já é muito tarde para apresentar outra opção. Greta despede este comentário com um gesto e faz outro a Ona para falar.

Podemos pedir aos homens para saírem, diz Ona.

Isso é uma piada?, pergunta Mariche.

Salome, inesperadamente, concorda com Mariche. Estás louca, Ona?, pergunta.

Talvez todas nós estejamos loucas, diz Ona.

Claro que estamos todas loucas, diz Mejal. Como poderíamos não estar?

(Gostaria de voltar a este comentário mais tarde, mas por enquanto tenho de me apressar.)

Agata ignora a conversa da loucura e regressa à pergunta original de Ona: Pedirmos aos homens para sair? Queres dizer os atacantes e os anciãos que apoiam o seu regresso?

E o Peters, claro, diz Ona.

Greta levanta o braço. É insustentável, diz ela. Imagina a reação dos homens, ao ser-lhes pedido para deixarem a colónia. Que razão lhes daríamos?

Tudo aquilo de que falámos, diz Ona. Que para defendermos os princípios da nossa fé devemos entregar-nos ao pacifismo, ao amor e ao perdão. Que estar perto destes homens endurece os nossos corações e gera sentimentos de ódio e violência contra eles. Que se quisermos continuar (ou voltar) a ser boas menonitas devemos separar os homens das mulheres até que possamos encontrar (ou reencontrar) o nosso justo caminho.

Mas, diz Mariche, como poderão os rapazes e os homens de Molotschna reaprenderem hábitos e maneiras de tratar as raparigas e as mulheres se não houver raparigas nem mulheres na colónia para praticar? Ao partirmos, continua, estamos a impedir que haja uma possibilidade de reeducação dos nossos rapazes e homens. É irresponsável.

Ona não responde de imediato. Desenha formas redondas com as mãos, como se contivessem o universo.

Mariche, diz ela, tu agora tocaste num ponto interessante.

Por favor, não insinues que os meus outros pontos não foram interessantes dizendo que este é, diz Mariche.

Ona ri. Não quis dizer isso.

Salome interrompe. Não é nossa responsabilidade educar os rapazes e os homens de Molotschna, diz ela. O August que se encarregue disso. (!)

Mas talvez *seja* responsabilidade nossa, sim, contrapõe Mejal. Especialmente se aqueles rapazes são nossos filhos, e se os pais deles são incompetentes para o fazerem.

Greta afirma: Não me digas que estamos a considerar ficar a fim de ensinar os rapazes e os homens de Molotschna a comportarem-se como seres humanos! Vamos sentá-los aos bancos da escola?

Agata (outra vez com a mão no peito) acalma as mulheres. Ná, ná, diz ela.

Ona sussurra: Não é *aos* bancos, é *nos* bancos.

Salome ri. Vamos sacar da correia, diz ela, e fazê-los usar orelhas de burro.

Não, Salome, desabafa Ona. Isso é contrário ao ensino da não-violência.

Mejal pergunta: O que são orelhas de burro?

(Numa nota pessoal, admito que estou ansioso, esperando que Ona não volte ao tema do filho de Mariche, Julius, e ao risco de ele se tornar um agressor se não for educado de forma diferente. A raiva de Mariche para com Ona é agora um barril de pólvora. Explosiva.)

Greta faz uma careta e mexe a mão lentamente à frente da cara. Desculpem, diz ela às outras mulheres, mas acho que posso estar a morrer.

Algumas mulheres levantam-se, alarmadas, dos seus lugares.

Mariche olha diretamente para os olhos de Greta. Depois, ri-se. Tira os óculos a Greta e pede às outras mulheres para olharem para eles. Mãe, diz ela, tu não estás a morrer. Os teus óculos é que precisam de ser limpos.

Greta, imensamente aliviada, desata a rir, exclamando que pensava que as luzes se estavam a apagar.

Agata dá uma gargalhada. Não admira que tivesses a perspetiva alterada!, diz ela.

As mulheres riem-se a bandeiras despregadas. Agata fica sem fôlego. As crianças (Miep e Julius), assustadas com o barulho, voltam para o colo das mães. Têm estado a brincar, a construir um celeiro em miniatura com animais feitos de palha e de estrume.

O Sol está a pôr-se, alerta Ona, e estamos a ficar sem luz. Devíamos acender o candeeiro a petróleo.

Mas então é a tua questão?, pergunta Greta. Devemos considerar pedir aos homens para saírem?

Nunca nenhuma de nós pediu alguma vez o que quer que fosse aos homens, afirma Agata. Nem uma única coisa, nem para me passar o sal, nem um tostão, um momento só para mim, que apanhasse a roupa do estendal, que abrisse uma cortina, que tivesse calma com os potros ou que apoiasse a mão ao fundo das minhas costas enquanto eu tentava, pela décima segunda ou décima terceira vez, empurrar um bebé para fora do corpo.

Não é curioso, diz ela, que o primeiro e único pedido das mulheres aos homens seja para eles se irem embora?

As mulheres desatam outra vez a rir.

Não conseguem pura e simplesmente parar de rir, e se uma pára por um momento explode de novo numa gargalhada e vão todas outra vez atrás dela.

Não é uma opção, conclui Agata, finalmente.

Pois não, concordam as outras (finalmente de acordo!). Pedir aos homens para se irem embora não é uma opção.

Greta apela agora às mulheres para imaginarem a sua parelha, *Ruth* e *Cheryl* (Agata dá um uivo exasperado à menção dos nomes das éguas, implorando a Greta que deixe os animais em paz, a pastarem no campo todo o dia, sem fazerem nada.)

Imaginem as minhas galinhas, recomeça Agata, a dizerem-me para dar meia-volta e me pôr a andar quando eu aparecer para recolher os ovos.

Ona implora às mulheres que parem de a fazer rir, porque tem medo de entrar em trabalho de parto antes do tempo.

Isto fá-las rir ainda mais! Até acham estrondosamente divertido que eu continue a escrever durante tudo isto. O riso de Ona é o melhor, o som mais requintado de toda a natureza, cheio de alento e promessa, e é o único som que ela liberta para o mundo e não tenta em seguida recuperar.

Agata dá-me uma palmada nas costas. Volta a esfregar os olhos, fazendo-os dar estalidos, mas vejo que desta vez estão cheios de lágrimas de riso.

Deves pensar que somos todas malucas, diz ela.

Insisto que não, e que nem importa o que eu penso.

Ona pára de rir com esforço. Achas que é verdade?, pergunta ela, que não importa o que tu pensas?

Eu coro. Dou um murro na minha própria cabeça.

Ela continua: Como te sentirias, se em toda a tua vida nunca tivesse importado o que tu pensavas?

Mas não estou aqui para pensar, respondo, estou aqui para lavar as atas da vossa reunião.

Ona ignora as minhas palavras. Mas se, em toda a sua vida, diz ela, realmente sentisses que o que tu pensavas não importava, como é que isso te faria sentir?

Eu sorrio e murmuro algo sobre a vontade de Deus ser o meu propósito.

Ona devolve-me o sorriso (!). Mas como vamos determinar a vontade de Deus, senão pensando? Eu coro de novo e abano a cabeça, resistindo à vontade de a esgatanhar toda.

Salome interrompe: Isso é fácil, Ona. O Peters vai interpretá-la por nós! As mulheres uivam de riso mais uma vez. Também me estou a rir. Pousei a caneta.

O riso desvanece-se. Não sei para onde olhar, ou onde colocar as mãos. Alinho as minhas canetas em ângulos retos com os cadernos.

Ona diz às mulheres que está com comichão na barriga, que tem medo que a sua pele não estique mais sem estalar. As mulheres riem mais uma vez, e Agata quase cai do balde de leite.

Fiz uma pausa na escrita para pôr a mão no ombro dela por um momento. Que alívio que foi tê-la em contacto com pelo menos uma das minhas mãos, ainda que apenas por um segundo.

As mulheres estão a dar conselhos a Ona que incluem banha, óleo de girassol, luz solar, argila e orações. Mas Ona lembrou-se de outra coisa:

E se os homens que foram presos não forem culpados?, pergunta ela.

Mas a Leisl Neustadter apanhou um deles, diz Neitje. Não apanhou?

É verdade, diz Salome. Mas só apanhou um. O Gerhard Schellenberg. E ele deu o nome dos seus cúmplices.

E se estivesse a mentir?, pergunta Ona.

Porque mentiria?, pergunta Greta.

Agata admoesta Greta: Estás a perguntar porque é que uma pessoa que não tem problemas em atacar crianças adormecidas mentiria sobre isso? Não é uma pergunta legítima.

Bem, diz Salome, é legítima, mas é possivelmente retórica. Os homens nomeados por Gerhard foram também os homens que apareceram só ao final da manhã para o trabalho do campo, e iam cansados, com olheiras fundas.

Isso é só testemunho indireto, conjectura, replica Ona. Só porque chegas atrasado ao trabalho de manhã e com olheiras fundas

não significa que estiveste na noite anterior a entrar em casas alheias e a atacar mulheres.

Mas o ponto, diz Salome (Mariche suspira, como se dissesse: *Cá vem outro dos pontos de dedo em riste da Salome*), é que não faz diferença se nós, mulheres, deixarmos Molotschna. Sabemos que fomos atacadas por homens, ou pelo menos por um homem, Gerhard, e provavelmente por outros, e não por fantasmas ou demónios ou Satanás. Sabemos que não imaginámos estes ataques. E que não estamos a ser castigadas por Deus por pensamentos e ações impuros.

Mariche interrompe: No entanto, de certeza que tivemos pensamentos impuros, não tivemos?

As outras mulheres assentem: Claro.

Salome ignora Mariche e continua. Sabemos que estamos feridas, e infetadas, e grávidas, e aterrorizadas, e loucas, e algumas de nós estão mortas. Sabemos que temos de proteger os nossos filhos. Sabemos que se estes ataques continuarem a nossa fé será ameaçada porque nos tornaremos furiosas, assassinas e implacáveis. Independentemente de quem entre eles for culpado!

Muito bem, Salome, obrigada. Por favor, senta-te, pede Agata. Puxa Salome pela manga.

Eu acrescentaria, diz Agata, que nós também determinámos que queremos ter tempo e espaço para pensar...

Salome interrompe: E que queremos e precisamos do nosso *direito* a pensar autonomamente e que ele seja reconhecido, diz ela.

Ou, diz Mejal, só a pensar. Ponto final. Seja ou não reconhecido.

Sim, diz Agata, e essa é outra razão para sairmos de Molotschna, que não tem a ver diretamente com os ataques ou os atacantes.

Mas indiretamente, certamente que tem, diz Ona.

Salome, agora mais calma, acrescenta: Portanto, mais uma vez, voltamos às nossas três razões para partir, e são válidas. Queremos que os nossos filhos estejam em segurança. Queremos manter a nossa fé. E queremos pensar.

Agata abre os dedos sobre a mesa de contraplacado como se para construir uma nova fundação. Vamos embora?, pergunta ela.

Mas, replica Mariche, se houver alguma hipótese de os homens na prisão serem inocentes, não deveríamos, como membros de Molotschna, unir forças para garantir a sua liberdade?

Salome explode:

Nós não somos *membros* de Molotschna!

As outras mulheres recuam e até o Sol se abriga atrás de uma nuvem.

Greta, pergunta ela, as tuas amadas *Ruth* e *Cheryl* são membros de Molotschna?

Não. Membros, não, diz Greta, embora...

Salome interrompe. Não somos *membros*!, repete. Somos as *mulheres* de Molotschna. Toda a colónia de Molotschna é construída com base no patriarcado (Nota do tradutor: Salome não usou a palavra «patriarcado» — eu introduzi-a no lugar da maldição de Salome, de origem misteriosa, vagamente traduzível como «falar através das flores»), onde as mulheres vivem os seus dias como servas mudas, submissas e obedientes. Animais. Espera-se de rapazes de catorze anos que nos deem ordens, que determinem os nossos destinos, que votem nas nossas excomunhões, que falem nos enterros dos nossos próprios bebés enquanto nós permanecemos em silêncio, que interpretem a Bíblia por nós, que nos guiem na adoração, que nos punam! Nós não somos *membros*, Mariche, somos mercadorias. (Mais uma vez, uma nota de tradução sobre a palavra «mercadorias»: trata-se de uma situação semelhante à acima descrita.)

Salome continua: Quando os nossos homens já nos usaram e parece que temos sessenta anos quando temos trinta e os nossos úteros nos caem literalmente dos corpos para o chão das nossas cozinhas imaculadas, quando estamos gastas, eles voltam-se para as nossas filhas. E se pudessem vender-nos a todas em leilão depois, fá-lo-iam.

Agata e Greta trocam olhares. Greta fecha os olhos, uma mão na face, as articulações dos dedos artríticos inchadas como os anéis de um rei Tudor.

Mas, diz Agata, a Mariche levantou uma questão pertinente. Não deveríamos nós, mesmo enquanto mulheres de Molotschna, agir solidariamente para a libertação dos nossos homens falsamente acusados, se eles forem falsamente acusados?

Salome rosna.

Ona intervém rapidamente, dizendo que isso levanta outra questão. É possível, diz ela, que os homens que estão na prisão não sejam culpados dos ataques. Mas serão eles culpados de não *impedirem* os ataques? Serão eles culpados de saberem dos ataques e não fazerem nada?

Como podemos saber do que são ou não culpados?, pergunta Mariche.

Mas nós sabemos, diz Ona. Sabemos que as condições de

Molotschna foram criadas pelo homem, que estes ataques foram tornados possíveis, a própria concepção destes atos, o planeamento destes ataques, a justificação para estes ataques na mente dos homens, devido às circunstâncias de Molotschna. E essas circunstâncias foram criadas e ordenadas pelos homens, pelos anciãos e pelo Peters.

Agata assente. Sim, concorda ela, sabemos isso.

(Autje e Neitje trocam olhares. Presumo que esta ideia seja nova para elas, mas estão preparadas para a aceitar como facto se isso significar seguir em frente, se significar menos conversa e mais ação.)

Agata acrescenta: Mas ainda temos a questão do tempo. Restamos muito pouco. Há certos aspetos da nossa partida que não podemos resolver, dadas as nossas restrições de tempo. Teremos de as pôr de parte por enquanto e voltar a elas mais adiante. A culpa ou a inocência dos homens na prisão não pode ser conhecida agora, e talvez nunca possa, e nem pode a culpa ou inocência dos homens na prisão ser a coisa de que fazemos depender a nossa decisão quanto a partir. Já estabelecemos as nossas três razões para ir embora, com base no amor e na paz e no cuidado com as nossas almas, que nos foram dadas por Deus, e a culpa ou inocência dos homens na prisão não tem correlação direta com essas razões. Estamos de acordo nisto?

As mulheres estão pensativas. Algumas acenam em concordância (Salome, Mejal e Autje), mas outras talvez estejam perdidas em pensamentos, dúvidas e interrogações. (Para clarificar, esclareço: Todos os homens que estão na prisão são conhecidos e familiares das mulheres.)

E então?, pergunta Agata. Metade de nós concorda. E as outras? Afinal, isto é uma democracia.

Uma quê?, pergunta Autje.

Mais três mulheres acenam o seu assentimento: sim, as suas razões para sair não estão dependentes da culpa ou inocência dos homens na prisão. Só Mariche não respondeu.

Bem, diz Salome, sete em oito, é o suficiente, este assunto está fechado.

Mas espera, diz Mariche, tu não estás a sugerir que os agressores são tão vítimas como as vítimas dos ataques? Que todos nós, homens e mulheres, somos vítimas das *circunstâncias* nas quais Molotschna foi criada?

Agata fica calada por um longo instante. Depois diz: Num certo sentido, sim.

Então, diz Mariche, quer o tribunal os considere culpados ou inocentes, eles são, afinal, inocentes?

Sim, diz Ona, diria que sim. O Peters disse que estes homens, os abusadores, são maus, mas isso não é verdade. É a demanda de poder, por parte do Peters, dos anciãos e dos fundadores de Molotschna, que é responsável por estes ataques; porque, na sua busca de poder, eles precisavam de alguém *sobre quem* ter poder, e essas pessoas somos nós. E ensinaram esta lição de poder aos rapazes e aos homens de Molotschna, e os rapazes e homens de Molotschna têm sido excelentes alunos... a este respeito.

Mas, argumenta Mejál, não queremos todos algum tipo de poder? Está a acender um fósforo atrás de outro, porque eles continuam a apagar-se assim que os aproxima da ponta do cigarro. Ela é paciente.

Sim, diz Ona, eu *diria* que sim. Mas não tenho a certeza.

Ah, diz Mariche sarcasticamente, o poder é outra coisa em que tu não acreditas? Juntamente com a autoridade e o amor?

Nunca disse que não acredito no amor, explica Ona. Apenas que não sei exatamente o que ele significa. De qualquer forma, o que eu disse há pouco foi que não acredito na segurança que tu dizes que o amor traz.

Tu nunca saberás o que é segurança, responde Mariche, por causa da tua *Narfa*.

É verdade, diz Ona. Parece calma, atenciosa. De certa forma é libertador, acrescenta.

Agata está de novo impaciente. Ona, diz ela, o amor é outro assunto, para outra altura.

E a segurança?, pergunta Ona.

Greta interrompe: Não é sempre esse o assunto?

Não é sempre esse qual assunto?, pergunta Agata.

O amor, diz Greta.

Como pode uma coisa que é *sempre* o assunto, e é eterna, ser também uma coisa que é desconhecida — pelo menos segundo Ona?, pergunta Mariche.

(A este propósito, embora seja um aparte, lembro-me da declaração de Montaigne: «Nada é objeto de uma crença tão firme como aquilo de que um homem sabe menos.» Um bordado com estas palavras esteve emoldurado e pendurado na sala de jantar da prisão durante algum tempo. Não sei porquê.)

Mejál conseguiu acender o cigarro. Bem, é isso que faz dele eterno, Mariche, diz ela. Continua, e continua, e continua. Solta um pouco de fumo entre cada «continua». Quando sabemos uma coisa,

paramos de pensar nela, não é?

Isso é ridículo, diz Salome. O conhecimento é fluido, muda, os factos mudam, tornam-se não-factos.

Neitje e Autje riem-se disto, talvez por nervosismo ou exaustão. Pedem rapidamente desculpa.

Mas, a sério, continua Salome. Estás a dizer-me que vais parar de pensar numa coisa quando sentes que a «sabes»? Perdeste o juízo?

Mejal solta mais fumo. Responde calmamente: A Salome que se vá foder.

Ordem!, pede Greta.

Salome ignora Greta. Ela lança-se numa tirada, dizendo que nem sequer acredita na eternidade, nada é eterno. Na verdade, diz, já não acredito que vou viver para sempre. O seu tom é desafiador, é uma provocação, mas as mulheres não mordem o isco.

(Uma nota para contextualizar: Há vários anos, espalhou-se um rumor com origem em Chortiza. Trouxeram um bispo substituto para pregar na igreja de Chortiza enquanto o bispo regular estava acamado, moribundo, e os anciãos não podiam eleger um novo bispo da sua própria colónia. Este bispo substituto veio algures da América do Norte e tinha uma mulher que não entrançava o cabelo. Terá alegadamente dito à congregação que não acreditava na existência literal do céu e do inferno. Certos membros da congregação ficaram incrédulos e alarmados e correram com ele da colónia. Mas não antes de este bispo substituto os ter desafiado. Ele disse-lhes que, não só não acreditava na existência do céu e do inferno, como estava firmemente convencido de que os membros da congregação também não acreditavam, na realidade. Interpelou-os, pedindo que levantassem as mãos: Quem está aqui hoje que seja pai de uma criança condenada, de uma criança rebelde que deixou a colónia ou que afirmou que não era crente?

Levantaram-se várias mãos. O bispo substituto dirigiu então a seguinte pergunta aos indivíduos que tinham levantado as mãos: Se amam os vossos filhos, e acreditam que eles vão literalmente arder nas chamas do inferno por toda a eternidade quando morrerem, como podem estar aqui sentados nesta sala, com esta calma? Como podem ir para casa e desfrutar de um belo almoço de *vreninkje* e *platz* preparado pelas vossas esposas e, em seguida, instalarem-se nas vossas camas quentes com o vosso edredão de penas reconfortante para fazerem uma *maddachschlop* — sesta da tarde —, sabendo que os vossos filhos em breve estarão a arder para sempre, gritando em agonia, numa dor eterna? Se realmente acreditam

nisto, não estariam neste momento a fazer tudo o que estivesse ao vosso alcance para que eles se arrependessem, aceitassem Jesus Cristo nos seus corações e pudessem ser perdoados? Não estariam a vasculhar a Terra, tentando encontrar estes filhos rebeldes, os que deixaram a colónia, ou que foram forçados a deixar a colónia, aqueles que vagueiam pelo deserto proverbial, aqueles que vocês consideram pecadores, mas ainda são os vossos filhos, a vossa carne e sangue, os vossos preciosos bebés?

Este bispo substituto foi finalmente silenciado e forçado a deixar a colónia. A congregação concordou que não ter nenhuma igreja era melhor do que ter aquele lixo blasfemo.

Mas, desde então, aquela ideia da inexistência do céu e inferno ganhou raízes em alguns menonitas, não só em Chortiza, mas também em Molotschna, e é frequentemente usada como catalisador para a provocação.

Pergunto-me o que pensará Peters sobre isto. Sobre bebés preciosos, sobre eternidade. E sobre pais pródigos.)

Bem, diz Agata com toda a calma, se não acreditas na vida eterna, então, realmente temos de nos apressar. Concordas que o tempo está a esgotar-se, não?

Ona diz que gostaria de falar um pouco mais sobre o poder.

O bispo e os anciãos de Molotschna ganharam poder sobre os homens e as mulheres comuns de Molotschna, afirma. E os homens comuns tomaram o poder sobre as mulheres comuns de Molotschna. E as mulheres comuns de Molotschna tomaram o poder sobre... Ona suspende o discurso. As mulheres estão em silêncio.

Nada, diz Ona, a não ser as nossas almas.

Mas isso é blasfémia, diz Mariche, se as nossas almas são a manifestação de Deus, como dizes. Não podemos ter poder sobre Deus. Além disso, diz ela, de onde vem o desejo de poder? Não é perfeitamente natural? Até os porcos na sua pocilga imunda estabelecem uma ordem de quem come primeiro.

Mas, diz Ona, nós não somos porcos. Não podemos ser diferentes? Acreditas que evoluímos dos animais, ou que fomos criadas à imagem de Deus?

Ona, diz Agata em voz baixa, essa é uma pergunta bastante ridícula. Tu sabes a resposta.

(Uma nota: Estou um pouco inseguro sobre o que Agata pensa, embora presuma que ela queira dizer que as mulheres foram criadas à imagem de Deus.)

Ona continua: Uma das coisas é provável, e certamente mais concebível, mas a outra é tão bonita, tão cheia de esperança, não

achas?

(Autje e Neitje olham uma para a outra, tão confusas como eu estou neste momento. O olhar delas interroga: *O que está a Ona a dizer agora?*)

Quero dizer, explica Ona, se somos criadas à imagem de Deus, isso dá *espaço* às nossas almas, para que as possuamos e estejamos ao serviço delas. O poder que temos é o poder de ceder ao poder das nossas almas.

Mariche começa: Acho que se se renunciar de vez a todas as considerações práticas da vida e se viver exclusivamente para satisfazer a própria loucura...

Agora Salome interrompe.

August, diz ela, o que é que *tu* pensas? Imagem de Deus ou animais?

Animais?, pergunto. Quero dizer, como...

Ona começa a rir, salvando-me mais uma vez.

Salome desenvolve: Sim! Achas que fomos criadas à imagem de Deus, ou que evoluímos a partir de animais?

Salome, diz Ona. Podemos ter almas, de uma maneira ou de outra.

Estou a perguntar ao August, diz Salome. Responde à pergunta.

Não, intervém Agata. Agora não. A única coisa de que podemos ter a certeza é que o tempo existe, não é? Porque ele está a desaparecer. E uma coisa que não existe não pode desaparecer. E sem ele estamos fritas.

Mas então e o céu?, pergunta Neitje.

A pergunta é ignorada porque alguém vem a subir a escada para o palheiro. É Grant. É um «simples», como dizemos em Molotschna (embora eu esteja ciente da ironia disto enquanto escrevo a palavra). Vem a recitar números, aleatoriamente, porque adora números, mas odeia vê-los arrumados pelos outros em equações reconhecíveis. E vem a «guiar» o seu carro. Os carros são proibidos em Molotschna (nem mesmo é permitido haver borracha nas rodas das caleches, porque a borracha permite que as rodas rodem mais rapidamente, possibilitando uma fuga mais rápida para o mundo), mas Grant é autorizado a «guiar» em torno da colónia, fingindo agarrar um volante com ambas as mãos, enquanto recita números sem nenhum padrão discernível.

Cumprimentamos Grant. Diz-nos que o pai não morre, que tem de parar de comer pão feito com farinha branca, que têm de lhe dar um tiro. (A morte, neste caso, é a recompensa, a escolha compassiva. Grant está a expressar a sua ansiedade porque o pai

estava acamado e em sofrimento há muitos anos, e queria morrer, para se juntar ao Senhor. Já tinha pedido para lhe darem um tiro, coisa que ninguém faria.)

Mas o pai de Grant morreu há anos e Grant ficou a cargo de Agata, ou de outras mulheres da colónia, quando ela se cansa porque ele não pára de falar, de contar e de cantar. (É um dos homens que acompanhará as mulheres quando/se saírem.)

Grant diz: Seis, dezanove, catorze, um.

Muito bem, Grant, diz Agata. São bons números. Obrigada. Olha, queres vir sentar-te aqui connosco, caladinho, no palheiro? Grant oferece-se para cantar para nós. Desce do seu carro e canta um hino sobre o sofrimento seguido de descanso.

Quando ele termina, agradecemos-lhe, e ele diz que não temos de quê. Volta para o carro e começa a dar voltas ao palheiro, tocando a buzina uma ou duas vezes, antes de partir, dizendo doze, doze, doze...

Autje grita: Treze!, e as outras mulheres mandam-na calar.

[2] Salmos 103:8. *Bíblia de Jerusalém*, 7.^a reimp. São Paulo: Paulus, 1995. É esta a edição utilizada para as traduções em português de excertos bíblicos neste livro. (N. da T.)

[3] Mateus 16:18. (N. da T.)

[4] *Arsonist* e *anarchist* e *Antichrist* no original, o que justifica a confusão. (N. da T.)

[5] *Geórgicas*, tradução de Agostinho da Silva, Lisboa, Temas e Debates, 1997. (N. da T.)

6 DE JUNHO

August Epp, à Noite, Entre Reuniões

Houve um incidente. As mulheres e as crianças abandonaram o palheiro. Estou aqui sozinho, a terminar num instante estas notas do dia.

As jovens, Autje e Neitje, saíram primeiro para irem ver dos bezerros novos. Então, enquanto as restantes mulheres se riam de uma coisa ou de outra, Autje e Neitje voltaram ao palheiro, seguidas por Klaas, o marido de Mariche.

Autje gritou quando iam a subir a escada, O pai está em casa! Deu uma inflexão alegre à voz. Subiu devagar, e Klaas foi forçado a esperar atrás dela na escada.

Quando Autje e Neitje apareceram estavam visivelmente nervosas e transtornadas. É óbvio que não tiveram escolha a não ser levar Klaas até onde as mulheres estavam.

O anúncio de Autje foi um aviso que me deu o tempo suficiente para esconder os meus papéis e canetas debaixo da mesa. Ona arrancou da parede o papel de embrulhar queijo com os dizeres, os prós e os contras das várias opções, e empurrou também esses papéis para debaixo da mesa de contraplacado.

Quando finalmente apareceu, Klaas exigiu saber a razão por que as mulheres se tinham reunido ali no palheiro.

Mariche tentou falar com ele, acalmá-lo. Estávamos a fazer uma colcha, disse ela.

Klaas olhou para mim e riu-se. Elas também te estavam a ensinar a fazer colchas?, perguntou. Até que enfim, uma habilidade útil para o August aprender, considerando o *dummkopf* que ele é no campo.

As mulheres riram nervosamente com ele.

Sim, disse eu, entrando no jogo. Queria aprender a coser com fio para poder coser os meus alunos, se eles se eles se cortarem por acidente, a brincar.

Klaas repetiu a palavra «alunos» e riu-se de novo.

Cheirou o ar. Perguntou-me se eu não tinha inteligência para saber que não se fuma num palheiro.

Mejal abriu a boca para falar. Mas antes que ela o fizesse eu pedi desculpa a Klaas. Não haverá mais fumo aqui, garanti-lhe.

O August está a aprender a fazer colchas, disse ele, divertido. Perguntou-me se eu tinha a certeza de saber o que tinha entre as pernas.

Oh, tenho, tenho, disse eu. (Sorrindo e arranhando o couro cabeludo.)

Hmmm, disse Klaas, não tenho a certeza. Talvez devêssemos dar uma olhadela.

Klaas, por favor, não fales assim à frente do Julius e da Miep, disse Mariche, e o humor dele mudou logo.

Klaas ficou zangado, perguntando porque estava ali a sua mulher, porque estava a Nettie (Melvin) Gerbrandt a cuidar das outras crianças e onde estava o seu *faspa*. Olhava só para mim enquanto falava. Disse-me — porque eu sou um homem, um meio-homem, considerado, apesar de tudo, capaz de receber este tipo de notícias de negócios — que ele, Anton e Jacobo tinham regressado da cidade para virem buscar mais animais para vender e fazer dinheiro para a fiança.

O juiz está à espera, disse ele. Quem tem a chave da cooperativa?

Não sei, respondi. (Mas eu *sei* quem tem a chave da cooperativa. Está pendurada na sala dos arreios de Isaac Loewen, o porteiro da cooperativa, e peço silenciosamente a Deus que me perdoe. Ou, se não perdoar, então que me fulmine aqui já.)

Onde estão os potros?, perguntou Klaas. Porque não estão no estábulo deles?

Não sei, respondi. (Mais uma vez, sei. A Autje e a Neitje soltaram-nos no campo e eles estão lá para baixo, perto do rio Sorghum, a pastar. Mais uma vez, imploro para ser perdoado, ou fulminado. Posso assumir que, uma vez que por agora pareço estar vivo, fui perdoado?)

Autje e Neitje ficaram atrás de Klaas, indicando com gestos de mãos às outras mulheres que tinham soltado os potros para irem pastar.

Greta, a sogra de Klaas, entrou na conversa. Muitos dos cavalos estavam doentes, disse ela a Klaas, e o veterinário de Chortiza tinha cá vindo enquanto ele estava na cidade e recomendado que os cavalos fossem postos em quarentena por um período de duas semanas, de modo a não espalharem a infeção.

Klaas ignorou-a. O Peters mandou-me levar pelo menos doze cavalos para leiloar, disse-me.

Sim, disse Greta, mas não vão receber nada por cavalos doentes. Vão ser multados por levarem cavalos doentes a leilão.

Vão buscar os potros, disse ele às mulheres mais novas, que são muito jovens para estarem doentes. Amarrem-nos e tragam-nos cá.

Autje e Neitje desceram a escada mais uma vez.

Vi a tua parelha aqui no pátio da quinta do Earnest Thiessen, disse Klaas. Parecia-me saudável, com os olhos claros e o pelo brilhante.

Greta acenou com a cabeça. Sim, disse ela, porque são ambas de uma idade que as impediu de contrair a doença que está a atacar os outros cavalos.

Klaas disse, Bah, *oba*. Rejeitou a explicação de idade, ainda que tivesse acabado de mencionar que os potros não tinham idade suficiente para estarem doentes. Cuspiu. Então dirigiu-se a Greta. Porque estavam as mulheres no palheiro de Earnest Thiessen?

Greta respondeu: Tínhamos de vir ver como estava o Earnest, trazer-lhe comida. Decidimos fazer a nossa colcha aqui no sótão, porque assim podemos estar de olho nele. Sabíamos que ele não se importava e precisávamos de mais espaço.

O Earnest está demasiado senil para saber que um bando de mexeriqueiras está a fazer colchas no palheiro dele?, perguntou Klaas.

Greta acenou com a cabeça.

Onde está a colcha?, perguntou Klaas.

Terminámo-la agora mesmo, disse Agata. Os irmãos Koop vieram buscá-la para a levarem para a cooperativa.

Não vejo provas disso no sótão, nem restos nem pontas de tecido, disse Klaas num tom neutro. Nem vi os irmãos Koop, nem a carroça dos irmãos Koop na estrada entre Molotschna e a cooperativa.

Nós já limpámos tudo e estávamos prestes a ir para casa fazer *faspa*, explicou Agata. Não estás com fome?

Greta interveio para dizer que os irmãos Koop tinham dito que iam voltar por um atalho, pelos campos em pousio.

E a nossa sala das colchas está a ser usada para fazer conservas, disse Ona. Está na época das cerejas bravas. A compota é deliciosa com *zwieback* fresco.

Klaas não vai olhar para Ona nem tomar conhecimento de nada do que ela diga. Ona para ele é um fantasma, ou menos, por causa da *Narfa*, de ser uma solteirona, e da sua barriga fluorescente. Eu tenho observado que ser um fantasma agrada a Ona.

Quando passei, a cooperativa estava fechada, disse Klaas, e não estava lá ninguém.

Então é porque os irmãos Koop ainda não chegaram lá, disse

Salome.

Os irmãos Koop têm a chave?, perguntou Klaas.

Como posso saber?, disse Salome.

Preciso da chave para entrar na cooperativa e levar o dinheiro que está no cofre ao Peters, na cidade.

Bem, comentou Salome, então o Peters devia ter-te dito onde estava a chave.

Cala-te, ripostou Klaas, ríspido.

Ele olha para mim. A Neitje disse-me que as mulheres tinham ido ajudar a um parto em Chortiza, disse.

Fomos, sim, disse Salome. Houve complicações. Vamos ter de voltar lá.

Klaas manteve o olhar na minha direção. As tuas responsabilidades estão aqui, em Molotschna, disse a Salome.

Estou bem ciente das minhas responsabilidades, respondeu ela.

Não estou a falar contigo. Cala-te, retrucou Klaas.

Mas estás a falar comigo. Acabaste de me dizer quais são as minhas responsabilidades, não foi?

Klaas voltou a dirigir a atenção para Greta. E a tua parelha, disse ele, também vou levá-la.

A *Ruth* e a *Cheryl*? disse Greta. Não, não podes!

Klaas disse que não tinha alternativa a não ser levar a *Ruth* e a *Cheryl*. Disse às mulheres que fossem agora fazer a ordenha e depois para as suas casas, tomar conta das crianças e preparar a comida.

Mas elas são velhas, disse Greta. O que vou eu fazer sem a minha parelha?

Vais ficar em casa, respondeu Klaas.

Ele disse ao Julius que voltasse com ele para casa. E disse a Mariche que fosse buscar as outras crianças à Nettie/Melvin. (Klaas e Mariche têm muitos filhos, embora eu não tenha certeza de quantos. Todos têm cabelos tão louros que ficam brancos de andarem ao sol, e quando andam a correr de um lado para o outro no quintal de casa ao anoitecer parecem vaga-lumes ou sementes brancas de dentes-de-leão a flutuarem ao vento.)

Salome foi a última a sair do sótão. Ficou ainda um pouco por ali com Miep, admirando o seu império construído com estrume, enquanto as outras mulheres desceram a escada do palheiro, em direção às suas preocupações terrenas.

Ona teve de ajudar Agata a pôr os pés nos degraus, porque eles estavam sem sensibilidade, um efeito colateral do seu edema. Quando Ona fez isso, Agata riu-se e beijou-lhe o cocuruto da cabeça. Respira e vem devagar, disse Ona. Lembrou a Agata que ela tem o

hábito de sustentar a respiração enquanto se esforça, e depois mexer-se muito depressa, com pressa demais, até a atividade estar completa e ela poder respirar de novo.

Agata voltou a rir-se.

Não te rias enquanto estás na escada, advertiu Ona. Concentrate. (Apeteceu-me dizer a Ona que Agata tem um tipo de respiração enquanto faz esforços que me faz lembrar um balão apertado na ponta para evitar que o ar fuja e em seguida solto para que o ar escape rápida e ruidosamente. Mas estas mulheres nunca viram balões. Talvez tenham visto as bexigas de porco insufladas que as crianças de Molotschna usam como bolas, quando Peters está longe da colónia e elas se sentem livres para brincar. O momento passou.)

Agata conseguiu finalmente descer a escada e ouvi-a gritar às mulheres que teriam de começar a próxima colcha de manhã bem cedo, logo a seguir à ordenha.

Também ouvi Mariche perguntar a Klaas porque tinha dado tantas cerejas a Julius, que agora estava com dores de barriga. Klaas riu. Depois chamou Salome, dizendo-lhe para se apressar. Salome gritou de volta: Estás a falar comigo?

Os movimentos dela são lentos, glaciais.

Ofereci-me para ajudar Salome a descer Miep pela escada, mas ela recusou. Isto foi quando ficámos um momento sozinhos no palheiro. Aproveitei o momento para lhe dizer que a chave da cooperativa estava na sala dos arreios de Isaac Loewen, num prego por cima de um bloco de sal azul.

Perdoa-me por mentir.

Ela franziu a testa.

Perguntei-lhe se sabia orientar-se pelas estrelas, se sabia onde encontrar o Cruzeiro do Sul.

Ela sorriu e disse que não com a cabeça.

Agora está na hora do jantar, disse-lhe eu. Enquanto os homens e as mulheres da colónia estão nas suas casas, eu vou pegar na chave, vou à cooperativa e tiro o cofre. Não sei o código para o abrir, mas trago-o e escondo-o. Disse-lhe que as mulheres podiam ir buscá-lo quando deixassem Molotschna, se deixassem Molotschna, e encontrar alguém que as ajudasse a abri-lo depois, noutro lugar.

Ou talvez, disse eu, o Benjamin me dê um pau de dinamite, dos que ele usa para assustar os caimões no rio Sorghum. Podes usá-lo depois para rebentar o cofre.

Não seria mais fácil, sussurrou Salome, descobrir o código?

Implorei-lhe que não tentasse fazer isso. E perguntei-lhe mais uma vez se ela poderia perdoar-me, e depois ir imediatamente aos

seus deveres, de modo a não levantar suspeitas.

Foi quando Salome disse o meu nome.

August, disse ela, esse dinheiro é nosso de qualquer maneira. Não há nada a perdoar.

Ela levou Miep ao colo, escada abaixo, e abandonou o celeiro rapidamente.

Encontrei Ona mais tarde, no caminho de terra perto da minha cabana. A Lua brilhava.

Eu tinha saído para ir apanhar umas cerejas bravas para uma ceia noturna, porque Ona havia mencionado que estava na época das cerejas bravas, e sujei a frente da camisa com sumo de cereja. Voltei para a minha cabana para mudar de roupa, e em seguida levei a camisa suja ao lavadouro para a deixar no molho para o dia seguinte. Quando estava a sair do lavadouro, ouvi uma mulher dizer o meu nome. Outra vez. Duas mulheres diferentes num dia a dizerem o meu nome. Que cacofonia de emoções isto despertou em mim.

Desta segunda vez era Ona. Estava sentada no telhado baixo do lavadouro, a olhar para as estrelas.

August!, disse ela.

Olhei para cima.

Vem sentar-te aqui comigo.

Subi a um barril de água. E sentei-me ao lado dela, na noite. Nós os dois. Tinha os joelhos a tremer.

Ela perguntou-me porque estava eu no lavadouro e eu disse-lhe. Depois, calámo-nos.

Por fim, perguntei a Ona se *ela* sabia encontrar o Cruzeiro do Sul.

Apontei para a constelação de estrelas brilhantes.

Claro, disse ela. Riu-se.

Disse-lhe que ela e as mulheres podiam usar o Cruzeiro do Sul, muitas vezes referido como Crux, para se orientarem.

Se fechares o punho direito assim, disse eu. Peguei-lhe na mão e moldei-a num punho. Segurei-a no alto, contra as estrelas. Tinha o braço rígido e o punho cerrado, como uma lutadora pela liberdade.

Agora alinha o primeiro nó do dedo com o eixo do Cruzeiro, disse-lhe. Segurei-lhe na mão, no pulso. Senti a majestade divina, uma gratidão esmagadora. O meu estômago deu uma volta. A minha prece tinha tido resposta.

Agora, disse eu, a ponta do teu polegar, aqui, vai indicar o Sul.

Ona sorriu, acenou, batendo palmas.

Podes ensinar às outras?, perguntei-lhe.

Claro!, voltou a dizer. Teremos uma aula de orientação.

Ona, disse eu.

Ela olhou para mim, ainda a sorrir.

Já conhecias este truque?

Ela riu-se, acenou com a cabeça, disse que claro que conhecia.

Eu sorri também, envergonhado. Disse-lhe que desejava que houvesse alguma coisa que lhe pudesse dizer que ela ainda não soubesse.

Há, disse ela. Diz-me porque foste parar à cadeia.

Roubei um cavalo, respondi-lhe.

Ona assentiu solenemente, como se suspeitasse de uma coisa assim.

Depois expliquei-lhe tudo. Em Londres, depois de o meu pai ter desaparecido e a minha mãe ter morrido, eu não tinha lugar onde viver. Estava na universidade, a ter aulas de História, e tive um esgotamento nervoso. Abandonei os estudos (o Iluminismo) e juntei-me a um grupo de anarquistas, artistas e músicos que estava a ocupar um terreno abandonado perto de Gargoyle Wharf, em Wandsworth, na margem do Tamisa. (Foi neste lugar que aprendi a amar os patos, mas não aprendi a manter este facto tão ridículo sobre mim só para mim — especialmente na prisão.)

Falar de aves semiaquáticas na cadeia, contar nem que seja o mais pequeno pormenor, pode desencadear uma grande tarefa, contei eu a Ona, e ela concordou que eu deveria ter guardado este facto só para mim.

Mas quando se ama uma coisa profundamente é muito difícil mantê-la em segredo, não é?, disse ela.

Murmurei que sim. Olhei para ela, depois para o Cruzeiro do Sul, depois para os meus joelhos.

Em Wandsworth estava-se muito bem, continuei. Vivíamos com simplicidade, em coletivo. Construí várias casas a partir de material que tirámos de edifícios antigos que a cidade tinha demolido para fazer uma autoestrada. Tínhamos concertos na nossa Eco Village, tínhamos jardins, esforçávamo-nos muito para nos entendermos. Éramos já centenas, e um dia fomos todos a Hyde Park, para protestar contra uma lei que tinha sido aprovada. Era uma lei de justiça criminal que permitia ao Estado impor sanções maiores para comportamentos «antissociais», como o nosso. Proíbiam-se *raves* e encontros e até certos tipos de música, que eram «caracterizados pela emissão de uma sucessão de batimentos repetitivos.» Desenhei

aspas imaginárias no ar quando disse isto a Ona. Usei o que pensei ser um tom de voz autoritário. Falei com sotaque britânico.

Ona riu-se. Que música era essa?, perguntou.

Techno, respondi-lhe. Sabes o que é *techno*?

Não.

É música eletrónica de dança.

Mas roubaste um cavalo?, perguntou.

Sim, no protesto em Hyde Park. Era um cavalo montado por um polícia. O polícia forçou o cavalo a carregar sobre os manifestantes. contei a Ona que alguns participantes nos protestos — estavam lá mais de 50 mil pessoas, ouvimos dizer mais tarde — tinha puxado o polícia, fazendo-o cair, e o cavalo, sem cavaleiro, ficou em pânico, a bater com os cascos, a empinar-se sobre a multidão. Montei-o de um salto e saí a galope, contornando a multidão, por detrás das pessoas e dos outros polícias, até um lago com uma fonte onde o cavalo podia beber um pouco de água e acalmar-se. Falei com o cavalo no que esperava que fosse uma voz tranquilizadora. Ninguém me prestou atenção, nem ao cavalo. Acabei por regressar a Wandsworth montado nele e mantive-o lá, como um amigo. Um amigo de todos nós.

Na verdade, disse, chamei-lhe *Frint*. («Amigo», em *plautdietsch*.)

O *Frint* também trabalhava para nós, porque se esperava que todos os seres contribuíssem. Às vezes carregava madeira e outros materiais. Estava exceccionalmente bem treinado e em forma.

Ona sentou-se no telhado do lavadouro e riu na escuridão. Mas foste apanhado?, perguntou.

Fui, disse. Acabei por ser preso por roubar o *Frint*. Roubar um polícia é um crime grave.

E foste para a cadeia. Onde é um crime grave admitir que se adora patos.

Fui, disse. Para a prisão de Wandsworth.

E foi difícil estar na prisão?, perguntou Ona.

Foi, disse. Não tinha visitas. Os outros ocupas, os meus amigos, foram expulsos daquela zona e mudaram-se, foram para mais longe; e também nunca mais vi o *Frint*.

E batiam-te?, perguntou Ona.

Todos os dias.

Perdeste a fé?, perguntou Ona.

Muitas vezes, disse. Senti vontade de matar vários dos meus colegas de cela. E a maioria dos guardas.

Tinhas medo?, perguntou Ona.

Sempre, respondi. Sempre.

7 DE JUNHO

Atas das Conversas das Mulheres

É muito cedo, e ainda está escuro. Não durmo desde que estive a falar com Ona em cima do telhado. Acendi um candeeiro a petróleo para ver o que estou a escrever.

A ordenha está feita, e todas as mulheres, à exceção de Mariche e Autje, estão no palheiro. Greta anda de um lado para o outro, e vai periodicamente à janela para espreitar no escuro. O equilíbrio dela não é nada bom. Caiu várias vezes nos últimos meses e partiu algumas costelas e a clavícula. Mejal pede-lhe que se concentre em levantar bem os pés ao caminhar, que não arraste os pés, para evitar tropeçar, mas Greta está muito cansada e o seu corpo é pesado, e é evidente que cada parcela dele lhe dói.

Agata pôs os pés no colo de Ona e esta está a esfregá-los, a tentar melhorar a circulação do sangue. Ona canta baixinho *On the Old Rugged Cross*, e Agata canta com ela a cada duas ou três palavras, embora esteja a lutar para respirar. Salome (Miep não está aqui, nem os outros filhos de Salome) está a entrançar o cabelo de Neitje sem meias-medidas, puxando com tanta firmeza que Neitje implora por misericórdia.

Estás a cegar-me, diz ela à mãe/tia.

Salome repete a pergunta que fez a Neitje: Falaste às outras sobre a nossa reunião?

Neitje confirma que falou.

Salome murmura em aprovação e pergunta-lhe como reagiram as mulheres à notícia.

A maioria das mulheres concordou em se encontrar no celeiro dos potros esta noite depois da *fasha*, diz Neitje.

E as outras?, pergunta Salome.

As outras não disseram nada, diz Neitje.

Algumas não quiseram ouvir. Algumas foram-se embora. A Bettina Kreuger gesticulou como a afastar do ar pragas imaginárias.

Mejal interrompe. Não te preocupes, diz ela a Salome. Os maridos das mulheres do Não Fazer Nada ainda estão na cidade com o Peters, e as suas mulheres não serão capazes de os avisar dos planos.

E se o Klaas descobriu?, pergunta Salome. Afinal onde está a

Mariche?

O Klaas não se lembrará de nada do que lhe foi dito, mesmo que lho tenham dito, diz Agata.

Mejal pergunta a Salome se Miep está com Nettie/Melvin.

Está, diz Salome. Mas ela não está nada bem hoje, e os comprimidos não estão a ajudá-la. Suspeito que os comprimidos são para animais, e não para pessoas.

Mas a Miep é pequena, diz Mejal. Vão funcionar.

A Miep é pequena, concorda Salome. Mas não é um bezerro.

Queres saber o sonho que eu tive esta noite?, pergunta Ona a Agata.

Agata está a descansar a cabeça na mão. Ela diz: Se queres que te seja franca, Ona, não, não quero.

Ona sorri.

Mas mais tarde, sim, diz Agata. Devolve o sorriso a Ona.

August, diz Ona. Sonhaste ontem à noite?

Sonhei, digo eu.

Na verdade não sonhei, porque não dormi, a menos que a minha conversa com Ona no telhado do lavadouro tenha sido um sonho. Ona continua a cantar. Depois pára. Mãe, diz ela, eu sonhei que tu tinhas morrido, e no meu sonho eu disse: Mas se tu estás morta então não há ninguém para me apanhar se eu cair. E então, no meu sonho, tu voltaste da morte, estavas cansada, tinhas dores nos pés, mas estavas feliz por voltar uma última vez, e disseste: Então não caias.

As outras mulheres riem-se.

Anseio por dizer a Ona que a apanharia, se ela caísse.

Agata bate na mão de Ona. Ona, diz ela, nós nascemos e depois vivemos e depois morremos, e depois não vivemos outra vez, a não ser no céu. Onde haverá justiça.

E respeito, diz Greta. Os seus braços dispararam de repente como um árbitro de futebol americano a indicar que foi marcado um *touchdown*.

Então, diz Ona, estávamos juntas no céu. No meu sonho.

Mas Ona, diz Mejal, se estivesses no céu terias muitas pessoas para te apanhar, se caíesses. Mas estarias no céu, e portanto não caías.

Salome diz: Mas podias tropeçar. És desajeitada.

(Vê-se que Salome está exasperada com este assunto.)

A não ser que o céu faça parte de um sonho, diz Ona. Ou a não ser que os sonhos sejam ilógicos.

Bem, e são, diz Agata.

Não sei, diz Ona. Talvez sejam a experiência mais lógica que podemos ter.

O céu é real, diz Mejal. Os sonhos não são reais.

Como é que sabes?, pergunta Ona. E não sonhamos com o céu? O céu não é todo ele uma coisa de sonho? Embora isso não o torne irreal.

Agata muda firmemente de assunto. Onde está a Mariche?, pergunta. E a Autje. Olhem para o céu, acrescenta, apontando para a luz no horizonte.

Mejal espalha pequenos restos de tecido e bobinas de fio em torno da mesa, para parecer que as mulheres se estão a preparar para fazer uma colcha.

Para o caso de o Klaas voltar, explica ela. Quando termina, volta-se para Salome e diz-lhe num tom de voz baixo e preocupado que parou de sangrar.

Salome solta uma maldição, em seguida faz uma piada sobre quem o pai pode ser.

Mejal ergue o seu dedo ocre (vida secreta!) para silenciar Salome.

(Observo que de cada vez que Salome fica transtornada ou irada dá um puxão na trança de Neitje, e agora Neitje já suportou o suficiente. Afasta-se de Salome e entrega a tarefa de entrançar o cabelo à avó, Agata.)

Mejal diz a Salome que Andreas, o seu marido, fica assustado todos os meses quando ela sangra e não morre. Faz-lhe confusão. Ri-se.

Isso é um exagero ridículo, diz Greta. Claro que o Andreas percebe o ciclo feminino. (É evidente que ela desaprova a falta de respeito de Mejal pelo marido.)

Não explicaste ao Andreas?, pergunta Salome.

Mejal volta a rir-se. É mais engraçado ele ficar assustado com isto, diz ela.

Queres dizer, por tu não morreres quando sangras?, pergunta Ona. Ele pensa que és uma bruxa?

Finalmente, Mariche apareceu e está a subir a escada para o palheiro. Autje vem atrás dela, a ajudar.

Greta corre para Mariche, ampara-a nos braços.

Ona e Agata desviam o olhar.

Salome levanta-se. O que aconteceu?, pergunta ela. O que se passou?

O rosto de Mariche está negro e tem golpes. Traz o braço amparado numa ligadura, feita de uma saca de ração. Autje também

tem um hematoma na bochecha com o formato de quatro dedos e um polegar. Ambas tomam os seus lugares à mesa.

Greta pergunta: Ele foi-se embora?

Mariche, sempre desafiante, responde: E eu estaria aqui agora, se ele não tivesse ido?

Neitje, com o cabelo finalmente entrançado, vai sentar-se ao lado da amiga Autje. Não lhe diz nada, não tem nada a dizer-lhe ou a dar-lhe, mas sincroniza a sua respiração com a dela. Olham em frente, para alguma coisa que eu não consigo identificar, não é para o vazio. E ficam em silêncio.

Então vamos começar, diz Agata. Ontem foi um dia para falar, hoje é um dia para agir. Amanhã os homens irão regressar. Será correto dizer que todas decidimos, mais ou menos, sair antes que isso aconteça? Que rejeitámos as outras opções de ficar e lutar, porque somos pacifistas, e porque...

Salome interrompe: Ou porque não ganharíamos.

Não, diz a mãe dela, excluimos ficar e lutar porque a nossa fé se baseia em valores fundamentais, sendo um deles o pacifismo, e não temos outra pátria que não seja a nossa fé, e somos servas da nossa fé, e por sermos tal temos garantida a paz eterna no céu.

Salome quase cospe: Pois essa puta dessa paz de certezinha que não existe em Molotschna.

Salome, por favor, não digas palavrões, pede Agata. Sugere que Salome faça doze *jumping jacks*, em vez de praguejar.

Neitje ri-se.

Eu fazer doze *jumping jacks* vai trazer a paz a Molotschna?, pergunta Salome.

Mariche, com o seu rosto devastado, comenta: Pensei que hoje era um dia de ação, e não de conversa.

As outras mulheres riem-se baixinho, condescendendo com ela esta manhã, reconhecendo o seu humor corajoso.

Sim, continua Agata, excluimos a opção de não fazer nada porque ao não fazermos nada não estamos a proteger os nossos filhos, que nos foram dados por Deus para os protegermos e nutrirmos...

Mariche interrompe: Mas como podemos ter certeza de que eles não vão ser prejudicados quando deixarmos Molotschna?

Não podemos ter a certeza, diz Ona. Mas podemos ter a certeza de que *vão ser* prejudicados se ficarmos. Ona e Mariche cruzam olhares.

Não podemos?, pergunta Ona.

Mariche fica em silêncio. Tem os olhos molhados. Está a dobrar

um pedaço de tecido num quadradinho, puxando os fios.

As outras mulheres desviam o olhar para a luz que se ergue no horizonte e, através da janela, entra no palheiro de Earnest Thiessen.

Apago o meu candeeiro a petróleo. A luz no palheiro é agora suficiente, e as mulheres hoje estão vulneráveis, solenes, feridas, ansiosas. Além disso, sinto que Mariche quer ficar na sombra, despercebida. Os animais lá fora manifestam-se ruidosamente e o vento que vem da janela aberta levanta os fios de cabelo que escapam ao carrapito proibido e solto de Ona.

Quantas vezes vamos fazer as malas e desaparecer na noite?, pergunta Greta.

Autje e Neitje trocam olhares. (São literalistas e sei que provavelmente estão a pensar: Nós *nunca* fizemos isso, pois não?)

Greta, de que estás tu a falar?, pergunta Agata.

Não é altura para lições de história, diz Mariche. Se bem percebi, o que nós, mulheres, determinámos é que queremos três coisas, e acreditamos que temos direito a elas.

E quais são?, pergunta Greta.

Mariche diz: Queremos que os nossos filhos estejam seguros. Começou a chorar de mansinho e está a ter dificuldades em falar, mas continua. Queremos ser firmes na nossa fé. Queremos pensar.

Agata bate as mãos no ar, fica com elas postas acima da cabeça e diz: Louvado seja Deus. Greta ergue os braços acima da cabeça, mais uma vez como um árbitro de futebol.

As velhas rejubilam. Salome e Mejal sorriem.

Salome diz: Sim, é isso.

Precisamente isso, diz Mejal.

Bem, isso não foi dito de maneira muito *precisa*, ressalva Salome. Mas parece-me perfeito. Um começo perfeito.

Salome, será que vais usar o teu último suspiro na terra para me corrigires?, pergunta Mejal.

Sim, se for preciso, teima Salome.

Os olhos de Ona agigantaram-se. Parece estar num devaneio, ou em transe. É o início de uma nova era, diz ela. É o nosso manifesto. (Ela diz «manifesto» em inglês, mas com a sua pronúncia menonita soa a «menofasto.»)

O que é isso?, pergunta Autje.

Por favor, dirijam todas as vossas perguntas à Salome, diz Mejal. Ela está disposta a usar o seu último suspiro sobre a terra

para educar as amigas estúpidas.

Salome ri-se. Contrapõe: Eu não disse que eras estúpida, Mejal. Só disse que usaste a palavra «precisamente» de maneira imprecisa.

Mejal enrola um cigarro e sugere ser torturada até à morte por tamanha infração.

O que é um manifesto?, pergunta Autje de novo.

As outras mulheres franzem o sobrolho. Olham para Ona, que sorri. Não tenho a certeza, diz ela, mas penso que é um tipo de declaração. Um guia.

Então Ona olha para mim e pergunta: Não é?

É, concordo, é uma declaração. Uma declaração de intenções. Às vezes revolucionária.

Agata e Greta trocam olhares alarmados.

Não, não, August, diz Agata, não pode ser revolucionária. Não somos revolucionárias. Somos mulheres simples. Somos mães. Avós. Revolucionários são soldados, acrescenta Greta, muitas vezes armados com espingardas de assalto ou bombas ou coisas dessas. Isso é o oposto do que nós somos. (Dentro da colónia de Molotschna, qualquer referência a revolução invoca a Revolução Russa, que não é nada bem vista entre os menonitas.)

Mas estamos dispostas a morrer pela nossa causa?, pergunta Ona.

Neitje e Autje negam com a cabeça.

Estamos, diz Salome. Claro que sim.

Neitje e Autje trocam olhares alarmados. É impressionante como se parecem com os olhares trocados há pouco pelas suas avós.

Estás disposta a *matar* pela nossa causa?, pergunta Ona.

Não, responde Salome.

Mas estás disposta a *deixares-te matar* pela nossa causa?, pergunta Ona.

Bem, não, diz Salome. Idealmente, não.

Porque não queres fazer de outra pessoa um assassino?, pergunta Ona. Ou porque valorizas a tua vida individual mais do que a causa?

Não sei, responde Salome com impaciência. E o tempo está a passar.

A Ona só está a tentar entender com precisão, intervém Mejal. A precisão não é a tua especialidade? Aquilo a que dedicarás o teu último alento sobre a Terra?

Ouçam, diz Agata. Já chega.

Eu agora levantei a mão, aflito, e Agata diz: Sim, August?

Pedi, mais uma vez, que me perdoassem por usar palavras de

maneira imprudente e incitando a debates desnecessários.

Ona vomita para o balde de ração que tem ao lado. Pede desculpa. Depois olha para mim. Eu gosto da palavra «revolucionário», diz ela. Tem restos de vômito no queixo.

Salome apanha um bocado de palha e limpa-lhe o queixo. Sussurra-lhe qualquer coisa com um olhar feroz.

Ona assente. Olha para a janela. Volta a assentir. (Uma pequena revolução dentro de uma maior?)

Vamos seguir em frente, diz Agata. Podemos concordar que queremos apenas proteger os nossos filhos, manter a nossa fé, e pensar? Que não somos revolucionárias (nem animais)? E que a questão de morrermos pela nossa causa não é uma coisa com que precisemos de nos preocupar neste momento, uma vez que temos assuntos mais urgentes a tratar?

Sim, diz Mejal. Mas há mais uma pergunta que gostaria de fazer. Tem a ver com a exortação bíblica a que as mulheres obedeçam e se submetam aos seus maridos. Se queremos continuar a ser boas esposas, pergunta ela, como podemos deixar os nossos homens? Isso não é desobediência?

O nosso primeiro dever, e o mais urgente, diz Salome, é para com os nossos filhos e a sua segurança.

Mas não é isso que está na Bíblia, diz Mejal.

Nós não sabemos ler, diz Salome, como podemos saber o que está na Bíblia?

Estás a fazer-te difícil, diz Mejal. Foi-nos dito o que está na Bíblia.

Pois foi, diz Salome, pelo Peters e pelos anciãos e pelos nossos maridos.

Isso, diz Mejal. E pelos nossos filhos.

Os nossos filhos!, repete Salome. E qual é o denominador comum que liga o Peters e os anciãos e os nossos filhos e os nossos maridos?

Tenho a certeza de que nos vais informar, ironiza Mejal.

São todos homens!, diz Salome.

Claro que são, diz Mejal, isso sei eu. Mas quem senão eles interpretaria a Bíblia para nós?

O que eu quero dizer, explica Salome, é que ao sairmos não estamos necessariamente a desobedecer aos homens segundo o que diz a *Bíblia*, porque nós, mulheres, sendo incapazes de a ler, não sabemos exatamente o que diz a Bíblia. Além disso, a única razão pela qual sentimos que temos de nos submeter aos nossos maridos é os nossos maridos terem-nos dito que a Bíblia assim o decreta.

Se o teu marido, pergunta ela a Mejal, te disser que Deus, na Bíblia, através das palavras dos vários profetas e discípulos masculinos, ou através das palavras do próprio Jesus, deixou claro que ele, o teu marido, te deve pôr a cara toda negra quando tu questionas os seus motivos, e que além disso deve chicotear os teus filhos pequenos com o chicote dos cavalos quando deixam a porta do celeiro aberta por acidente, e que tu tens de fazer o mesmo — concordas com ele?

Mejal revira os olhos e ao mesmo tempo enrola um cigarro.

Partes do princípio de que ele sabe que a lei de Deus é assim?, insiste Salome.

Ona cita o Eclesiastes: «Um tempo para amar e um tempo para odiar. Um tempo para a guerra e um tempo para a paz.»

Agata ergue as sobranceiras. Porque te incomodas tu a entrar nesta discussão?, pergunta ela.

A Bíblia sugere que há um tempo para o ódio e um tempo para a guerra, diz Ona. Acreditamos nisso?

As mulheres ficam em silêncio.

Não, diz Agata, não acreditamos.

Nós odiamos a guerra, diz Neitje.

Autje ri.

Agata sorri, aprovando a graça das raparigas. Move o tronco para a esquerda e para a direita, outra vez para a esquerda, numa dança subtil que executa quando gosta de uma piada, indicando que a percebeu, que essa é boa.

Mariche diz: Provavelmente será pacífico dizer que existem algumas lacunas na nossa compreensão da Bíblia. Devemos seguir em frente. Levanta o queixo para a janela, em direção ao sol, num gesto rápido.

Concordo que há lacunas, diz Salome. Mas o problema é mais específico do que meras lacunas.

Abismos?, pergunta Neitje. Autje faz um sorrisinho de troça.

A questão, continua Salome, ignorando Neitje, é a interpretação masculina da Bíblia e como ela nos é «transmitida».

Ona conclui: Sim, a nossa incapacidade de ler e escrever coloca-nos numa grande desvantagem em qualquer negociação sobre a interpretação da Bíblia.

Agata bate com a mão no contraplacado. Isto é interessante, diz ela, mas a Mariche tem razão. Estamos a ficar sem tempo. Podemos concordar em que não nos sentiremos culpadas...

Mas como podemos controlar os nossos sentimentos?, interrompe Mariche.

Agata continua: ... de desobedecer aos nossos maridos ao abandonarmos Molotschna porque não estamos totalmente convencidas de que estejamos a ser desobedientes? Ou que exista uma coisa chamada desobediência?

Oh, existe sim, diz Mariche.

Sim, diz Salome, como palavra, como conceito e como ação. Mas não é a palavra correta para definir a nossa partida de Molotschna.

Pode ser *uma* das palavras, diz Mariche, para definir a nossa partida.

É verdade, diz Salome, uma palavra de muitas. Mas é uma palavra que os homens de Molotschna usariam, e não Deus.

É verdade, diz Mejal. Deus pode definir a nossa partida de outra forma.

E como achas que Deus definiria a nossa partida?, pergunta Ona.

Como um tempo para o amor, um tempo para a paz, diz Mejal.

Aha!, diz Ona. E bate palmas alegremente.

Salome sorri.

Mejal está radiante. Agata move o tronco para a esquerda, depois para a direita.

(Fico siderado por um pensamento: Talvez seja a primeira vez que as mulheres de Molotschna interpretaram elas próprias a palavra de Deus.)

Vamos sentir angústia e vamos sentir mágoa e vamos sentir incerteza e tristeza, mas não culpa, diz Agata.

Mariche repara: Podemos *sentir-nos* culpadas, mas saberemos que não somos culpadas.

As outras mulheres concordam veementemente. Mejal diz: Podemos *sentir-nos* com vontade de matar alguém, mas sabemos que não somos assassinas.

Ona diz: Podemos *sentir-nos* vingativas, mas saberemos que não somos guaxinins.

Salome desata a rir. Podemos *sentir-nos* perdidas, diz ela, mas saberemos que não estamos perdidas.

Fala por ti, diz Mejal.

É o que eu faço sempre, riposta Salome. Devias tentar também.

Mejal imita Salome, fazendo eco das suas palavras numa voz imperiosa, com um ar de sapo.

Uma última coisa antes de seguirmos, diz Greta. Resta-nos a questão de reeducar os nossos rapazes e homens. Não é uma coisa que também gostaríamos de fazer?

Não é exatamente *gostaríamos*, diz Salome. (A esta correção de Salome, as duas raparigas mimam de novo suicidar-se.) Reeducar os nossos rapazes e os nossos homens é algo que estamos *obrigadas* a fazer, se queremos defender o princípio do pacifismo e do não-conflito que é central para a nossa fé e deve ser adotado se quisermos conhecer a paz eterna no céu!

Está bem, diz Greta (com um cansaço épico).

E se quisermos proteger os nossos filhos, diz Ona.

Sim, isso também, diz Greta. E acrescenta: Então não deveria fazer parte do nosso plano?

Manifesto, corrige Neitje, e Autje solta um risinho.

Sim, diz Greta. Parte do manifesto.

Tanto Neitje como Autje desatam a rir. Parece que acham a palavra «manifesto» irresistivelmente cómica.

Salome diz: Vamos fazer esse trabalho de reeducação organicamente — (Ai, foda-se, *organicamente*, bufa Mejal) — enquanto educamos os nossos filhos rapazes para eles serem compassivos e respeitosos.

Salome atira um trapo enrolado a Mejal, que lhe faz um buraco com o cigarro mesmo ao meio e, em seguida, olha para Salome através do buraco, com um olho escuro.

Salome ri-se. Põe isso na tua colcha, diz ela a Mejal. Vai acrescentar-lhe carácter.

Estás-te a referir à nossa colcha imaginária, diz Mejal.

E os rapazes que ficam para trás?, pergunta Greta.

Salome fica subitamente solene. Levanta a mão e pede um esclarecimento. Já determinámos a idade-limite dos rapazes que estão autorizados a juntar-se a nós?, pergunta.

As mulheres calam-se por um momento. Então Agata diz que tem vindo a pensar nisso e gostava de fazer uma proposta. O tema dos nossos rapazes e homens é complexo, diz ela. Nós amamos os nossos filhos, e, com algumas legítimas reservas, amamos os nossos maridos também, nem que seja porque fomos instruídas assim.

Estás a confundir amor com obediência, diz Mariche.

Talvez no teu caso seja verdade, Mariche, mas isso não é necessariamente verdadeiro para todas as outras mulheres da colónia, diz Agata. De qualquer forma, devemos amar, ou demonstrar amor, a todas as pessoas. É o mandamento mais importante de Deus (presumivelmente segundo a interpretação dos homens): amarmo-nos uns aos outros como Deus nos ama, e amar o nosso próximo como esperamos que o nosso próximo nos ame.

(Ouço Salome respirar fundo longamente.)

Autje e Neitje apoiaram mais uma vez as cabeças sobre a mesa. Neitje ofereceu a Autje uma dentada de uma salsicha que tem estado a mastigar desde que a reunião começou.

Autje franze o nariz, fecha os olhos.

Neitje coloca a mão suavemente na bochecha da amiga, cobrindo o hematoma deixado pelo pai de Autje.

Agata apresenta a sua proposta: Todos os rapazes com menos de quinze anos devem acompanhar as mulheres.

Acompanhar-nos para onde?, pergunta Mariche.

Mariche, diz Greta. Sabes bem que não sabemos exatamente para onde vamos.

Mejal acrescenta: Como poderíamos saber? Nós nunca saímos de Molotschna e não temos um mapa, e mesmo que tivéssemos um mapa não saberíamos lê-lo.

Salome pergunta: O que queres dizer com *devem*? Estamos a forçá-los a sair connosco?

Agata continua, imperturbável. Quinze é a idade de batismo e os rapazes que foram batizados e são por isso membros plenos da igreja passam a ser considerados homens, por isso estão atualmente na cidade com os homens mais velhos. Os rapazes com menos de quinze anos, o Cornelius e o Grant estão aqui na colónia. São como crianças porque requerem cuidados especiais. Claro que devem partir connosco. O nosso dever e instinto, e o nosso desejo, como já concluímos, é proteger os nossos filhos. Não só as nossas filhas.

As mulheres falam todas ao mesmo tempo, e eu vejo-me de novo incapaz de decifrar as suas vozes individuais.

Por favor, pede Agata. Uma de cada vez.

O que vamos fazer se os rapazes não quiserem vir, se se recusarem a vir?, pergunta Mariche. Não podemos levar às costas rapazes de catorze anos.

É verdade, diz Agata. Não podemos forçá-los a vir connosco, mas vamos explicar-lhes tudo o que discutimos aqui no palheiro, a razão por que achamos que seria melhor para eles saírem connosco. Tentaremos *influenciar* os nossos filhos.

Autje e Neitje levantaram as cabeças da mesa.

Neitje diz: Os rapazes seriam capazes de ler o mapa.

Se tivéssemos um, acrescenta Autje.

Levanto a mão.

Autje sorri. Sim, senhor Epp?

Digo às mulheres que ainda estou no processo de obter o mapa-múndi que sei que existe na colónia de Chortiza.

As mulheres riem-se. (Não sei porquê.)

Ona volta às palavras da mãe. As mulheres de Molotschna concordarem em tentar influenciar os seus filhos rapazes já é verdadeiramente revolucionário, diz ela.

Não, diz Agata. É instintivo. Somos as mães deles. Eles são os nossos filhos. Decidimos coletivamente — e de acordo com os princípios da nossa fé e da definição, pelo menos tal como a conhecemos, de amor e paz, e com os critérios para a vida eterna no céu — o que é melhor para eles, e vamos agir em conformidade. Os nossos instintos animais uniram forças com os nossos intelectos, que têm estado escondidos e a definhar nas sombras há demasiado tempo, e com as nossas almas, que são a manifestação de Deus. Como pode isto ser revolucionário? (Agata está agora com falta de ar.)

Será que os rapazes que se recusarem a sair connosco serão autorizados a ficar na colónia?, pergunta Mariche.

Claro que sim, diz Agata, vamos confiá-los aos cuidados das mulheres do Não Fazer Nada e dos pais deles, que devem voltar em breve... o mais tardar, amanhã.

Mejal diz: Mas seria muito triste.

Sim!, concorda Agata. Seria muito triste. Mas a tristeza não se pode evitar. E vamos ter de a aguentar.

Salome, o que vai fazer o teu Aaron?, pergunta Mariche. Será que vem connosco?

Salome ignora a pergunta. Em vez disso, pergunta a Agata: Vamos convidar os homens e os rapazes que ficam para trás a juntarem-se a nós mais tarde, quando fundarmos a nova comunidade?

Não tenho a certeza, diz Agata. Como sabemos, os jovens de Molotschna casam-se normalmente aos dezasseis anos e os que ficarem para trás irão provavelmente casar-se com raparigas de Chortiza ou de mais longe, talvez de Hiakjeke. (Nota do tradutor: Esta é uma colónia a norte de Chortiza cujo nome significa, na nossa língua, «Aqui, olha», presumivelmente em resposta à pergunta: «Onde estamos?») Depois de se casarem, é provável que não queiram desenraizar-se.

Mas se eles quisessem juntar-se a nós, diz Mejal, seriam capazes?

Agata fica calada. Pisca rapidamente os olhos e olha para as vigas.

Talvez, diz Ona. Podem juntar-se a nós se assinarem o nosso manifesto e aderirem a ele.

Salome diz que teme que o manifesto seja alterado ou

gradualmente desvirtuado pelos homens. Podem assinar só para lhes ser permitido voltar para as mulheres, mas depois não cumprir os seus termos.

Mejal concorda. E então voltaríamos ao ponto onde começámos, diz.

Ouçam, diz Agata. Estamos a embarcar numa viagem. Estamos a iniciar uma mudança que interpretámos, ao longo os últimos dois dias, como sendo a vontade de Deus e um testemunho da nossa fé, e das nossas responsabilidades e instintos naturais, como mães e como seres humanos com almas. Temos de acreditar nisso.

Greta desenvolve: Não sabemos tudo o que vai acontecer. Vamos ter de esperar para ver. Por agora, temos o nosso plano traçado.

Ona volta-se para mim. August, achas que o artista Miguel Ângelo sabia como ia ser a sua pintura, antes de a começar?

Não sei.

Mariche diz que não é provável.

Ou uma fotografia, diz Ona. A pessoa que tira a fotografia sabe o que vai aparecer, enquanto a está a tirar?

No caso da fotografia, digo eu, o fotógrafo pode ter uma melhor ideia do que vai aparecer do que o artista, Miguel Ângelo, teria da expressão final da sua arte.

Ona agradece-me esta explicação. Nós, as mulheres, somos artistas, diz.

Mariche zomba. Sim, artistas da ansiedade, diz ela.

Ona sorri-me. Eu sorrio a Ona.

Agata pega na mão de Ona, que pega na mão de Salome, que toma a mão de Mejal, que pega na mão de Neitje, que toma a mão de Autje, que pega na mão de Mariche, que agarra a mão de Greta, que pega na mão de Agata.

As mulheres olham para mim.

Agata larga a mão da Greta e pega na minha, e eu pouso a minha caneta e seguro a mão de Greta, tentando não fazer pressão sobre os seus dedos inchados.

E cantámos. Agata começou, e todos nos juntámos ao canto: as duas mulheres mais velhas com ânimo, as duas mais novas mortificadas, a murmurar; as do meio com resignação, mas esforçando-se.

Estamos no palheiro de Earnest Thiessen, entre a terra e o céu, e esta foi talvez a última vez que eu ouviria Ona cantar. Cantámos

«Pela Beleza da Terra» (*For the Beauty of the Earth*):

*Pela beleza da Terra,
E pela beleza do céu,
Pelo Amor que nos rodeia
E nos protege como um véu:
Jesus, Senhor, a Ti erguemos
Este hino de louvor.
Pela beleza de cada hora
Que dia ou noite nos conduz,
Colina e vale, e árvore e flor,
Sol e Lua e estrelas de luz:
Jesus, Senhor, a Ti erguemos
Este hino de louvor.
Pela alegria do que ouvimos e vemos,
Pelo prazer da mente e do coração,
Pela harmonia mística
Que liga o sentido ao som e à visão:
Jesus, Senhor, a Ti erguemos
Este hino de louvor.
Pela alegria do amor terreno,
Irmãos e irmãs, filhos e pais,
Pelos pensamentos suaves e amenos
De amigos terrenos e celestiais:
Jesus, Senhor, a Ti erguemos
Este hino de louvor.
Por cada dádiva perfeita
Que à nossa raça livremente das,
Graças humanas e graças divinas,
Flores da terra, e celestial maná:
Jesus, Senhor, a Ti erguemos
Este hino de louvor.*

Greta sugeriu que cantássemos outro hino. Pergunta às mulheres se querem cantar «Mais Perto de Ti, Meu Deus» (*Nearer, My God, to Thee*).

Estou emocionado. Não sei o que se passa comigo.

Ona está a olhar para mim. Levanto a mão.

Podes falar sempre que quiseses, August, diz Agata, e não tens de levantar a mão. És o professor! Ela ri-se.

As outras olham para mim.

As lágrimas correm-me pelas faces. Mal consigo ver o papel

onde escrevo estas palavras. Vejo Mariche torcer a boca, olhar para o lado. Este meio-homem de origem duvidosa. Autje e Neitje parecem estar tão mortificadas pelo meu choro como eu.

Isto é o que estou a perguntar a mim próprio: Será que a minha mãe alguma vez amou Peters? Ele teria sido diferente do que é agora? Bondoso? Outro tipo de pessoa, se ao menos não estivesse preso no cadinho desta experiência esmagadora? É um pecado ter esperança que isto assim seja? Entenderia ele o meu medo? Consolar-me-ia? Forço-me a parar as lágrimas concentrando-me na definição de espaço liminar. Quero partilhar esta definição com Ona. Mas talvez agora não haja oportunidade.

Em vez disso, pergunto às mulheres se posso partilhar com elas um facto sobre o hino que Greta sugeriu: «Mais Perto de Ti, Meu Deus».

Salome franze o sobrolho, mas diz: Claro, August, mas apressa-te, olha. Aponta para a janela, para a luz, que se tornou de repente a personagem central na nossa história, o temível catalisador.

«Mais Perto de Ti, Meu Deus», começo, é o cântico que os passageiros do *Titanic* cantaram quando o navio se estava a afundar.

Olho para Ona.

Ela diz que não conhece a história deste navio, mas que é a canção que ela também cantaria, se estivesse num navio a afundar.

Mariche acrescenta: E se não se pudesse fazer mais nada.

Sim, concorda Ona, se não se pudesse fazer mais nada.

Nenhuma das mulheres no palheiro ouviu falar do *Titanic*. Nenhuma das mulheres no palheiro viu um oceano. A atenção contida e educada que prestam ao meu facto é embaraçosa. Estão silenciosas, dizendo que sim com a cabeça, dando ao facto a atenção devida. Tanto tormento no meu coração, titânico. Este facto era destinado a Ona. Mas que estúpido da minha parte oferecer tal presente, como se insinuasse que o plano das mulheres está condenado. Que egoísta da minha parte.

Greta, num gesto de misericórdia, volta a sugerir que cantemos.

Terminámos de cantar «Mais Perto de Ti, Meu Deus». E eu desejava tanto segurar a mão de Ona enquanto cantava, em vez das de Agata e Greta. Meu Deus, perdoa-me.

Agora há trabalho a fazer.

Agata insiste que nos devemos deixar de floreios (uma tradução livre da expressão que usou em *plautdietsch*). Chegou a hora de as mulheres se prepararem para a partida.

A maioria concorda. Mariche franze o nariz, mas não diz nada.

Aconteceram várias coisas durante a noite, diz Agata, desde o fim da nossa reunião de ontem.

E continua: Fui à retrete depois da *faspa* e ouvi um gemido terrível que vinha do outro lado do campo do Noroeste, ao lado da minha casa. Por causa do meu edema (faz uma pausa para respirar, permitindo que as outras mulheres fiquem a saborear e a apreciar o nome correto da doença que a aflige), estava com os pés levantados, apoiados no antigo berço da Autje, o azul-claro com os anjos, aquele que o Kurt fez antes de partir a espinha.

Não consegui ir ver o que se passava, continua, mas o gemido aproximou-se cada vez mais da minha casa, mais perto, ainda mais perto, e também ouvia cavalos e as rodas de uma carroça no cascalho, e, por fim, bateram-me à porta.

Ona encoraja a mãe a acelerar o ritmo da narrativa pigarreando e assentindo energicamente, com os olhos muito abertos.

Agata continua: Era o Klaas.

Conta-lhes então que Klaas estava com dor de dentes porque tinha um molar podre. (Agata tem sido a dentista da colónia desde que o pai, o anterior dentista, morreu e deixou os seus instrumentos ao cuidado da filha.)

Mariche assente. Sim, diz ela, já sabia isso. Tem andado com um hálito fétido. E abana a mão por baixo do nariz, como que a afastá-lo.

Salome pergunta: Mas isto foi antes ou depois de ele te pôr a cara nesse estado, Mariche?

Mariche faz um gesto com o braço a afastar a questão e indica a Agata que continue, apontando-lhe o dedo amputado.

Agata explica que concordou em arrancar o dente podre a Klaas, mas tinha de o anestesiar primeiro. Ele concordou e, mesmo antes lhe pôr o pano encharcado em éter na cara, ela perguntou-lhe se ele sabia onde estavam os outros dois homens que tinham regressado a Molotschna com ele, Yasch (Anton) e Jacobo.

Klaas disse-lhe que eles se tinham embebedado com *vodka* de visco, e estavam deitados num campo qualquer em pousio, ao pé do estábulo dos potros.

Eu disse ao Klaas que ele e os outros beberam demais, diz Agata. Ficou amuado. E disse que toda a gente fala muito sobre o que ele bebe, mas nunca ninguém fala sobre a sede que ele tem.

Mariche bufa. As vezes que eu já ouvi isto.

Agata pôs Klaas a dormir e começou a tratar do dente. Arrancou-o rapidamente, deixou Klaas inconsciente, e depois subiu

para a carroça dele e guiou-a até à cozinha de verão, onde a carregou com queijos, salsichas, pão, farinha, sal, ovos e água.

Salome pergunta: O pão é do *bracka*?

Agata confirma que sim.

(Nota do tradutor: *Bracka* é o pão seco que se usa para viagens longas. É mergulhado ou demolido em água, para amolecer, e dura muito tempo. E uma segunda nota: Teria Agata reparado que eu e Ona estávamos no telhado do lavadouro?)

Agata voltou a casa, descarregou os mantimentos, escondeu-os no quarto e esperou que Klaas acordasse. Quando ele se preparava para sair, perguntou a Agata porque estavam os seus cavalos encharcados em suor.

Ona interrompe: E ele conseguiu falar logo a seguir a arrancares-lhe o molar?

Conseguiu, diz Agata, fazendo gestos com as mãos juntamente com as palavras.

Agata respondeu que ele devia ter conduzido a parelha com muita pressa, como sempre (Greta murmura: à bruta), para casa dela, que a cirurgia tinha sido rápida, e que os cavalos não tinham sequer tido tempo de recuperar.

Salome interrompe: Bem, agora que já lhe arrancaram o dente, pode ser que fique de melhor humor.

Mariche põe a cabeça de esguelha enquanto fita Salome.

Desculpa, diz Salome. Mas estou a dizer a sério, é uma esperança.

Talvez a Salome tenha razão, diz Greta, tentando apaziguar ambas as mulheres. Pode ser menos agressivo sem a dor no dente. Pode ser que a Salome tenha razão.

Não me importo que a Salome tenha razão, diz Mariche. Só não gosto quando ela *pensa* que tem razão.

Há um consenso entre as mulheres quanto a este ponto. Concordam, olhando umas para as outras, ponderando a diferença significativa entre ter razão e pensar que se tem razão.

Autje quebra o silêncio. Nós — e faz um gesto que abarca a mãe e ela própria — podemos nunca mais ver o meu pai, diz ela.

As outras mulheres permanecem em silêncio, a ponderarem também isto.

Todas as que estamos aqui no palheiro vamos deixar para trás parentes, lembra-a Agata com delicadeza. Maridos, irmãos, pais, irmãs, tias e tios.

Mas não crianças, diz Ona.

Algumas crianças, corrige-a Salome.

Crianças adultas, precisa Ona. Ela, tal como Salome, tem vários irmãos na cidade.

Mas nem todas as crianças adultas, diz Agata.

Isso mesmo, concorda Greta.

Greta tira o lenço a Mariche e acaricia-lhe o cabelo. Mariche inclina-se para o abraço terno da sua mãe.

Vamos falar sobre a nossa tristeza depois de termos conseguido levar a cabo o nosso plano, sugere Agata.

As expressões das mulheres são severas, sombrias, desoladas e tensas, mas assentem em concordância.

Agata lembra às mulheres que conseguiu arranjar uma grande quantidade de comida para a viagem, que vão carregar na carroça mais tarde, à noite. (Agata é viúva. O marido dela, Kurt, morreu há muitos anos — de susto, segundo Peters. Na versão de Peters, Kurt viu o diabo numa clareira para lá da estrada, a oeste do estábulo dos potros, quando estava a atirar aos corvos que lhe andavam a estragar o milho, e caiu morto instantaneamente.

»Na versão de Agata — corroborada por Ona, embora não completamente por Salome nem pelos filhos de Agata, todos eles homens adultos, casados e agora na cidade —, Kurt encostou o revólver de calibre 22 a um lado da cabeça e rebentou com os miolos. A *Narfa* de Ona, dizem os colonos, tinha estado adormecida, a ferver, mas controlada, até que o pai morreu. Depois disso ela entregou-se a uma vida de excentricidade sonhadora, e também aos factos, curiosamente, e ao seu estatuto, que aparentemente lhe é confortável, de pária, de filha do diabo, e de fardo dado por Deus à colónia. Eu defendo que nunca a colónia conheceu uma presença mais leve e menos intrusiva.)

Agata pergunta às mulheres que outros preparativos foram feitos na noite anterior.

As mulheres falam todas imediatamente. Greta não pode deixar de rir. Pede às outras que se calem e deixem ouvir o que Autje e Neitje têm a dizer dos seus feitos.

Autje e Neitje sorriem, animadas mas tímidas, ansiosas para partilhar as suas notícias.

Autje começa a falar, mas pára e geme. O hematoma que tem no rosto dói-lhe ao falar.

Salome chega-se ao pé dela e dá-lhe palmadinhas numa mão.

Ona diz: Oh, Autje, *leibchen*, não fales. A Neitje explica tudo.

Eis um resumo da narração de Neitje: Ontem à noite, depois de Klaas ter ido ter com Agata para arrancar o dente podre, Autje saiu de casa e foi a correr ter com Neitje. (O pai/tio de Neitje, marido de

Salome, está na cidade com os outros homens.) As duas, Autje e Neitje, correram ao celeiro de Greta e, à pressa, em plena escuridão, selaram a *Ruth* e a *Cheryl* e montaram-nas, indo até à colónia de Chortiza. Aí encontraram-se com os irmãos Koop atrás da igreja de Chortiza, ao pé de uma vala aberta, usada para incinerar carcaças de animais, onde os jovens de ambas as colónias costumam passar os tempos livres em conjunto, às quartas-feiras e domingos à tarde.

As raparigas conseguiram convencer os irmãos Koop a abrigarem a *Ruth* e a *Cheryl* durante a noite, no celeiro deles. De manhã cedo, depois de Klaas ter partido para a cidade (zangado, sem a *Ruth* e a *Cheryl*, mas grato por já não ter o dente podre), os irmãos Koop viriam a Molotschna devolver a *Ruth* e a *Cheryl* ao celeiro de Greta. A amada parelha de Greta estaria segura e pronta para partir com as mulheres na sua jornada.

Quando Neitje terminou o relato, a maioria das mulheres sorri, assentindo aprovadamente.

Salome, no entanto, tem o sobrolho franzido. Como conseguiram convencer os irmãos Koop a esconder a *Ruth* e a *Cheryl* no celeiro do pai?, pergunta.

Foi fácil, diz Neitje rapidamente, porque os irmãos Koop gostam de nós. Ela e Autje trocam olhares.

E como é que vocês voltaram para Molotschna, se deixaram a *Ruth* e a *Cheryl* no celeiro dos irmãos Koop?, pergunta Salome.

Eles trouxeram-nos, diz Neitje, com um certo ar de desafio. Viemos nos cavalos deles, atrás, agarradas às cinturas deles.

Vieram agarradas às cinturas deles?, pergunta Salome. Agarradas às cinturas deles?

Neitje confirma, e não desvia o olhar do de Salome.

E o que fizeram vocês aos irmãos Koop, pergunta Salome, em troca de eles esconderem a *Ruth* e a *Cheryl*?

As raparigas ficam caladas.

Então?, pergunta Salome.

Agata repreende Salome. Não é da nossa conta, diz. O que está feito, está feito, a amada parelha de Greta está segura e as raparigas não ficaram mais gastas pelo uso.

Salome insiste. Está zangada com Neitje — e com Autje, presumivelmente. Levanta a voz. Duas éguas velhas não valem que se rebaixem mais uma vez, diz ela.

Neitje murmura qualquer coisa.

Repete isso, por favor, diz Salome. Não te consigo ouvir.

Neitje olha nos olhos a sua mãe/tia. E diz, calmamente: Tu rebaixaste-te muitas vezes por muito menos do que dois bons

cavalos.

Do que estás tu a falar?, Salome exige.

Neitje não responde.

Salome repete a sua exigência.

Neitje não quer falar.

Salome, mais uma vez, exige que Neitje fale.

Neitje abana a cabeça.

Erguendo agora a voz, Salome diz que só fez o que lhe era exigido, a fim de manter a paz, que Neitje não tem nada que criticar o seu comportamento como esposa e mãe, que o seu comportamento, a sua submissão, a sua própria dor, impediu o pai de Neitje de violar a própria filha, que...

Agata levanta a mão.

Por fim, Neitje fala. Ah, diz ela a Salome, devo agradecer-te?

Agata diz, com muita calma: Salome, já chega. Não temos tempo para isto.

Os olhos de Salome são baionetas. Murmura obscenidades, tem os punhos em riste, arranca da frente do vestido o painel retangular de tecido, obrigatório, que é usado para esconder os seios... As raparigas que não são virgens não podem casar-se, diz. Está numa fúria.

Ona puxa suavemente pela manga de Salome, murmurando palavras que não consigo ouvir. (Está a dizer a Salome, creio eu, que as leis de Molotschna não são as mesmas que as leis do mundo, que não importa se as meninas são virgens ou não.)

E o que sabes tu do mundo?, pergunta Salome a Ona.

Nada, responde ela.

Ona conseguiu acalmar Salome. Os rostos de ambas estão a uma polegada de distância, como se Ona estivesse a insuflar doçura e paz na mente irada da sua irmã.

Está bem, diz Salome. Mas agora diz-me, Neitje: vocês as duas contaram aos irmãos Koop o nosso plano para partir?

As jovens negaram com a cabeça.

De certeza?, diz Salome.

As jovens confirmaram com a cabeça. Têm a certeza.

Não somos idiotas, diz Neitje.

Não tenho a certeza, responde Salome, com a voz já a subir, a deixarem que os irmãos Koop se aproveitem de vocês para salvar duas pilecas meio-mortas...

Agata interrompe. Salome, insiste ela, já chega.

Salome cala-se, com a respiração acelerada.

Greta dirige-se às jovens. Estou-vos muito grata, diz ela, por

terem salvado a *Ruth* e a *Cheryl* de serem leiloadas. Estou grata para sempre, mas nunca teria querido que comprometessem a vossa virtude para o fazer.

Mariche interrompe. Oh, mãe, de que virtude estás a falar? (Ela pronuncia a palavra «virtude» como um silvo, um palavrão.) Virtude, um corno!, continua ela. Agora tens os teus cavalos. Todas sabemos que a inocência da Neitje e da Autje lhes foi roubada há anos. Vamos ser modernas. (Isto é inesperado — e interessante. Ser moderno nunca foi uma aspiração na colónia.) E, Salome, tu estás a ser hipócrita e a agir de má fé, se com uma respiração nos empurras para esta «corrida de libertação» dos homens de Molotschna e com a respiração seguinte te finges muito ofendida pelas ações revolucionárias (Não são *revolucionárias*!, protesta Greta) das mulheres mais jovens para promoverem o nosso objetivo de partir. A Neitje e a Autje usaram o que lhes estava à mão para protegerem a *Ruth* e a *Cheryl* de serem leiloadas, diz Mariche. Isto não é a tua catástrofe pessoal.

De que estás a falar?, pergunta Greta.

Mariche ignora-a. Continua a dirigir-se a Salome.

Como achas tu que apareceram os hematomas na minha cara e na da Autje? Pois bem, eu digo-te. Quando o Klaas foi buscar a *Ruth* e a *Cheryl* e descobriu que tinham desaparecido, ficou muito zangado. Exigiu que eu lhe dissesse onde estavam os cavalos. Eu disse-lhe que enquanto ele estava anestesiado, a arrancar o dente, os cavalos tinham fugido do celeiro porque alguém se esquecerá de fechar a porta. O Klaas bateu-me e disse-me que isso era uma mentira ridícula. A *Ruth* e a *Cheryl* nunca fugiriam, disse. São os cavalos mais preguiçosos (Não é verdade!, diz Greta) de Molotschna. E bateu-me outra vez. A Autje tentou intervir e o Klaas deu-lhe uma bofetada.

Portanto, conclui Mariche. E depois? Podemos continuar?

Agata dá uma palmadinha na mão de Salome.

Salome puxa a mão e cruza os braços.

Mariche feriu o orgulho de Salome. E Neitje expôs a sua falsidade. Não tem consolo.

Estamos a perder tempo, implora Greta, a passarmos este fardo, este saco de pedras, de uma para outra, empurrando a nossa dor. Não podemos fazer isto. Não podemos jogar à batata quente com a nossa dor. Vamos absorvê-la nós mesmas, cada uma de nós, diz ela. Vamos inalá-la, vamos digeri-la, vamos transformá-la em combustível. (Esta, devo confessar, é uma tradução muito livre. Estou pressionado pelo tempo e distraído, porque estou a lembrar-

me de como o falecido marido de Greta costumava viajar quase vinte quilômetros rumo ao sul para ir comprar aguardente caseira, ficar muito bêbedo, e depois esperar que alguém o embrulhasse num cobertor e o pusesse na carroça, confiando que os seus cavalos iriam encontrar o caminho de volta a casa, o que sempre fizeram. Então Greta desenrolava o marido do cobertor e punha-o na cama. Percebo melhor o seu profundo amor por *Ruth* e *Cheryl*, e recordo-me de *Frint*, dos seus olhos grandes e longas pestanas, das suas narinas de veludo.)

Agora vem alguém a subir a escada para o palheiro. É Earnest Thiessen! Ele mal consegue andar, quanto mais subir, e vem num grande esforço, a dar estalos com os lábios, a emitir grunhidos.

Ona corre para o ajudar a subir os últimos degraus.

Earnest pergunta-nos o que estamos a fazer aqui, no palheiro dele. São anjos? pergunta. Estão perdidas? Ajudam-me a tomar banho? Está a tentar respirar, mas também tem ataques de riso.

Ona ajuda-o a sentar-se num fardo de palha. O que estão vocês a tramar, suas cabras?, pergunta ele às mulheres (isto num dialeto ainda mais arcaico da nossa linguagem arcaica).

Desde que ficou senil, Earnest Thiessen diz muitos palavrões, e as mulheres não ficaram alarmadas. Já foi um homem educado e reservado, que, depois de trabalhar nos campos durante todo o dia, jogava à apanhada à noite com a sua defunta mulher, Annie, e os filhos, no campo de colza, com lanternas a petróleo para os guiarem nas perseguições.

Agata, também a lutar por respirar, levanta-se e aproxima-se de Earnest (são primos, da mesma idade) e senta-se ao lado dele no fardo.

Oh, Earnest, diz ela, estamos a ficar velhos, não estamos?

Earnest pousa a cabeça no ombro dela e ela acaricia-lhe o cabelo selvagem e todo branco. Ele pergunta se as mulheres são demónios.

Não, diz Agata, somos tuas amigas.

Ele pergunta se as mulheres estão a conspirar para lhe queimarem o celeiro.

Não, Ernie, diz Agata, não há conspiração nenhuma, somos só mulheres a falar.

Ele parece ficar a pensar nisto, então pergunta se Agata o vai ajudar a tomar banho.

Mejal oferece-se para levar Earnest de volta a sua casa e ajudá-lo a lavar-se. Aproveita e vai buscar pão e enchidos à cozinha de verão, dá de comer a Earnest, e traz o resto, bem como café

instantâneo, para as mulheres no palheiro.

Tem cuidado a ver se a água que usas para lavar o Earnest está quente, mas não a esquentar, sim?, pede Agata.

Mejal acena que entendeu, e desce lentamente a escada com Earnest.

Agata está ao cimo da escada, com as mãos nas ancas, a assistir. Há hortelã a crescer ao lado do alpendre da frente da casa, grita ela para ambos. Podes apanhar uns pezinhos e pôr na água do banho. O Earnest adora.

Agata vai para a janela e fica a observar durante muito tempo Mejal e Earnest a afastarem-se, no caminho de volta para casa de Earnest. (Apercebo-me de repente de que está a despedir-se do primo, ao que parece, para sempre.)

Por fim, ela vira-se abruptamente e dirige-se às outras mulheres. Estamos de acordo, pergunta, que vamos embora esta noite depois de escurecer, para não sermos vistas quando passarmos pelas colónias de Chortiza e Hiakjeke?

As mulheres assentem.

Ona pergunta a Agata: Mas, então, e as colónias para lá de Chortiza e Hiakjeke?

Agata franze o sobrolho. Que colónias? pergunta.

É exatamente isso que estou a perguntar, responde Ona. Que colónias?

Bem, diz Agata, não sabemos o que está para além dessas colónias, porque nunca fomos para além delas.

Mariche conclui: Então não sabemos se não seremos vistas a ir embora porque não sabemos quem mais estará lá para nos ver?

Isso mesmo, anui Agata. Mas vamos tentar cobrir a maior distância que pudermos enquanto é escuro e, em seguida, descansar durante o dia, escondidas.

Onde nos esconderemos?, pergunta Greta. Com as nossas caleches e o nosso gado e os nossos filhos pequenos e as nossas galinhas a cacarejarem sem parar e o Grant a recitar números sem parar?

Greta, diz Agata com impaciência, sabes bem que não temos as respostas para essas perguntas. Não podemos saber aonde nos iremos esconder ou quem ou o quê iremos encontrar quando deixarmos Molotschna. Não vamos perder tempo a matutar sobre o desconhecido.

Mas é isso que é pensar, diz Ona. E pensar é uma das coisas que queremos ser livres de fazer. As coisas que já sabemos que existem ou que são verdade não nos obrigam a matutar nelas.

Agata ignora Ona. O que mais temos para a nossa viagem?, pergunta ela.

Bem, diz Ona, temos de levar animais — porcos, vacas e galinhas — para termos comida ao longo do caminho, e, claro, a *Ruth* e a *Cheryl* (E, claro, a *Ruth* e a *Cheryl*!, ecoam as outras mulheres, ironicamente), e as parelhas de tiro das outras mulheres.

Greta acrescenta que também vamos precisar de alimentação para os animais e palha limpa.

Mas a quem pertencem os animais?, pergunta Mariche.

Que diferença faz?, pergunta Salome, com ar zombeteiro. Nós temos de levar animais connosco para sobrevivermos.

Mariche levanta a voz: Então, diz ela a Salome, tu não tens objeções morais a que façamos o que precisamos de fazer para sobreviver, mesmo que signifique roubar?

(Ona e eu trocamos olhares: *Frint.*)

Claro que não, diz Salome, e, além disso, os animais são tanto nossos como dos homens.

Concordo, diz Mariche. Mas então não devias comportar-te como uma hipócrita quando outras mulheres fazem o que sentem que precisam de fazer em certas circunstâncias, a fim de sobreviverem.

Salvar duas éguas velhas de irem a leilão entregando-se a dois subevoluídos (então Salome acredita na evolução?, pergunto-me) como os irmãos Koop não é uma questão de sobrevivência, diz Salome acaloradamente. Enquanto ter animais à mão quando estás a embarcar numa viagem longa e imprevisível para um destino desconhecido é, definitivamente, uma questão de sobrevivência. Já ouviste falar de Noé e da sua arca?

E tu já ouviste falar de Maria Madalena e do seu amigo Jesus?, retorquiu Mariche.

Agora, Agata está uma vez mais a tentar, com muito esforço, pôr-se de pé. Destaca muito bem cada palavra, com autêntico veneno na voz.

Agora. Já. Chega! Mulheres! Vocês não sabem que planeamos fugir esta noite? Que somos um grande grupo, que a logística é complicada, as possibilidades inúmeras e o tempo fugaz?! Pelo amor de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo e Salvador, calem-me essas matracas, por favor!

Ona murmura: Não estamos *a fugir*, não somos ratos a fugir de um celeiro em chamas, tomámos a decisão de partir e...

Agata dá um murro na mesa. A sua outra mão está sobre o coração. Deixa-se cair sobre o balde/banco e não fala mais.

Ona corre para a mãe. Desculpa, diz ela. Prometo que vou ficar calada. Ela tira o lenço da cabeça, mergulha-o no barril da água e coloca-o sobre a testa de Agata. (O cabelo de Ona derrama-se numa cascata — esta imagem vem da minha memória das leituras da biblioteca da prisão, peço desculpa — sobre o seu rosto e ombros.)

As outras mulheres agrupam-se em torno de Agata. Ela sorri, de olhos muito abertos, acena com a cabeça, concentra-se na respiração.

Todos nós — as mulheres e eu — aguardamos.

(Nota do tradutor: Não há medicamentos para Agata na colónia, a não ser éter e o pulverizador veterinário de beladona, usado para anestesiá-las vacas e cavalos — o mesmo pulverizador que os agressores usaram nas meninas e mulheres de Molotschna.)

Greta reza.

Salome e Ona seguram cada uma numa das mãos de Agata e sincronizam a respiração. Mariche e as jovens estão em silêncio, a olhar.

Agata já tem fôlego suficiente para falar. *Yoma leid exhai*, diz ela. (Isto é intraduzível.)

As mulheres riem-se, aliviadas.

Onde estávamos?, pergunta ela.

As mulheres parecem agora receosas de falar.

Levanto a mão.

Por favor, diz Agata, fala lá.

Eu explico que, desde que a nossa reunião terminou ontem, consegui obter o cofre da cooperativa, um bastão de dinamite e um mapa do mundo. (Depois de deixar Ona no telhado do lavadouro, ontem à noite, senti-me empolgado, corajoso, por razões que tinham a ver com o não dormir, mais a pura alegria, a doce memória da nossa conversa, a nossa proximidade, vivas dentro de mim.) E um sextante, acrescento. No entanto, não tenho a certeza se este vai ser útil.

Um sextante!, diz Ona. Sorri. Para medir os ângulos?

Encolhi os ombros.

As mulheres, além de Salome, parecem espantadas. Olham para mim.

Os braços da Greta erguem-se acima da cabeça. Ámen, diz ela.

Mariche pergunta: O que queres tu dizer, quando dizes que tens dinamite?

É para explodir o cofre, diz Salome. Para tirar o nosso dinheiro.

Ona pergunta o que vai acontecer quando os homens voltarem e virem que o cofre desapareceu.

Podemos culpar os irmãos Koop, diz Salome.

As outras ignoram-na.

Talvez possamos deixar um dízimo de dez por cento do dinheiro para a igreja, aventa Autje.

Salome bufa.

Era uma sugestão séria, diz Autje.

Onde encontre a dinamite?, pergunta Mariche. Olha para mim pelas fendas dos olhos inchados, no tecido mole do rosto macerado.

Explico que é usada pelos homens da colônia para enxotarem os caimões da lagoa norte. Eu envolvi-a em pele de porco, como uma salsicha, digo às mulheres, para não ser detetada.

Mas a dinamite não vai rebentar também com o dinheiro que está dentro do cofre?, pergunta Mariche.

Admito que não tinha pensado nisso. Pode ser mais fácil encontrar alguém que decifre o código da fechadura.

Sim, diz Salome, mas quem? Lembra-te que nós vamos andar escondidas pelos campos, não vamos andar a passear numa cidade onde haja lojas de descodificação de fechaduras alinhadas nas ruas.

Esse é um bom argumento, diz Agata. Não imagino que vamos encontrar um indivíduo a anunciar os seus serviços de descodificador de cofres numa estrada desolada de terra batida.

É verdade, diz Greta. Seria um homem de negócios muito malsucedido, se fosse esse o caso.

Embora, acrescenta Ona, não fosse necessariamente um descodificador malsucedido.

Certo, diz Agata. Continuemos. Sorri, move o tronco para trás e para a frente. Diz: Sabemos que a cidade fica aproximadamente a sete horas a sul daqui, indo numa carroça aparelhada e a trote rápido. Leva mais tempo na primavera, com a inundação da ravina.

Sabemos?, pergunta Ona.

Isto é o que dizem normalmente os homens que têm conhecimento dessa viagem, explica Agata. (Salome murmura: Oh, sim, têm cá um conhecimento...) Mas, continua Agata, nós não vamos para a cidade.

Ah, sim, concorda Greta, para a cidade é que nós não vamos! E obsequia as mulheres com uma história espontânea da cidade sobre uma sanita com autoclismo (presumo que Greta tenha, surpreendentemente, ido à cidade pelo menos uma vez na vida, embora não saiba em que circunstâncias): conta como empurrou o manípulo para baixo e, com o estrondo e o remoinho que fez, deu um pulo para longe da sanita como se fosse uma granada a que

tivesse acabado de puxar a cavilha.

Greta, pergunta Agata, porque estás tu a empatar?

Não sei, admite Greta. Mas corrige a resposta: Estou nervosa.

Estamos todas nervosas, diz Agata. Não podemos evitar o nervosismo.

(Olho para Ona, que está a esconder de novo o cabelo no lenço. Tem um gancho de cabelo preto a sair-lhe do canto da boca. Reparo que tem a parte de baixo do braço, quando o leva ao cabelo, muito suave e branca, como a quilha de uma canoa nova.)

Agata continua: Vamos querer encontrar água pelo caminho, e talvez alguma terra de pastagem para os nossos animais, e vamos querer atravessar fronteiras.

Mas quais?, pergunta Mariche.

As mulheres ficam em silêncio.

Tomo de novo a palavra: Eu enrolei o mapa em volta de um grande queijo e embrulhei tudo em papel pardo normal. O cofre está na traseira da carroça da Greta, debaixo do banco de trás, pronto para ir. Também embalei umas quantas cebolas e sabão, e pedaços de madeira que podem servir de cunhas, se as rodas ficarem atoladas na lama, ou para acender o lume. (Olho para Ona. Ela está satisfeita comigo, parece-me.)

E a dinamite e o mapa?, pergunta Ona. Esse estranho enchido e o queijo?

Também estão na carroça da Greta. Na caixa dos chapéus, à frente.

A *Ruth* e a *Cheryl* já foram trazidas de volta ao celeiro da Greta?, pergunta Agata.

Já, confirma Neitje, recebemo-las esta manhã das mãos dos Koop...

Ótimo, sim, sim, interrompe Agata. Não vamos voltar a esse assunto.

Ona expressa preocupação por eu me ir meter em problemas, já que serei considerado cúmplice delas. O Klaas sabe que estiveste com as mulheres, no sótão, e disseste que estavas a aprender a costurar, diz ela. Quando virem que desapareceram as mulheres e o cofre, o August será culpado. Quem mais poderia saber onde estava a chave? Nenhuma das mulheres, de certeza. O August vai ser julgado como cabecilha. Como podemos ter a certeza de que o August não será considerado culpado e punido pelo Peters? Ou excomungado?

Mas o mapa, diz Salome, mudando de assunto, para meu alívio. Nós não sabemos lê-lo.

Neitje pergunta à mãe se não sabe.

Não sei o quê?, responde Salome.

Norte. Este. Oeste. Sul, diz Neitje.

Agata sorri e acena, aprovando, movendo mais uma vez o tronco para a esquerda e para a direita. As outras franzem os lábios e abanam as cabeças.

Atrevo-me a falar mais uma vez. Digo às mulheres que fiz uma legenda.

As mulheres sorriem educadamente, à espera de uma explicação.

Para o mapa, digo eu. Explico que desenhei asteriscos no mapa que correspondem a imagens na legenda.

Há um silêncio.

Fiz desenhos, repito, estupidamente.

Como Miguel Ângelo, diz Ona, com um meio-sorriso para mim.

Sabem os números?, pergunto eu às mulheres. Sinto-me profundamente envergonhado por lhes estar a perguntar isto.

Sabemos, diz Greta. Claro que sim.

Sabemos?, pergunta Mariche.

As raparigas sabem, acrescenta Greta.

Autje e Neitje confirmam com a cabeça.

Agata explica: August, nós só sabemos escrever os nossos nomes. É tudo. E demoro mais tempo a escrever o meu nome do que a semear um campo de colza.

Greta ri. E a fazer a colheita no outono seguinte, diz ela.

Mariche diz que não sabe escrever o nome dela, esteve sempre demasiado ocupada para aprender.

Eu depois ajudo-te, oferece Ona. Quando tivermos mais tempo.

Mariche faz uma pausa, considera a oferta e depois inclina a cabeça de forma régia.

Aceito, diz ela.

Então, o que mostram os desenhos?, pergunta-me Ona.

Rios, estradas grandes e pequenas, cidades e vilas, fronteiras, linhas de comboio, digo eu. É apenas um mapa desta parte do mundo, desta esfera celestial.

É um mapa dos céus?, pergunta Mariche.

É um mapa das Américas, respondo-lhe.

E Mariche, com desdém: Então porque lhe chamas «esfera celestial»?

Ona pergunta-me: Que direção achas que devemos tomar?

Antes que eu possa responder, há uma agitação vinda da escada.

Mejal regressou com a comida, mas está alterada. Conta que ouviu dizer que há um incêndio a norte da colônia e que os homens que estão na cidade regressarão mais cedo para virem salvar os seus animais.

Partimos do princípio de que isso nos inclui?, pergunta Ona.

A isto, as mulheres mais velhas soltam uma gargalhada estrondosa, mas breve. Agata pára, a recuperar o fôlego.

Vamos lá, então, diz Mariche. Temos de ir. Levanta-se abruptamente.

As outras começam também a levantar-se dos baldes.

Mas íamos embora quando escurecesse, protesta Greta.

Não podemos esperar, diz Mariche. Vira-se para Mejal. Quem te falou do incêndio?

Mejal está relutante em dizer quem foi.

Foram os irmãos Koop?, pergunta Autje.

Mejal assente.

E o que estão os irmãos Koop a fazer em Molotschna?, pergunta Salome.

Mejal encolhe os ombros.

Não acredito no que eles estão a dizer acerca do incêndio, diz Salome. Para mim, estão a fazer *bluff* porque sabem que alguma coisa se passa e nos querem forçar a mão, fazer-nos avançar, sair cedo e sermos apanhadas. Eles querem ser heróis, diz ela. Querem ser reis. Sentem algum cheiro a fumo? O céu está escuro? Os animais estão inquietos? As moscas estão paradas? Os pássaros estão a fazer algazarra? As alergias da Mejal deram sinal? Não, responde ela às suas próprias perguntas. A resposta é não a tudo isto. Não há fogo.

Mariche vira-se para Autje. Tu e a Neitje sabiam que os Koop estavam em Molotschna?, pergunta.

Autje e Neitje não respondem. Desviam o olhar, assustadas.

Não me digas que lhes disseram que nós estávamos a planear sair, diz Salome. Mas o que é que têm na cabeça?!

Autje começa a chorar.

Foi um erro, diz Neitje. Os irmãos Koop deram-nos *vodka* de visco, e estávamos animadas. Sentimo-nos tão corajosas. Lamentamos muito. Muito mesmo.

Autje, entre lágrimas, diz: É impossível os Koop irem fazer queixa de nós. Não têm forma de chegar a tempo à cidade para falar com os homens, se a viagem demora sete horas em cada sentido em trote rápido.

Ouvi dizer que alguns homens de Chortiza têm telefones em

seu poder, afirma Mejal.

Mas os irmãos Koop não têm, diz Neitje. Se tivessem, tinham-nos mostrado.

Pigarreio. Mesmo que os irmãos Koop tivessem telefones, digo, aqui não há sinal. Tinham de ir ao topo do monte Zweibach para conseguirem sinal.

De que estás tu a falar, August?, pergunta Agata. Que tipo de sinal?

Antes de eu responder, Mejal salienta que isto não é um problema, porque de qualquer forma os homens de Molotschna não têm telefones para receberem a chamada.

Levanto a mão outra vez e digo: O Peters tem.

O quê? Não!, diz Greta.

O Peters tem um telemóvel há anos, explico eu. Usa-o para jogar enquanto os outros homens estão a trabalhar no campo.

Mas, ainda assim, diz Agata, dizes tu que os irmãos Koop, se tivessem um telefone, teriam de trepar ao monte Zweibach?

Ona está agarrada à barriga, pálida.

Greta reza. Agata pensa.

Neitje levanta a voz, insiste: Eles não têm telefones! Se tivessem, tinham-se gabado disso!

As mulheres assentem, confiando neste raciocínio.

Agata diz: Então, os Koop estão à espera de que nós façamos o nosso movimento e, em seguida, vão a toda a brida para a cidade, informar os homens de que partimos, ou então vão impedir-nos de sair. Ao alegar que há um incêndio para o norte de Molotschna, pensam que nos vão fazer ir para o sul, em direção à cidade onde os homens estão — uma armadilha.

Bem, diz Ona, isso iria selar o nosso destino.

Obviamente, vamos ignorar este disparate do fogo, diz Mariche. Os animais dir-nos-iam, se isso fosse verdade. Vamos dirigir-nos para norte, para longe dos homens.

Mas os irmãos Koop podem impedir-nos de partir, diz Greta.

É impossível, diz Salome. Como podem aqueles dois badamecos desmiolados impedir todas as mulheres de sair?

Têm armas, diz Mejal. Têm os chicotes dos cavalos.

Bem, nós também temos, diz Salome.

Não, diz Agata, não temos coisa nenhuma. Nem armas, nem chicotes. Bem, temos os chicotes das caleches, mas não estamos prontas a começar a chicotear pessoas.

Greta confirma que nunca chicoteou a *Ruth* nem a *Cheryl*, e são cavalos.

Agata olha para ela de sobrolho franzido, farta. Se não fosse pela segurança da *Ruth* e da *Cheryl*, Autje e Neitje não teriam concordado em humilhar-se frente aos irmãos Koop, e os irmãos Koop não teriam dado *vodka* de visco a Autje e a Neitje, e elas não teriam deixado escapar, por estarem embriagadas, que as mulheres planeavam sair de Molotschna.

Salome diz que consegue arranjar umas armas. Ou, ainda melhor, diz que August pode arranjar-nos umas armas. Afinal de contas, conseguiu obter dinamite. Podes?, pergunta-me.

Estou com a língua atada. Coço a cabeça furiosamente, arranco cabelo.

Não, diz Agata mais uma vez. Não teremos armas nem chicotes.

Há outra coisa que me preocupa, diz Mariche. Os Koop podem reunir os homens de Chortiza e Hiakjeke para os ajudarem a impedir-nos de sair.

Greta goza com isto. Os homens de Chortiza e Hiakjeke, diz ela, não estão interessados nas mulheres de Molotschna, apenas nas deles. Considerariam uma vitória sobre os homens de Molotschna se nós partíssemos. Iriam vangloriar-se durante gerações.

As mulheres assentem em unísono, solenemente.

Antes de mais, porque estão os Koop de Chortiza tão interessados em impedir as mulheres de Molotschna de sair?, pergunta Salome. Que diferença lhes faz? Ela dirige o olhar para Neitje e Autje.

Neitje diz: Porque querem casar-se connosco.

Salome levanta-se do balde. Não te vais casar com um Koop, nem com outro qualquer de Chortiza, ponto final, diz ela a Neitje.

Autje responde, na defensiva: Os rapazes e as raparigas de Chortiza foram proibidos de se casarem entre eles durante cinco anos, para evitar bebés deformados. Então os rapazes de Chortiza vêm a Molotschna e a Hiakjeke à procura de esposas. Foi isto o que os irmãos Koop nos disseram.

Caso-me com quem eu quiser, diz Neitje.

As narinas de Salome dilatam-se. Então, diz ela, afinal os homens de Chortiza e de Hiakjeke estão interessados nas mulheres de Molotschna. Não podemos deixar que nos vejam partir. A cidade fica a sul de Molotschna. Chortiza fica a oeste e Hiakjeke fica a leste. Vamos para norte.

Nettie/Melvin subiu a escada e está agora no palheiro. Está calada, em frente às mulheres. Agata implora-lhe que fale, para nos

dar notícias do que se passa lá em baixo.

Nettie olha para a janela e fala: Os pequenitos (usa a palavra *kjinja*) estão prontos. Estão limpos. As mudas de roupa deles estão acondicionadas em barris. A roupa de cama está em barris. As botas estão em barris. Os chapéus estão em caixas. E já comeram.

Obrigada, Melvin, diz Agata. Melvin sorri, pela primeira vez desde há uma eternidade, a este primeiro tratamento pelo seu novo nome. Sorri para a janela aberta, numa comunhão silenciosa com a luz do Sol de Molotschna, que agora é sua.

Greta pergunta a Melvin se Cornelius também está pronto e se a sua cadeira de rodas também já está na carroça. O Cornelius afinal não vem connosco, responde Melvin à janela. A mãe dele pertence ao campo do Não Fazer Nada, e o Cornelius não tem escolha, tem de ficar com ela.

Autje e Neitje franzem a testa e lamentam-se. Toda a juventude de Molotschna, e as raparigas em particular, adora Cornelius, com as suas piadas, as suas palhaçadas e a sua criatividade. O Cornelius e a mãe dele ainda podem mudar de ideias, tranquiliza-as Agata. Talvez se juntem a nós mais adiante.

Não, diz Mariche. Isso não é assim, não vai ser possível. Quando os homens voltarem, nenhuma mulher poderá sair.

Ela volta-se para Autje e Neitje. Hão de ver o Cornelius no céu, um dia, diz ela, e então ele vai ser capaz de andar. Vai correr para os vossos braços.

As jovens assentem, meio desconsoladas. (Suponho que ter Cornelius nos braços não é será exatamente o que elas desejavam.)

Agata coloca as mãos sobre a mesa, para se apoiar. Melvin, pergunta ela, tu também estás pronto para a viagem?

Melvin não responde. As mulheres esperam.

Não, diz Melvin finalmente. Não estou preparado.

As mulheres têm exclamações de alarme, e algumas parecem prestes a falar.

Depois Melvin diz: Mas vou convosco.

As mulheres sorriem e suspiram de alívio. Greta diz: Sim, quem de nós pode dizer que está pronta, afinal?

Posso eu, diz Salome.

Melvin, diz Agata. Por favor, volta para ao pé das crianças e leva-as para o campo em pousio ao lado da escola. Diz a Melvin que distraia as crianças com um jogo qualquer, talvez a barra do lenço, e que fique atento ao caminho das vacas que corre ao longo desse campo. Será aí que as outras mulheres os irão apanhar, à saída de Molotschna. Teremos pelo menos dez caleches e dez parelhas, diz

Agata.

Incluindo a *Ruth* e a *Cheryl*, acrescenta Greta.

Raios partam, mãe, por favor!, explode Mariche. (Ona e eu trocamos um olhar impercetível. Imagino que esteja tão assustada como eu com esta explosão. Mas Greta limita-se a fechar os olhos por um instante e a afundar o queixo.)

As mais fortes entre nós, continua Agata, caminharão ao lado das caleches com os restantes animais, incluindo os potros, que servirão como mulas de carga, e com as crianças, se elas estiverem inquietas e preferirem ir a saltar à frente. Ona sorri a esta imagem, repete as palavras: a saltar à frente.

Melvin concorda com um aceno. Em seguida, diz a Salome: O Aaron, o teu filho, desapareceu.

Salome olha para Melvin, depois para as outras mulheres. Põe-se de pé. O quê?, diz ela. Como assim?

Ele não veio almoçar à cozinha de verão com as outras crianças, diz Melvin.

Mas isso não significa que esteja desaparecido, diz Salome, enquanto se dirige para a janela. Pedi ao Aaron para preparar os animais, diz-nos ela, para dar água aos cavalos, para tirar os abrolhos dos cobrejões e lhes limpar os cascos. Deve estar num estábulo, diz ela. Não está desaparecido.

Melvin fala com a janela.

Não consigo ouvir o que ela está a dizer.

Salome agarra num braço de Melvin. Fala para mim, insiste. Não fales para a janela. Por favor. Não te vou magoar. Não sou tua inimiga!

Mas Melvin tem medo de Salome e afasta-se.

Tens de te acalmar, diz Agata a Salome. Volta-se para Melvin. Não tenhas medo, diz ela. Havemos de encontrar o Aaron.

Mas vamos partir já daqui a pouco, diz Salome. Eu não vou sem ele.

Como se não pudesse evitar dizê-lo, Mariche faz notar que ainda há pouco Salome insistia que estava pronta para ir.

Estamos todas a deixar pessoas para trás, diz Mariche. É triste, é difícil, porque terá a Salome um estatuto especial que lhe permita fazer birra por causa disso?

Salome está a descer a escada.

Melvin volta a sussurrar para a janela. Algumas crianças disseram-me que o Aaron não queria ir, diz, que se sentia estúpido por ir com as crianças pequenas e as mulheres.

Salome chegou ao fundo da escada, aterrou no chão do celeiro.

Saltou de um degrau médio. Ouvimos o barulho.

Salome, chama Agata. Anda cá!

Ona grita para Salome ouvir. Vamos encontrar o Aaron, diz. Ele vem connosco, de certeza.

Melvin ainda está à janela, a falar. Diz-nos que Salome agora vai a correr, com as saias em alvoroço, vai curvada, contra o vento, a levantar pó.

Temos de manter a calma, apela Agata às mulheres. A Salome vai voltar, diz ela. Vai encontrar o Aaron e convencê-lo a vir. Melvin, vai agora ter com as outras crianças e leva-as para o campo, para irem brincar.

E se ela não convencer o Aaron?, pergunta Ona. Ela não vem connosco se ele também não vier. O que vai ser da Miep?

Agata acena. Temos problemas, admite. Deixa-me pensar.

Ona diz: Talvez a Salome me deixe levar a Miep, ser sua tutora temporária.

As palavras que escrevo na página começam a ficar ilegíveis.

As mulheres falam muito depressa e não consigo acompanhar. Estão a fazer planos. As listas, para nós, são inúteis, diz-me Agata, mas ainda assim preciso de manter o ritmo e fazer tantas listas quantas consiga, pois os rapazes mais velhos — como o Aaron, por exemplo, se o encontrarmos, e se vier com as mulheres — poderão lê-las às mulheres.

Listas de quê?, pergunto a Agata.

De coisas boas, diz ela, de recordações, de planos. Tudo o que sintas que pode ir para uma lista boa, escreve aí, por favor. Ela ri-se. (Noto que, por baixo do riso, a respiração dela é entrecortada, pesada.)

Obrigada pelos teus esforços, August, diz ela. O John e a Monica (estes são os nomes dos meus pais, há muitos anos excomungados, falecidos, desaparecidos. São histórias compridas, mas familiares aos de Molotschna) estariam muito orgulhosos de ti. Deus te abençoe.

As lágrimas escorrem-me pela cara. Sim, eu faço uma lista.

As mulheres erguem-se, prontas para sair do palheiro.

A respiração de Agata é ruidosa, e Ona olha para ela com preocupação. Mãe, diz, esta vai ser uma viagem difícil, perigosa.

Agata ri-se. Sei muito bem, diz ela.

Este é o dia da vitória do Senhor, acrescenta. Cantemos e alegremo-nos nele⁶!

Depois, dirigindo-se a Ona, diz em voz baixa: Não quero ser enterrada em Molotschna. Ajuda-me a subir para uma carroça, que

quero morrer no caminho.

Ona ri-se, mas os olhos dela enchem-se de lágrimas.

Mal consigo escrever.

As mulheres entreajudam-se a descer a escada, numa cadeia.

E o August?, diz Ona. (Nota: Estas são as últimas palavras que a ouço pronunciar.) Sorrio, gaguejo, aceno. Sou ridículo.

Agata é a última a descer. Levanto-me. Agata vira-se para mim e sorri. August, diz ela, não te queres casar com a minha Ona?

Devolvo o sorriso a Agata. Nunca desejei outra coisa, digo-lhe. Pedi-lhe muitas vezes que se casasse comigo, ao longo dos anos.

E ela disse sempre que não?, pergunta Agata.

Eu volto a sorrir e digo em voz alta, para Ona ouvir: Um último facto para ti, Ona.... Vou amar-te para sempre!

Ouçó Ona rir, mas já não consigo vê-la. Ela está de partida.

Agata está a descer, já quase ao fundo da escada.

E ela também te ama, August, diz Agata. Recupera o fôlego. Ela ama toda a gente.

Como vou viver sem estas mulheres?

O meu coração vai parar.

Vou tentar ensinar aos rapazes quem era Ona. Ela será a minha Estrela Polar, o meu Cruzeiro do Sul, o meu Norte e o meu Sul, o meu Este e o meu Oeste, a minha novidade, a minha direção, o meu mapa e os meus explosivos, a minha espingarda. Escreverei o nome de Ona a abrir o sumário de cada lição. Imagino escolas em todas as colónias menonitas de todo o mundo, quando o Sol se começa a pôr, fugindo para ir partilhar o seu calor e a sua luz com outras partes do mundo, e tudo pertence a todos, e é a hora de cumprir as tarefas e jantar e rezar e ir dormir, com as crianças a implorarem ao seu professor só mais uma das histórias de Ona, que começou como filha do diabo e se tornou a criança diletta de Deus. A alma de Molotschna.

«E as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela.»

Quando os anciãos e bispos das colónias menonitas pregarem a história de Saulo e a sua conversão, vão ao mesmo tempo repetir e invocar e recitar a história de Ona, com o seu cabelo despenteado e a bainha da saia enxovalhada e o riso fácil e o amor aos factos (as libélulas têm seis pernas mas não conseguem andar!) que, para ela, e talvez para todos os de Molotschna, são como sonhos, quando é o sonho de um homem que se torna para nós a verdade, quando a visão febril de Menno Simons é a palavra, quando a interpretação

irada de Peters é o nosso caminho estreito e os factos estão no mundo, o mundo a que não pertencemos, ou não podemos pertencer, ou talvez pertençamos, mas nos são ocultados, e os factos reais assumem uma importância mítica, reverencial, são dádivas, *samizdat*, moeda de troca, são a Eucaristia, o sangue, o proibido, e imagine-se: um feto pode ajudar a sarar o coração doente da sua mãe, ou qualquer outro órgão, até o cérebro, enviando células estaminais para esse órgão; e ouçam isto: veio a verificar-se que os corações de duas mulheres que sofriam de uma debilidade cardíaca continham células derivadas dos fetos masculinos, anos depois de terem dado à luz os seus filhos... e desta forma eu invoco o amor de Ona pela precisão, mas também por rios misteriosos e jogos secretos, e o seu abraço e a sua bondade, e o seu filho por nascer e o desagravo e sonhos perturbantes, e o seu amor pelo mito, pela loucura, por saltar adiante, pela escuta e pela solidão e os punhos erguidos às constelações, os telhados e lavadouros e olhos brilhantes, olhos que brilham à medida que a história avança e a crueldade se torna uma chama débil, e depois se extingue.

Agata estica um braço e toca-me num joelho. Estou numa posição elevada sobre ela, e dobro-me para lhe tocar no ombro. Ela vai descendo, dá-me a mão. Lembro-a de que deve segurar-se à escada com ambas as mãos.

Ela pede-me para ficar no palheiro e esperar por Salome, que voltará aqui em busca das mulheres.

Diz-lhe, pede-me Agata, que estamos reunidas detrás da escola.

E o Aaron?, pergunto.

Não há resposta. As mulheres deixaram o palheiro.

A lista, tal como Agata pediu:

Sol.

Estrelas.

Baldes.

Parto.

A colheita.

Números.

Sons.

Janela.

Palha.

Frint.

Vigas.

Futilidade.

A minha mãe.

O meu pai.

Linguagem.

Tecido mole. (A sua resiliência e capacidade de se renovar, mesmo enquanto protege o tecido duro, o endosqueleto rígido do corpo humano. Uma colónia. Muitas vezes definido pelo que não é. Ouço a voz de Mariche, zombeteira: Porque é que falas dessa maneira, August?)

Um sonho. (Sobre pequenas casas construídas com pedras, facilmente desmanteladas durante a noite e levadas em carretas para serem reconstruídas noutros lugares, e depois novamente desmanteladas, e em cada desmantelar a substância calcária da pedra corrói-se um pouco mais, até que a casa é tão pequena que já não é uma casa. No meu sonho, Ona foi posta ao comando destas casas e parecia estar sempre envolvida num debate público sobre se as casas deviam ser restauradas, preservadas ou deixadas esboroar em pó, como é da sua natureza. Se as casas são feitas para serem desmontadas, impermanentes, e se por as desmontarmos uma e outra vez elas se vão erodindo até ficarem em pó, não deveremos deixá-las? É para isso que foram feitas. Se não queremos que as nossas casas desapareçam, então devemos, em primeiro lugar, construí-las de outra maneira. Mas não podemos certamente preservar casas que foram construídas para desaparecer. Algumas

pessoas que assistiam a este debate público, no meu sonho, discordavam de Ona. Diziam: Mas é uma questão de herança, ou de património, um artefacto e uma recordação física do que outrora foram. E Ona dizia, no meu sonho, a sorrir: Ah, mas isso é outra coisa!)

Moscas.

Estrume.

Vento.

Mulheres.

A minha lista vai listando, apática. A origem: *liste*, do inglês médio, que significa «desejo». Que é também a origem da palavra *listen*, «escutar».

Mas agora ouço vozes e um clamor na escada.

As jovens, Autje e Neitje, aparecem no palheiro. Ficam surpreendidas por me verem. Esconde-te, depressa, dizem.

6 Salmos, 118:24. (*N. da T.*)

7 DE JUNHO

August Epp, Após a Reunião

Enquanto me escondia num fardo de palha:

Os irmãos Koop subiram ao palheiro. Com vozes baixas, masculinas, nervosas, surpreendidas. Autje e Neitje falaram com os rapazes em sussurros, rindo, respirando fundo. Não ouvia bem de dentro do fardo, tinha palha nos ouvidos. Os rapazes e as raparigas deitaram-se uns com os outros num canto do palheiro, em frente ao sítio onde me escondi, sob as vigas mais baixas. Beijaram-se. As raparigas riram. Murmuraram. Disseram aos rapazes que fechassem os olhos. Depois houve um silêncio. Não conseguia ouvir nada. Não conseguia ver. De seguida, ouvi uma voz familiar. Era Salome.

Ouvi passos a virem na minha direção. Afastaram-me a palha do rosto. Vi Salome!

Disse-me para sair do fardo.

Saí dali de gatas, com medo do que iria ver.

Autje e Neitje estavam de pé, ao lado de Salome, a observar-me. Tiravam palhas do cabelo, que estava solto, despenteado. Tinham os lenços amarrados à volta dos pulsos, com estilo, a dar com as meias brancas enroladas nos tornozelos.

Atrás delas estavam os irmãos Koop, a dormir ou mortos, sem se mexerem.

Olhei para Salome à espera de uma resposta.

Ela disse-me que os tinha posto inconscientes com o pulverizador de beladona. Explicou-me que tinha dito às raparigas para atraírem os irmãos Koop ao palheiro com promessas de intimidade, e que fizessem um barulho considerável, para ela poder entrar sem ser detetada. Explicou-me que agora os irmãos Koop não poderiam ir à cidade avisar da partida das mulheres.

Disse então às raparigas para irem para as caleches, que aguardavam detrás da escola. Estava na hora de irem embora.

As raparigas acenaram-me uma despedida, timidamente. Adeus, Sr. Epp, disseram, por cima do ombro. Desceram a escada, depois correram, rindo-se, exuberantes, para longe do celeiro, para longe de Molotschna.

Mas onde está o Aaron?, perguntei a Salome.

Ela disse-me que o tinha encontrado, que já estava na carroça,

à espera.

Convenceste-o a ir?, perguntei-lhe.

Não, disse-me ela, não convenci. Também o borrifei.

Arregalei os olhos. Ia começar a falar.

Tive de o fazer, atalhou Salome, ele não pode ficar aqui. É como se tivesse pegado numa criança que estivesse a dormir à noite numa casa em chamas e a levasse dali.

É?, perguntei-lhe. Então e se ele mudar de ideias?

Salome abanou a cabeça. Será tarde demais, já estaremos longe. Ele vem comigo. É meu filho.

Assenti. Ela disse-me que também tinha borrifado Janz da Cara Cortada.

Teve de ser, disse-me outra vez. Ela estava a planear ir à cidade para contar aos homens.

Mas será que ela sabe como chegar lá?, perguntei.

Não, disse Salome, claro que não.

Então foi uma ameaça vã, disse eu. Não havia necessidade de a borrifares.

Mas estava com medo, confessou Salome, a nossa guerreira, a nossa capitã.

Tive vontade de lhe dizer que se Aaron fugisse de junto delas para voltar a Molotschna, eu olharia por ele. Caminharia ao lado dele, como nos ensinaram a dizer.

Mas Salome estava de partida. Pediu-me, em vez disso, para manter debaixo de olho os irmãos Koop, para ter a certeza de que ficariam inconscientes durante sete ou oito horas, tempo suficiente para as mulheres fugirem de Molotschna. Entregou-me o pulverizador que continha o preparado de beladona.

Borriфа-os outra vez, se acordarem demasiado cedo, disse. Mas não deixes que os anciãos vejam isso na tua posse. Riu-se.

Onde o encontraste?, perguntei-lhe.

Ela disse-me que tinha estado sempre guardado na vacaria de Peters.

Na vacaria do Peters?!, perguntei-lhe. (É para o bem ou para o mal que Peters é o guardião do pulverizador de beladona?)

Salome tinha virado as costas e ia em direção à escada.

Adeus, August, disse ela.

Pedi-lhe que esperasse. Fui ter com ela. Pus-lhe a mão na parte carnuda do braço, acima do cotovelo. Ela nem pestanejou. Fitou-me nos olhos.

Por favor, cuida da Ona e do bebé dela, pedi-lhe.

Salome acenou, prometeu que o faria. Ona era sua irmã, do seu

sangue, e o bebê também.

Começou a descer. Temos mesmo de nos apressar, disse-me.

Mas não estão a fugir. Não são ratos a correr de um prédio em chamas. Ela voltou a rir-se.

É verdade, disse ela. Escolhemos partir.

Mas o Aaron não, apeteceu-me dizer-lhe. Salome, chamei.

O que é agora, August? Não reparaste como estou determinada a ir embora? Ela riu-se.

Não voltes. Nunca mais voltem, nenhuma de vocês.

Ela riu-se de novo. Assentiu e disse-me que ia sentir a minha falta, que eu era um bom professor, e que tinha palha no cabelo.

Ah, sim! Espera!, pedi-lhe.

August!, disse ela, exasperada.

Corri para a mesa, a tábua de contraplacado, peguei nos meus cadernos, nas atas, e corri de volta para a escada. Por favor, dá isto à Ona.

Mas sabes que ela não sabe ler, disse Salome. O que vai fazer com eles? Usá-los como acendalhas?

O filho dela há de lê-los. Diz-lhe que os guarde, que não os use como acendalhas.

Salome riu mais uma vez. Não me tinha apercebido do muito que ela se ria, como a sua mãe, como todas as mulheres de Molotschna. Poupano o fôlego para as gargalhadas.

A não ser que não tenhamos mais nada para acender o lume, disse ela.

Sim, concordei, a não ser que seja esse o caso. E pensei: para acendalhas, para o calor, as atas dariam vida às mulheres como as mulheres me tinham dado vida a mim. As palavras eram inúteis, um documento. A vida era a única coisa válida. Migração, movimento, liberdade. Queremos proteger os nossos filhos e queremos pensar. Queremos manter a nossa fé. Queremos o mundo. Será que queremos o mundo? Se estou fora do mundo, a minha vida está fora dele; se a minha vida não está no mundo, então ela serve para quê? Para ensinar? Para ensinar o quê, se não o mundo? Por um breve momento, perguntei-me se os irmãos Koop teriam dito a verdade, se realmente haveria um fogo a lavrar a norte de Molotschna. Talvez fosse possível eles terem percebido antes dos animais, saberem alguma coisa que os animais ainda não tinham pressentido. Se o fogo estiver a norte, os homens no sul, na cidade, e os olhos inquiridores das colónias de Chortiza e Hiakjeke a oeste e a leste, para onde irão as mulheres?

Mas não, certamente não haverá nenhum incêndio a norte. E

agora tenho de esperar que os Koop recuperem a consciência para descobrir se é verdade ou não.

Voltaremos a encontrar-nos, disse eu a Salome — a nossa forma tradicional de nos despedirmos.

Voltaremos a encontrar-nos, respondeu-me ela.

Salome pegou nos cadernos. Desceu a escada.

Fui até à janela e vi-a sair a correr do celeiro. Só conseguia ver uma nesga da caravana de caleches, alinhada por detrás da escola.

Enquanto esperava que os irmãos Koop acordassem:

Tinha planeado partir também, depois de as mulheres partirem. Tinha planeado finalmente matar-me. Em vez disso, encontro-me a montar guarda aos irmãos Koop, certificando-me de que permanecem inconscientes o tempo suficiente para as mulheres ganharem terreno.

Há momentos, borrifei um pouco de beladona na cara de um deles, o maior, que se chama Joren — ou é Sibbe? O maior dos dois irmãos Koop gritou enquanto dormia, e começou a dar às pernas, como que preparando-se para se levantar. Agora está sossegado.

Ambos os rapazes respiram bem e profundamente, estão com boas cores e o pulso está regular. Virei-os de lado, para que não se engasgassem, se vomitarem. Elevei-lhes ligeiramente as cabeças, compondo uma almofada de palha por baixo delas. As mãos deles, calosas e fortes, juntas em posição de oração, com as pontas dos dedos a roçar o queixo. É claro que ainda nenhum dos dois rapazes faz a barba. Estão de frente um para o outro, embora o não saibam, claro, e, vistos com esta proximidade, a sua pareença é impressionante. Serão gémeos? Embora o tal, Joren, ou Sibbe, seja definitivamente maior do que o outro, mais alto e mais musculado. E tem os pés maiores, pelo menos a avaliar pelas botas de *cowboy*. Joren, digamos, tinha aberto a fivela do cinto e vários botões na braguilha das calças. Eu arranjei isso, abotoei-o e afivelei o cinto. E a fralda da camisa do Sibbe estava de fora. Também a compus.

Que palheiro tão tranquilo. As mulheres desapareceram. Eu estava à janela e vi-as partir. Pensei: vim para Molotschna como último recurso, para ter paz e para encontrar um propósito na vida, e as mulheres deixaram Molotschna pelas mesmas razões.

Houve alguma agitação na frente da caravana pouco antes de começar a mover-se. Um dos cavalos, não provavelmente *Ruth*, nem *Cheryl*, que são muito velhas e circunspectas para se rebelarem, encabritou-se e fez desviar o eixo da carroça para a direita,

tornando impossível avançar. O eixo teve de ser realinhado e o cavalo, acalmado. Mas isso passou, e as parelhas de animais com as suas caleches voltaram à formação, pelo menos doze ou mais, cheias de mulheres, crianças e mantimentos. Estavam longe, pelo menos a duzentos metros, e eu não conseguia distinguir rostos ou formas individuais.

No início, pensei ter ouvido as mulheres a cantarem, mas corrigi-me, sabendo que as mulheres não fariam nada para chamar a atenção sobre si próprias neste momento, ou possivelmente nunca. Era apenas o som do vento a assobiar na erva alta à volta do celeiro de Earnest Thiessen, não era um canto, não era a voz de soprano clara e alta de Ona a elevar-se. Ou era um canto, mas eu estava só a imaginá-lo, ou a recordá-lo.

Fiquei à janela. Não foi um rosto que espreitou na parte da frente da quarta carroça da caravana, e uma mão que se ergueu numa despedida?

Tenho uma arma. Tive-a durante todo este tempo. Quando Salome — ou foi Mariche? — perguntou se as mulheres tinham armas, eu podia ter-me oferecido para lha dar, mas fiquei calado. Egoísta. Porque não haverá palavra na nossa língua moribunda para «salvação»? Quem me dera ter-lhes dado a arma. Agata, Greta, Ona e as mulheres mais novas teriam recusado ficar com ela, mas Salome, provavelmente, ou Mejal, ou mesmo Mariche, poderiam ter sido convencidas a aceitá-la.

Há dois dias, quando encontrei Ona no caminho de terra que corre entre a casa dela e a cabana onde eu durmo, também tinha a arma comigo, na mão. As sombras foram-se alongando e nós fomos dando passos para o lado, para a luz do Sol, enquanto íamos conversando, como já mencionei, quando eu tinha querido perguntar-lhe, mas não consegui, se ela me considerava uma lembrança física do mal. Eu tinha estado a chorar, mais uma vez, a vaguear pelos campos nos arrabaldes de Molotschna, e havia determinado que era nesse dia que me ia matar. Quando vi Ona no caminho pensei em fugir, ou atirar a arma para o milharal, mas em vez disso fiquei estático, simplesmente parado a olhar para ela à medida que se aproximava.

Vinha a sorrir, quase aos saltinhos quando se aproximou, e a dizer-me adeus com a mão. Quando ficámos cara a cara, perguntou-me onde eu ia, o que estava a fazer, e eu respondi-lhe a lado nenhum, e nada. Ela perguntou-me se eu ia caçar. Eu disse que não, não ia à caça. Olhei para a arma e disse, ah, isto, e inventei que ia devolvê-la à cooperativa. Mas porque a tens?, perguntou-me.

Olhei-a nos olhos e fiquei só a olhar. Parou de sorrir. Ficámos em silêncio.

Ela começou a falar, mas depois parou. Deixei descair a cabeça. Não queria que me visse outra vez a chorar. Ela pegou-me na mão e demos o nosso primeiro passo para a luz do Sol, fugindo da sombra que se tinha formado à nossa volta. Ela pousou a minha mão na sua barriga de grávida e disse-me, como se tivesse sido capaz de ler a minha mente, que tinha rezado por mim, tinha rezado para que eu encontrasse a graça de Deus, e que eu era uma lembrança física da bondade e da esperança, e da vida depois da violência. Ela referia-se à minha mãe e ao meu pai — não o homem que me criou e depois desapareceu, mas Peters, o jovem.

O meu pai não foi excomungado porque mostrou fotografias de pinturas de Miguel Ângelo aos colonos, nem a minha mãe porque dirigiu uma escola secreta para raparigas, no celeiro, durante a ordenha. Fomos mandados embora porque aos doze anos, quando me aproximava da idade adulta, eu tinha uma aparência física tão flagrante com Peters que me converti num símbolo, para a colónia, ou pelo menos para Peters, da vergonha, da violência e do pecado não reconhecido, bem como do fracasso da experiência menonita.

Isso era verdade? Podia ser? Onde está o mal? No mundo de fora ou no mundo de dentro? Na superfície serena do Mar Negro ou no misterioso rio que passa por baixo dele, que preserva tudo, mas só porque não há ar, não há respiração. Não há movimento. Não há vida.

Quando eu era novo, em Inglaterra, deram à minha mãe um emprego numa biblioteca. Estávamos sozinhos. O meu pai tinha partido; tinha-se metido no carro, guiado até ao aeroporto e deixado o carro no parque de estacionamento. Não tinha ficado adormecido durante mil anos. Tinha embarcado num avião.

A minha mãe levava livros da biblioteca para casa. Os livros não param de chegar a casa, e os pais voam para longe. A minha mãe explicou-me que um escritor francês, Flaubert, que já foi «Flobert», escreveu aos quinze anos uma história chamada «Raiva e Impotência». Ela leu-ma em francês e, em seguida, em inglês, ambos com má pronúncia, cheios de pausas, se é que as pausas podem encher, porque nenhuma dessas era a sua língua, a língua morta que ela e eu usávamos para partilhar segredos... Flaubert sonhava com o amor num túmulo. Mas o sonho evaporou-se e o túmulo permaneceu. Isto era a história de Flaubert e talvez, também, a história dos menonitas de Molotschna.

Visto agora, é engraçado — ou já era então, mas eu na altura

não vi — pensar como eu recitava (ah, porque uso eu a palavra «recitava», tão pesada, tão cómica), como eu *repetia* as palavras para os meus companheiros de cela, as palavras de Flaubert, embrulhadas na memória da minha mãe, do amor e da morte, a morte de um sonho, ou talvez não a morte. Faltava-me uma parte do couro cabeludo quando terminei, a parte que foi brutalmente arrancada, por eu a coçar descontroladamente, como se estivesse à procura da fonte de qualquer coisa, alguma coisa que eu perdi, um frenesim de dor. Como pode a menção do amor, a memória do amor, a memória do amor perdido, a promessa de amor, o fim do amor, a ausência de amor, a necessidade tão, tão ardente de amor, a necessidade de amar, resultar em tanta violência?

Molotschna.

Ona segurou-me a mão sobre a barriga dela até que eu sentisse a vida lá dentro, e sorri. Porque permitiu Peters que eu voltasse para a colônia? Porque sugeriu a bibliotecária que eu voltasse para Molotschna? As mulheres no palheiro ensinaram-me que a consciência é resistência, que a fé é ação, que o tempo está a esgotar-se. Mas pode a fé ser também voltar, ficar, servir?

Muito serviço também faz «aquele que de través vai indo e que, cruzando os sulcos que na lavra já abriu, derruba a margem alta».

Haverá alguma centelha pequena, mas vital, em Peters que está a tentar fazer as pazes? E não devo reconhecer isso? Ou mesmo que não seja uma centelha vital de Peters mas apenas uma brasa ainda incandescente, não deverei ter esperança de que ela cresça? E, nesse caso, não deverei eu estar aqui, em Molotschna, como lembrança física, não do mal, mas da graça de Deus?

Não sei. Só sei um facto: que tenho mais uso vivo e a ensinar as bases da leitura, da escrita e da matemática, e a organizar jogos da barra do lenço, do que morto num campo com uma bala no cérebro. Ona sempre o soube. Ela disse-me que tinha um favor a pedir-me, que precisava de mim para lavrar as atas das reuniões das mulheres. A princípio hesitei, mas que desculpa poderia dar? O que lhe podia dizer? Que, infelizmente, não estaria disponível para lavrar as atas porque estaria fatalmente ferido com um tiro autoinfligido na cabeça?

Percebo agora que lhe tinha dito exatamente isto com o meu olhar, com o meu silêncio, com a arma. (Especialmente com a arma.)

Perguntei-lhe de que lhe serviriam as atas, a ela e às outras mulheres, se não eram capazes de as ler. (Mas ela podia muito bem ter-me perguntado, por sua vez: De que serve estarmos vivos, se não

estivermos no mundo?)

E foi quando me contou a história do esquilo, do coelho e do seu jogo secreto, e me disse que talvez não se esperasse que ela os visse brincar — e ainda assim *tinha-os* visto. Talvez não houvesse razão para as mulheres *terem* atas que não podiam ler. O propósito, foi, desde sempre, eu *lavrá-las*.

O propósito era que eu as lavrasse, às atas. Vida.

Sorrio. Vejo o mundo a dobrar-se sobre si próprio, como ondas, mas sem um mar ou costa que as contenham. Não havia sentido para as atas. Tenho de me rir.

Fico à janela a cheirar o ar, em busca de qualquer sinal de fumo, mas não há nenhum, ou, se houver, não consigo detetá-lo.

Estarão as mulheres a atirar-se de cabeça para um fogo devastador?

Olho para os rapazes, adormecidos, inconscientes para ser exato, e peço-lhes silenciosamente que me digam a verdade.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão vai para três mulheres sem as quais estas páginas estariam em branco: a minha editora, Lynn Henry; a minha agente, Sarah Chalfant; e a minha mãe, Elvira Toews. Desejo, também, recordar aqui todas as meninas e mulheres que vivem em comunidades patriarcais autoritárias (menonitas e não menonitas), em todo o mundo. Todo o meu amor e solidariedade.

SOBRE ESTE LIVRO

Um grupo de mulheres sexualmente abusadas, ao longo de anos, numa remota comunidade religiosa, transforma-se, a pouco e pouco, numa força coletiva com voz própria, em busca do seu lugar no mundo.



Certa noite, oito mulheres menonitas reúnem-se num celeiro para um encontro secreto. Nos últimos anos, mais de uma centena de mulheres pertencentes à mesma comunidade foram repetidamente violadas durante a noite por «demónios» que as castigavam pelos seus pecados. A terrível verdade, contudo, é que os abusos eram perpetrados a partir de dentro, da sua própria colónia. Depois desta descoberta, decidem proteger-se, e às suas filhas, e pôr fim aos abusos.

Quando os homens se ausentam da colónia, estas mulheres, todas iletradas e incapazes sequer de falar a língua do país onde vivem, terão de fazer a escolha mais difícil: permanecer no único mundo que

conhecem ou arriscar a fuga para o desconhecido e a liberdade.

Miriam Toews, baseando-se num episódio verídico, conta-nos uma história plena de aspereza e comoção: uma fortíssima experiência de superação e fraternidade, de combate pelo poder de decidir o próprio destino e de afirmação do lugar próprio das mulheres.

«Pleno de ironia e liberdade, um romance de ideias que reflete sobre a natureza do mal, o livre-arbítrio, a responsabilidade coletiva, o determinismo cultural e, acima de tudo, o perdão.»

New York Times Book Review

SOBRE MIRIAM TOEWS

Miriam Toews nasceu em Steinbach, no Canadá, em 1964. É uma das escritoras de língua inglesa mais relevantes da sua geração. Além de *A voz das mulheres* (2018), publicou sete romances e um livro de não-ficção literária.

Foi distinguida com vários prêmios, entre os quais: Governor General's Award for Fiction, McNally Robinson Book of the Year Award, Margaret Laurence Award for Fiction e Libris Award for Fiction Book of the Year, atribuídos ao romance *A complicated kindness*; Rogers Writers' Trust Fiction Prize, para *The flying Troutmans* e *All my puny sorrows*, que foi ainda reconhecido com o Canadian Authors Association Award for Fiction e o Sinbad Prize for Foreign Fiction. O conjunto da obra de Miriam Toews foi galardoado com o Writers Trust Marian Engel/Timothy Findley Award.

A voz das mulheres foi adaptado ao cinema em 2022, pela realizadora Sarah Polley, conquistando o Óscar de Melhor Argumento Adaptado. De ascendência menonita, Miriam Toews problematiza, em vários dos seus livros, o papel das mulheres nestas comunidades.